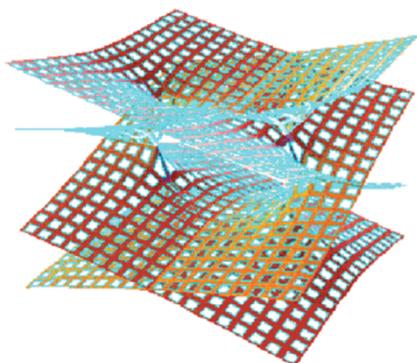


WUNSCH 21

BOLETIM INTERNACIONAL
DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO

Março 2021



WUNSCH

Número 21, março de 2021

O SABER, SE INVENTA?

ENCONTRO COM AES

22 de novembro de 2020, por videoconferência

DOSSIÊ ESPECIAL: “PRELÚDIOS”

ORTODOXIA E HERESIA

OS SABERES NA PSICANÁLISE

BOLETIM INTERNACIONAL DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO

EDITORIAL

Este número de *Wunsch*, publicado pelo CAOÉ/CIG 2018-2020, traz a marca deste período pandêmico tão particular que atravessamos desde março de 2020.

Habitualmente, *Wunsch* publica os textos apresentados no Encontro Internacional da Escola. O que correspondia no nosso mandato – *Ortodoxia e heresia. Os saberes na psicanálise* – estava previsto para 9 de julho de 2020, em Buenos Aires, mas não pôde acontecer. Apesar disso, o CIG optou por organizar, em videoconferência, a sequência prevista no programa com os AEs em exercício, em torno da questão “O saber, se inventa?” Seus textos abrem este número que se encerra com os Prelúdios escritos tendo em vista o Encontro que não aconteceu.

Vocês encontrarão, também, as contribuições procedentes do trabalho dos cartéis permanentes do CIG, elaborações sobre a experiência no dispositivo do passe, incluindo-se sua alteração com o uso do recurso telemático durante este período.

Nós agradecemos particular e calorosamente, a todos os tradutores que, nas diferentes línguas, trabalharam intensamente para que *Wunsch* continue a veicular o trabalho da Escola, no seio de nossa comunidade internacional e plurilíngue.

Beatriz Maya e Elisabete Thamer

p/CAOE 2018-2020

O SABER, SE INVENTA?

ENCONTRO COM AEs

ABERTURA

Elisabete Thamer
Paris, França

O Encontro Internacional da Escola, inicialmente previsto para 9 de julho de 2020, em Buenos Aires, não pôde acontecer devido à crise sanitária que estamos passando. Este encontro é sempre a oportunidade para que o conjunto de nossa comunidade escute as contribuições dos novos Analistas da Escola.

O CIG quis, no entanto, garantir que antes do final do seu mandato, pudéssemos ter um momento de escuta e discussão com os AEs em exercício, pois alguns deles deixarão de estar nesta função no próximo Encontro Internacional, em 2022.

O tema que tínhamos escolhido era “Ortodoxia e Heresia. Os saberes na psicanálise”. Saberes no plural, anunciava o subtítulo. Por que no plural? Porque o termo saber na psicanálise, e principalmente no ensino de Lacan, não é unívoco. Há o saber articulado, resultante da decifração, o “saber sem sujeito” que é uma definição do inconsciente, o “sujeito suposto saber”, pivô da transferência, o saber gozado, sem contar, claro, o dito saber “teórico”, proveniente dos textos que nos orientam.

À pergunta “que posso saber?”, Lacan respondeu: “nada que não tenha a estrutura da linguagem¹”. O termo invenção, presente na questão de hoje, situa-se em uma crista/em um cume, isto é, entre o que é transmissível em um testemunho de linguagem e o que, por ser real, permanece fora de alcance. Em sua intervenção no Congresso da Escola Freudiana de Paris sobre “Transmissão” (1978), Lacan afirma que “a psicanálise é intransmissível²”, o que obriga cada psicanalista a reinventá-la.

Um Analista da Escola é aquele que se aventurou a testemunhar o que apreendeu em sua análise e o transmitiu com sucesso. Mas, qual saber ele testifica?

É o que os colegas AEs, que responderam com entusiasmo ao nosso convite, abordarão nos textos que se seguem. Gostaríamos de lhes agradecer, calorosamente, por suas contribuições.

¹ J. Lacan, “Televisão”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 534.

² J. Lacan, “9e Congrès de l'École Freudienne de Paris sur *La transmission*”, *Lettres de l'École*, 1979, n.25, vol. II, p. 219-220.

O SABER, SE INVENTA?

Andréa Franco Milagres
Belo Horizonte, Brasil

Foi com alegria que após a nomeação em abril de 2019 iniciei minha transmissão nos Fóruns brasileiros. Em março deste ano, no entanto, nos deparamos com o imponderável que mudou nossas vidas, trouxe questões para a clínica e a Escola, impediu nosso Encontro Internacional em Buenos Aires, onde teria lugar os depoimentos dos novos AEs à comunidade da IF. Então, sabendo que o passe é o que faz bater o coração da Escola, tomarei a mesa de hoje proposta pelo CIG como uma oportunidade de endereçar meu depoimento, já que uma nomeação só tem lugar em uma Escola, ainda que possa produzir enlaçamentos fora dela. Penso também que um depoimento de passe tem um frescor: deixar para fazê-lo não se sabe quando – quando a pandemia passar? – pode torná-lo morno e sem vida, sem a possibilidade de afetar. E o passe é isto; ele afeta e enoda a todos que dele tomaram parte. Depois passa. É que a função AE não dura a vida toda, talvez bem menos que a pandemia. Então, ainda que muitos colegas já tenham me escutado – alguns mais de uma vez – eu lhes pedirei licença para retomar algumas coisas, sem sequer poder assegurar-lhes se já posso trazer algum avanço.

A pergunta que me coloquei diante do convite do CIG é sobre qual saber o final de análise permite dar acesso. Pois há um saber que se almeja alcançar quando começamos uma análise. No entanto, o saber obtido no final não corresponde exatamente ao esperado. É que esse saber a que se tem acesso, no fim das contas, mostra-se um saber limitado, o que não quer dizer que seja pouco. Pois que seja! O que surpreende é que com essas migalhas de saber alguém possa se dar por satisfeito e então, dizer que basta.

Uma análise implica um trabalho de decifração que debitamos na conta do simbólico, permitindo desvelar um bocado de coisas. Mas nos fiar nesse procedimento só poderia conduzir a uma análise infinita, pois o palavrório não tem fim para este trabalhador infatigável que é o inconsciente. Todavia, a experiência analítica tal como a concebemos a partir de Lacan deve levar em conta o saber em outro lugar: um saber que leve em conta o real. Então não se trata mais de decifração e sim ciframento, da redução a uma cifra. Ele o diz na “Nota italiana”: “Naturalmente, esse saber ainda nem foi para o forno. Porque é preciso inventá-lo. Nem mais nem menos: não se trata de descobri-lo, já que a verdade nele nada mais é que lenha para o fogo- bem entendido: a verdade tal como provém da sacanagem [*foutrerie*] (ortografia a ser comentada, não se trata de bobagem...[*fouterie*]³.”

Creio ser possível localizar três tempos da análise e articulá-los com o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir.

Inibição, sintoma e angústia

A angústia e a inibição eram preponderantes desde a infância. O olhar do pai se tornou voz de advertência. Seu desejo era que a filha seguisse seus passos trabalhando em um banco para ter alguma garantia.

³ J. Lacan, “Nota italiana”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 315. A tradução aqui proposta visa manter o mínimo da legibilidade para este jogo de escrita produzido por Lacan, que evoca a primazia da dimensão do sexual [*foutr*, *foutrerie*] em detrimento da insignificância [*foutaise*], *fouterie*.

A mãe tem o traço do desamparo. Perdeu sua própria mãe no primeiro ano de vida. O buraco dessa desapareição deixará marcas. Na mãe ressoará como um apelo constante dirigido ao outro e um desejo débil em relação ao saber. No sujeito ressoará como uma ponta de tristeza e um sentimento de que lhe cabia reparar esse desamparo.

Havia também uma questão que atravessou a vida impondo um extenuante trabalho: a dificuldade de extrair seu sustento da clínica.

O instante de ver: captura

A escolha do analista se fez a partir de uma cena emoldurada por dois objetos muito caros ao sujeito: o olhar e o dinheiro.

Era o fim de um seminário lotado: os participantes deixam o pagamento sobre a mesa. Cédulas e cheques. Sou capturada pela cena: aquele que seria a partir de então escolhido como analista, embola tudo e mete na pasta, sem contabilizar ou conferir. Nenhum pudor, nenhuma cerimônia: “esse homem sabe mexer com o dinheiro”, foi o que fez o sujeito chocar-se com seu sintoma.

Um sonho de autorização: tempo para compreender

Estou no consultório vazio do analista. Encontro sob o divã um colar de pedras preciosas. Está quebrado. Recolho as pedras que caíram no chão. Quanto mais quero guardá-las numa bolsinha, mais escorrem das mãos. Pergunto-me de quem seria um objeto tão precioso. Ninguém responde. Cogito escrever para a secretária do analista: ela deve saber de quem é. As pedras são fascinantes: desejo que sejam minhas. Mas hesito. Poderia eu ser a verdadeira dona das pedras?

Sou tomada de alegria quando no longo trabalho de elaboração que se segue ao sonho pude concluir que as pedras eram minhas. Mas o sonho indicava também uma queda: as pedras tinham a cor dos olhos do pai – olhos que davam medo na infância – mas era também a cor dos olhos do analista. Como aquilo que cai pode ainda ter valor? Como poderia me causar? Foi surpreendente deparar-me com isso.

A interpretação que fiz do sonho foi permitindo sair da hesitação em que me encontrava. De um lado, na vertente escópica, a queda do objeto que petrificava e constringia: o olhar do Outro, metaforizado nas pedras de um colar quebrado. De outro lado, na vertente anal, a bolsinha onde guardava as pedras estava associada à bolsa de colostomia usada pelo pai alguns anos antes. “Dinheiro é sujo”. Era uma frase escutada na infância que soava como advertência e proibição. É nisso que não se podia tocar? Os objetos pulsionais que ligam o sujeito ao Outro precisam estar caídos/separados para operarem do lugar da causa e não mais colados no fantasma que aprisiona.

É um sonho de separação, mas naquela época eu o nomeei como um sonho de autorização. Ocorreu em um momento de grande turbulência no âmbito nacional da Escola. Havia um (in)tenso debate sobre a regulamentação do trabalho já em curso entre a CLEAG, dispositivo de Escola brasileiro, a América Latina Norte e Sul no que se refere à garantia. Na ocasião eu estava bastante implicada com a questão, pois ocupava uma função na Escola. O desenrolar dos acontecimentos me causou horror. Eu me deparei com a situação de ter que posicionar-me e responder por coisas impensáveis. Uma face velada do Outro foi escancarada. Por um lado, eu não esperava encontrar isso, e de outro, havendo encontrado, como recuar?

Eu diria que ter passado por isso foi uma prova. Ainda que eu pudesse contar com alguns outros, houve nesta experiência algo da mais íntima solidão. Em todo caso, eu me sentia absolutamente

concernida com o debate e isso me fez prosseguir. Fui perdendo o medo daqueles olhos que medravam.

Todavia, entre ter um vislumbre da separação anunciada nesse sonho e chegar ao momento de concluir, havia um passo a ser dado. Mas qual? Isso me escapava continuamente e não me permitia decidir ainda que eu soubesse algo da proximidade do fim.

Eu me debatia com a pergunta sobre o que seria o fim de uma análise. Havia já nesse tempo um esvaziamento. Mas eu não sabia como terminar isso.

Uma ocorrência real talvez tenha precipitado alguma coisa: um derrame sofrido pela mãe. Ela nunca mais poderá andar. Isso abala os alicerces. Meu corpo é afetado. Tudo parecia andar, mas de repente o real se interpõe em cruz. Como posso dar um passo depois disso? Fiquei paralisada.

Neste tempo da análise fui tomada frequentemente por uma forte emoção. Deparei-me com a finitude e a fragilidade, o medo do desaparecimento do Outro, a confrontação com um traço da mãe que atordoava. O retorno de algo que talvez fosse sabido, mas evitado. O fim da caminhada. O fim da análise, a separação necessária e dolorosa do analista, do corpo do analista; a separação da mãe, do corpo da mãe; viva, não mais a mesma, e ainda, a mesma de sempre. Um luto estava em questão. Esmoreci. Terminar uma análise não é uma linha progressiva, linear e ascendente. Há paradas, descontinuidades, curvas, retrocessos. Poderia eu retroceder do ponto onde me encontrava?

Se no início da análise o afeto preponderante era a angústia, foi com o afeto depressivo que me deparei no fim. Sobre isso, encontrei ao menos duas referências em Lacan, bastante conhecidas. A primeira está na “Proposição de 9 de outubro de 1967”: “[...] ao termo da relação transferencial, ou seja, quando havendo-se resolvido o desejo que sustentara em sua operação o psicanalista, ele não mais tem vontade, no fim, de levantar sua opção[...]”⁴ Esta expressão “levantar sua opção” não é familiar na nossa língua. Talvez se possa dizer que o sujeito não renova os argumentos fantasmáticos dirigidos ao Outro, brandidos em defesa da sua neurose, até então sustentada pela transferência. É possível que houvesse outra opção, mas no que concerne à minha experiência, não olhei para trás. Fui.

Essa operação Lacan chamou de destituição subjetiva: o resto determinante de sua divisão o faz decair de sua fantasia e o destitui como sujeito. A partir daí ele sabe ser um rebotalho: é isso o que análise deverá tê-lo feito sentir. Isso será vivido pelo analisante como um luto. É o que os passadores devem estar sensíveis para recolher no testemunho do passante, para não desonrarem sua função. Lacan diz: “Quem, melhor do que esse psicanalista no passe, poderia autenticar o que ele tem da posição depressiva?”⁵

A segunda referência encontra-se em 1973 na “Nota italiana”, onde Lacan volta a usar um termo similar. O analista, no final da travessia deve ter cingido a causa do seu horror: horror de saber. Só então ele saberá ser um rebotalho. Mas a coisa não para aí. Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance. “Visto que o analista só se autoriza de si mesmo”, completa Lacan, “sua falta passa para os passadores, e a sessão continua, para a felicidade geral, embora com um matiz de depressão”⁶.

Luis Izcovich, no livro “As marcas de uma psicanálise”, escreve que ao final de uma análise encontramos uma depressão ligada à inexistência do Outro e a conclusão implica o luto do objeto *a* encarnado pelo analista. Conforme Izcovich, é uma depressão sob transferência que

⁴ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 257.

⁵ *Ibid.*, p. 260.

⁶ J. Lacan, “Nota italiana”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 314.

intervém quando o motor que alimenta a transferência, ou, seja, o sujeito-suposto-saber, chega à sua extinção.

Ele prossegue dizendo que a depressão não é o sinal do fim. Ela é o índice da travessia, mas não indica que a experiência terminou. Por esta razão dois anos mais tarde, em 1976, Lacan evoca a satisfação do fim de análise na experiência do passe, como a volta a mais que o analisante precisará fazer. Uma satisfação diferente daquela que extraia do sintoma. Portanto, uma satisfação que não seja substitutiva.

Como se pode saber o que é um fim sem nunca o ter experimentado antes?

Algo se delongava aflitivamente. Hoje eu me pergunto qual foi a operação que me permitiu sair do afeto depressivo referente à destituição subjetiva, à des-suposição de saber e à constatação irrevogável da castração.

Não tenho total clareza. Além desse topada – a mãe não vai mais andar – houve algo que suponho ter me dado um empurrão. Foi o sorteio para passadora. A designação e a participação no dispositivo funcionaram como uma injeção de ânimo. Tirou-me de uma indeterminação sintomática, de uma vacilação muitas vezes experimentada, uma espera do Outro que nunca vinha.

Momento de concluir: o santo do pau oco

Um sonho. *Estou numa cena de sexo com o analista. Na hora H ele retira o corpo fora. Em seguida desatarraxa do seu órgão, um tubo oco que provavelmente o mantinha naquele estado, ereto. Olho aquilo, surpresa: “então era isso?”* Após a interrupção brusca do ato, para além da irritação o afeto que me toca não é exatamente a decepção, mas algo mais próximo de um chiste: “ah, então era com isso que você me enganou esse tempo todo?”

Eu havia, enfim, descoberto o truque. Isso me fez rir.

O sonho me permitiu concluir pelo engano. Era com isso que eu havia me enganado esse tempo todo: com o suposto saber, com o falo, que eu mesma havia depositado lá. Uma miragem.

Era um engano supor que o analista soubesse mexer com o dinheiro, pivô da transferência que permitiu dar a partida na análise. O tubo era oco. O tubo sempre foi oco. Ora, não há tubo que não seja oco. Mas como demorei descobrir! Eu havia enfim, desencantado. É assim que se fala quando se sai de uma situação hipnótica. Hipnose da transferência, hipnose da alienação aos significantes do Outro, narcose do gozo. O sintoma antes tão grave e impeditivo, agora parecia cada vez mais besta e insignificante, sem sentido.

O que estava em jogo na situação era a posição do pai na novela familiar e no fantasma. Havia uma queixa recorrente sobre o que se esperava do pai e por extensão, do Outro. A interpretação

do analista, ali na soleira da porta, ressoa: “Então o santo é do pau oco⁷ e santo de casa, não faz milagre⁸”.

A interpretação “o santo é do pau oco e santo de casa não faz milagre” ressoa porque diz respeito ao laço com o gozo. Como lembra Lacan, “não há interpretação que não se refira à ligação entre aquilo que se manifesta de fala, no que vocês escutam, e o gozo. Pode ser que vocês o façam inocentemente, sem jamais se haverem apercebido de que não há interpretação que jamais queira dizer outra coisa, mas enfim, uma interpretação analítica é sempre isso. Quer o benefício seja primário ou secundário, o benefício é de gozo⁹”.

É, portanto, na modalidade do chiste que essa interpretação, de repente, ilumina um gozo opaco ao significativo: como um raio rasgando o céu na noite escura. O sonho (ou sua interpretação) permitiu-me sair do encantamento em que me detive durante uma vida inteira: “a menina dos olhos do pai”.

Larguei a esperança sonolenta de que algo do sintoma se desembaraçasse por si mesmo ou que o Outro pudesse me tirar daí. Mas é somente um ato que pode fazer da impotência, impossibilidade.

O último sonho: os peitos caídos.

No apagar das luzes houve um último sonho, que se resume numa única imagem. Estou na frente de um espelho, com a parte de cima nua. Vejo peitos terrivelmente caídos. Um horror. Não vejo um rosto, mas sei que sou eu, ainda que esses peitos sejam os da mãe.

Assim como no sonho do colar de pedras, eu me pergunto se os peitos caídos eram meus. De novo, hesito. Eram meus ou da mãe?

Agora, neste sonho dos peitos caídos, um sonho tão simples e reduzido a quase nada eu me deparo com o duplo e o horror diante do que vejo. Há aí o objeto oral, o seio, mas também o corpo da mãe, um dia tão belo e que agora encontra a velhice e a queda. Disso também é necessário fazer o luto, me separar das aderências e identificações. É preciso que se faça isso em vida. Agora. Não há mais tempo. Ainda há algum tempo? Continuava urgente. Eu não suportava mais esperar.

O analista profere uma interpretação derradeira:

“Agora você já pode meter os peitos”.

⁷ Aqui cabe um longo parêntese. “Santo do pau oco” é uma expressão popular utilizada no Brasil para designar um indivíduo de caráter duvidoso, que aparenta o que não é, iludindo todos à sua volta. A origem da expressão é histórica e tem uma relação com o lugar onde nasci: Minas Gerais. Tudo começou quando o Brasil era colônia de Portugal. Nos séculos XVII e XVIII todo o ouro extraído do território brasileiro deveria ser levado à fiscalização. Ali era pesado e medido, seu teor era testado para ser fundido em seguida. Um quinto do ouro era retido para ser enviado à coroa portuguesa. O descumprimento desta determinação acarretava sérias consequências. Muitos exploradores, para escapar dos pesados tributos de Portugal, mandavam fabricar santos de madeira completamente ocos. O santo era preenchido com ouro e pedras preciosas, passando despercebido, ludibriando assim o fisco. Os santos do pau oco não eram imagens de devoção, mas invólucros para transportar riquezas. Disponível em <https://www.significadoscom.br>. Acesso em 17 de novembro de 2020

⁸ “Santo de casa não faz milagre” é outro ditado popular. Significa que as pessoas próximas, como familiares, não resolvem problemas com a eficiência de alguém de fora. Disponível em <https://dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 9 de abril de 2020. É preciso acrescentar que a interpretação joga também com o sobrenome herdado do pai.

⁹ J. Lacan, *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne* □ O saber do psicanalista □, trad. Vera Ribeiro, revisão técnica Romildo Rego Barros, Rio de Janeiro, Zahar, 2011, p. 26 (lição de 4 de novembro de 1971).

Não havia mais o que dizer. Tive certeza de que isso era o bastante e que a experiência estava concluída. A mãe não pode mais andar. Eu preciso continuar. Esta constatação levou-me a dar o passo e arrancou-me de uma hesitação que havia se prolongado demais.

Retomo então uma pergunta: o que se sabe depois do fim? Certamente bem mais que no início. Todavia, é preciso considerar qual é o lugar desse saber e qual sua relação com a verdade. Lacan nos ensina que a verdade, só se pode semi-dizê-la, aí está o nó: o saber do psicanalista deve sempre ser colocado em questão. “Da análise, ao contrário, há uma coisa que deve prevalecer: é que há um saber que se retira do próprio sujeito. No lugar do polo do gozo, o discurso analítico põe o S barrado. É do tropeço, do ato falho, do sonho, do trabalho do analisando que resulta esse saber. Esse saber, este não é suposto: ele é saber, saber caduco, migalha de saber, submigalha de saber. Assim é o inconsciente. Esse saber – é o que eu assumo- eu o defino, traço novo na emergência, por só poder postular-se como a partir do gozo do sujeito¹⁰”.

Para terminar retomo um poema ao qual Lacan refere ter encontrado num almanaque, cujo autor segundo ele, não era desprovido de talento.

*“Entre o homem e a mulher,
Há o amor.
Entre o homem e o amor,
Há um mundo.
Entre o homem e o mundo,
Há um muro”.*

“Quando se diz que *Há um mundo*, isso significa que *Vocês nunca chegarão lá*. Como quem não quer nada, diz-se no começo: *Entre o homem e o mulher há o amor*, o que significa que isso gruda. *Já um mundo*, flutua. Mas com *Há um muro*, aí vocês compreendem que *entre* quer dizer *interposição*¹¹.”

No fim das contas, o que se encontra nesse apagar das luzes da experiência é sempre um muro. Aliás, como lembra Lacan, esse muro está em toda parte. Segundo ele, um poeta é que diz que é um muro, mas não é muro, é simplesmente o lugar da castração. O que faz com que o saber deixe intacto o campo da verdade.

Entretanto, dar de cara com o muro não nos coloca outra saída senão inventar. Daí meu gosto pelos becos estreitos, lugares que sempre encontro quando me aventuro. Inventei uma coisa que eu nunca havia sido em toda a vida: uma mulherzinha¹².

¹⁰ J. Lacan, *O seminário, livro 19, ...ou pior*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, p. 2011, p. 77.

¹¹ J. Lacan, *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne* [O saber do psicanalista], *op. cit.*, p. 91 (lição de 6 de janeiro de 1972).

¹² Em português “mulherzinha” literalmente é uma mulher pequena. Todavia, remete também a uma mulher qualquer. Mas uma mulherzinha pode ser ainda o contrário de um “mulherão”, que comporta em si a insígnia fálica, cujo sentido, sem dúvida apontava para uma identificação paterna.

O SABER, SE INVENTA?

Alejandro Rostagnotto
Córdoba, Argentina

*Meu corpo era uma harpa e suas palavras e gestos
eram como dedos correndo sobre as cordas.*

James Joyce (1914), “Dublínenses”

I

O início da experiência analítica, báscula sobre uma suposição de saber que vai permitindo um acesso ao inconsciente definido como um saber não sabido. A elaboração analítica ao mesmo tempo que questiona e desvela sentidos obstruídos, produz, provoca, agita um novo saber. Um caminho que nos conduz a uma apropriação parcial e a elaboração de saber, não - todo.

A subversão que propõe a análise, consiste em emancipar o saber da regência das identificações e da posição de objeto no fantasma. É uma operação de desconstrução das alienações:

- da experiência do narcisismo imaginário
- da alienação substancialista ao simbólico instituinte.

A elaboração analítica, isola finalmente um eixo problemático, o osso do real, o *Kern unseres Wesens*¹, de onde se tenciona a relação do saber com o real.

Sabemos por experiência, que o fantasma se torna a pulsão - tal como expressa Lacan. A gramática pulsional se experimenta por um lado como *subjetivação* do que causa a contingência da palavra como combinatória insistente dos signos de satisfação, como morfologia do desejo e lógica individual do funcionamento masoquista do fantasma. Por outro lado, está o limite da elucubração de saber inconsciente, não-todo... o que provoca uma objetivação de si mesmo. Resultado que acontece fora do Outro, ainda que dentro do campo lacaniano do gozo. É através dessas coordenadas, que entendo que a autorização a si mesmo, tanto para o sexo como para o analista, em ambos os casos se autorizar a si, é distinto de autorizar-se no outro, do outro.

Transitar essa experiência, produz um saber não-todo. No limite da experiência subjetiva, apreende-se a si mesmo objetivamente, nas circunstâncias iniciais do nascimento do Outro. As versões do fantasma, incluem tanto a interpretação íntima e pessoal do desejo do Outro, como a captação disso que se foi nesse desejo. Essas versões são um modo de fazer existir a alteridade por via do gozo, motor ou causa do não querer saber nada disso.

Distinta é a via do saber que pode ocupar o lugar da Verdade, como o ensina Lacan, implica um tipo de agenciamento do saber, de onde o objeto em posição de causa e causa de falta, faz desse saber, um saber sobre o limite da experiência subjetiva.

Saber sobre o limite do saber, um saber sobre o *irredutível* da *Urverdrängung*, o recalque primário, ênfase, irredutível, visto que não se reduz. Sempre haverá um resto não recuperável nem elaborável, por mais que eu tenha sabido me representar esse impossível.

Saber que já não há mais o que dizer, só se sabe quando é sabido. Talvez depois de um... *não sei, é assim ou finalmente era isso, agora eu sei*. Mas aí não termina a coisa, é a partir daí que há

¹ N.T.: *Kern unseres Wesens*, expressão usada por Freud no capítulo sete da *Traumdeutung*, traduzida por: “núcleo de nosso ser”.

possibilidade de *um novo saber um saber-fazer aí*. Esse saber sem garantias, é um saber responsável que se sustenta com os atos de decisão. Um, eu não sei, não – todo, que se fez amigo da pulsão e da castração.

Diante do real, não resta mais do que a linguagem, que o semblante, e uma nova instituição do sujeito, emancipada do sintoma imposto e da angústia.

O *en sei* ao que me refiro, não é um saber consciente, é um saber pragmático de cara ao isso pulsional. Em vez de desencadear o sinal de angústia - que leva ao sintoma ou a inibição, sabe ler os signos corporais desse sinal e dependendo da ocasião, atua, faz semblante, modifica o corpo ou outras estratégias não subsidiárias do fantasma, mas sim marcadas pelas pulsões constitutivas.

Se há algum tipo de saber fazer com a pulsão, ele se inicia sabendo que, ao contrário de nos opormos a ela, não querendo saber sobre o gozo que *carrega...* depois do atravessamento do fantasma, esse saber é um saber ler os signos da *Drang*, saber traduzir a tensão interior, em uma força *pulsionante* sobre a existência (já não sobre o sintoma ou fantasma). Estratégia de um analisante de um *canalisante* do *Trieb*. Esse saber se inventa, mas também o podemos chamar *estilo* que é próprio na medida que não vem do outro. Destaco dessa maneira um saber-fazer pragmático, que não vem do inconsciente simbólico, que não procede de uma elucubração de saber, não é da ordem do penso, senão, como disse Lacan, um saber-fazer aí em corpo.

II

Interrogado Lacan pela pergunta kantiana: que posso saber? - ele não tarda em marcar a diferença entre a visada filosófica teológica e a psicanalítica que parte do suposto do saber. O saber não é um objetivo a se produzir, algo que se busca encontrar, senão que está dado. O início da análise marca esse ponto de partida (início e divisão, rachadura) subjetivo no qual a abertura do inconsciente permite o desenvolvimento dos fios lógicos que tecem o sintoma.

Desalinhar a envoltura formal do sintoma, nos permite ir tecendo outra trama com o amor de transferência. Mas esse amor que se dirige ao saber se encontrará com o fato de que, fazer do saber um parceiro, está destinado à desilusão, ao fracasso, ao impasse. Devemos então, nos armar de paciência, dado que é necessário um novo amor, de onde a libido tenha outros circuitos que os predeterminados pelo destino fálico da significação edípica. É necessária uma mudança de estatuto do saber, uma mutação do *Sujeito Suposto Saber à equívocação do saber*.

A equívocação do sujeito suposto saber pode entender-se como seu fracasso, sua falha. Este último termo tem como seu antecedente os atos sintomáticos descritos por Freud tal como o ato falho. *Vergreifen Akt*, mostram o logro de um desejo inconsciente. A suposição de saber articulada ao amor de transferência vela em seu semblante a causa do desejo.

Equívocar a suposição de saber pode querer dizer, valer-se do tropeço (de falhar) da abertura e fechamento do inconsciente, do modo que cada um procede com o saber inconsciente para assinalar que o sentido (seu gozo e sua significação) amado e rechaçado a cada vez... é um semblante, por mais que resistamos a deixar de venerá-lo... é um semblante... e esse sentido produzido pela elaboração do saber inconsciente: não conclui.

Equívocar o sujeito suposto saber vai provocando inexoravelmente a emergência de um real no limite do simbólico, isso fala, baixinho... e diz sempre o mesmo. Dupla revelação: a existência de um saber sem sujeito e que o sujeito é *in initio*, resposta do real.

A experiência do sujeito do inconsciente já não é a de um saber não- sabido, mas sim a de um *isso diz*, sem que o sujeito se represente ou se diga ali.

Comprovamos em corpo próprio que o laço com um discurso, do qual como sujeitos podemos ser suprimidos e ainda assim... esse discurso subsistir. Nosso apego ao sentido, ao sentido como semblante – que pode por vezes estar enodado ao sintoma padecido e ao saber inconsciente, uma vez que é desvelado, mostra com suficiente claridade que a economia libidinal (que inclui o narcisismo) esteve amarrada por amor, as garantias paternas. Essa corrente libidinal que no início da análise foi aproveitada para *façon condescender o gozo ao desejo*, deve encontrar outra via.

III

É necessário nos apropriarmos de um novo saber, já não suposto, não sabido ou mera elucubração, coextensivo do sintoma padecido, é necessário um saber novo e de outro tipo.

- Saber que o significante não responde a incógnita do ser e do sexo que brota da hiância causal.
- Saber que o gozo falha em dizer o ser. Tão pouco sua voluptuosidade dá garantias de onde aferrar o ser. Problemática bastante conhecida na aposta masoquista do fantasma, vontade insuficiente para manter erguido o corpo - falo.

De uma maneira ou de outra a castração sempre se impõe, e as referências que poderiam depurar a subjetividade, resultam insuficientes... toma peso aqui *o encontro fortuito com um dizer*, que é o dizer da pulsão, um *deuzer*. Um dizer que poderia ocupar o lugar vacante de Deus, do pai amado/odiado?

A problemática das garantias (individuais?) é um problema crucial para a psicanálise, Lacan insistiu em mostrar com Descartes que há um sujeito do conhecimento que funda seu ser no pensar, e que deixa nas mãos de Deus, garantia última, autoridade garantidora de todo saber. Esta modalidade, não é muito distinta da do neurótico freudiano que faz do pai, o *em-nome-de* a partir do qual sua existência tem sentido.

Uma vez desconstruídas as garantias paternas, identificatórias, sintomáticas, o lugar do semblante paterno doador de sentido sexual fica por momentos vazio, fica vazio daquilo que outrora outorgava a segurança ou a tranquilidade resignada do escravo trabalhador. Uma vez que o Destino em sua imposição e sua re-petição, deixam cair o rosto do Deus freudiano, com suas leis de ferro que só dão lugar ao desejo como negativo da proibição... é necessário outro destino. Um destino com “d” minúscula (sua diferença está na escritura) como o deus de Einstein, que joga os dados. Destaco assim o valor da contingência, do azar, do novo que se dá como achado, um dizer que finalmente descobrimos como fonte da verdade, um *deuzer*, ou ainda um ateísmo possível na medida que o lugar da referência já não é transcendente se não imanente a *alíngua*.

IV

O início da análise, ao pôr em ato a realidade sexualizada do inconsciente, mobiliza a garantia a deslocar-se ao lugar do sujeito suposto saber: uma *fixação*, um tanto mítica da ancoragem subjetiva que produz um reordenamento libidinal.

Pouco a pouco o processo analítico, permite uma elaboração e apropriação do saber, que desvela esse semblante, e prepara as condições para transitar o vazio da estrutura. Depois dos semblantes de amor – desejo – gozo, uma vez desvelados, nos encontramos com o silêncio das pulsões, o *ser falante* não sempre fala.

O corpo enquanto vive é atravessado pelo impulso da pulsão, em outras palavras, a desconstrução do inconsciente saber, nos põe na rota do inconsciente real, e suas afetações.

O saber no real, se o apresentamos com o nó subjetivo, bem pode ser mostrado como a existência do sintoma mórbido correlato do saber inconsciente, não muito mais que isso.

Me interessa mostrar outro tipo de saber do que o que se enoda ao semblante do sentido, um saber posicionado no lugar vago e vazio das antigas garantias. Obviamente que esta invenção de saber é sem garantias, não-todo, parcial, e localizado singularmente.

Não é um saber assegurado, mas pode estar à disposição. É suscetível de ser transmitido, mostrado, narrado, testemunhado, mas jamais universalizado.

O saber que se inventa na análise (assumo que há outras invenções equivalentes fora da análise) não brota de nenhuma garantia, senão de sua falha, e se situará no lugar da fixão desconstruída. É uma invenção que acompanha a *Drang* (impulso) do *Trieb* (pulsão) é um saber que ao tempo que se desconstrói a si mesmo dá lugar a sua própria metamorfose. Nem suposto, nem equivocado, se trata de um saber-fazer especificamente com as próprias pulsões constitutivas. A presença do analista aqui é muito importante, já que deve permitir que o analisante construa por si mesmo esse saber. Talvez em dois momentos decisivos do tratamento, além da entrada em análise.

A - Um desses momentos é quando o analisante advém analista de seu próprio caso e sabe de que se trata, seu caso é um caso analisado, as coordenadas básicas que resolvem o enigma de seu ser, causa de seus sintomas... estão objetivadas. Mas, ainda assim, o analisante segue... segue um caminho de separação desse lugar que o alojou, que o agenciou e que o permitiu certa emancipação, a redefinição de seus laços sociais e a consolidação de um novo eu.

B - O outro é o momento de concluir a análise, momento de consolidar um saber fazer emancipado do programa do Outro. Este momento conclusivo é resistido, sabemos dele uma vez que o atravessamos, requer a *Drang*, o azar, o *Witz*. Este momento, está fora do programa... alguma contingência o precipita e só sucede quando há corpo disponível a registrá-lo, e atuar em consequência: fechamento do ato.

No meu caso, logo que atravessei, me precipitou à instituição, a minha instituição e a instituição a que demandei o passe (tempos depois).

Outro momento fecundo onde saber-dizer frente a quem sabe escutar, faz laço, faz escola de psicanálise, faz escola de psicanalistas, analisantes de sua própria experiência. A que passou e a que passa e que vou construindo com vocês. Gostaria de sublinhar que o saber inventado em um trajeto de uma análise recai finalmente em um saber fazer *em* e *com* as contingências.

V

Todo esse movimento de áridos que a escavação analítica produziu, toda essa modificação da cartografia subjetiva, deixa uma paisagem distinta que é necessária habitar de outra maneira. Novos circuitos libidinais para a pulsão, novos laços, novos lugares de encontro. Viver a pulsão de outra maneira requer um saber fazer, sobretudo com o corpo. Se necessita de uma pragmática renovada, elástica, mutante, um saber pragmático, um corpo sensível... ao caleidoscópio da sorte que não está lançada [*echada*] (sic), que não está dada [*hecha*]².

Como deus joga os dados, um corpo sensível, o aproveita para benefício próprio. Servir-se dele é algo distinto de ser seu servo.

² N. T.: optamos por manter as palavras no espanhol para preservar o jogo homofônico entre as *echada* (lançada) e *hecha* (feita, dada).

Por o acento neste *saber pragmático*, invenção da análise, tem por objetivo mostrar ou destacar que a solução pelo sintoma não outorga por si mesma uma estabilização persistente do nó subjetivo. Não há novas garantias que venham no lugar das garantias perdidas. Há um corpo disponível para fazer passar o *Drang es Trieb* pelo buraco central da estrutura. A energética pulsional, enquanto há vida, não cessa, por isso enquanto haja vida a invenção é permanente, é necessária uma posição resolutiva, que não faça regra de suas descobertas, dado que nada está garantido.

Pretendo destacar que é a ação, o ato (*Akt*), o que faz do material que oferece o azar, o estofo de onde se pode enodar R, S, I, uma e outra vez. Ao final da análise não encontramos novos trajes para o gozo, provocamos, produzimos...novos corpos performativos. Saber fazer com o corpo implica sua reinvenção. Saber fazer com o sinal de angústia, a pré-consciência e a aflição, como índices que requerem uma resposta corporal diversa e *não* o desenvolvimento da inibição, o sintoma ou angústia, é uma condição corporal necessária donde o montante pulsional pode investir outros desejos para além da neurose. Acaso não seria este o requisito mínimo para o desejo do analista?

VI

O desejo do analista requer saber fazer com o corpo. Implica a reconciliação com o isso pulsional, dando-lhe um novo curso. O desejo do analista, como todo desejo é a manifestação, é o representável, do irreduzível da pulsão. É um modo de viver a pulsão³. A esta invenção do saber fazer com o corpo (invenção que se produz por efeito da análise) podemos chamá-la *corpoanalista*, um saber que parte da disponibilidade de um corpo sensível disposto a prática analítica. Dita prática produz por efeito de seu agenciamento, um discurso provocador de um laço social específico, de onde o semblante que rege o destino de separação, em uma análise, está comandado por um semblante de objeto, daquilo que o analisante foi no desejo do Outro.

Esse *corpoanalista*, deve saber *estetizar* dito objeto a condição de saber privar-se, de abster-se de ser sujeito. Não digo estilizar, senão que marco a junção ou afinidade entre ética – estética, e também seu aspecto tético, quer dizer de manifestação do ser corporal (ainda que tético inclua também a ideia de mundo habitado por fatos não só por ditos...me interessa também destacar o sentido musical para esta palavra, tético é quando um tema musical começa em tempo, quando o primeiro golpe do compasso coincide com a primeira nota musical...) Subjaz a essas metáforas a ideia de que um *corpoanalista* é um corpo *adisponibilidade* do analisante, uma tópica de onde *das Ding* (que não é demonstrável por nenhuma via de racionalidade ou saber) se mostra, se dá a ver e a ouvir, se capta em ato e não é representação.

Se o pensamos com a metáfora do nó borromeano essa disposição corporal, a encontramos na medida em que o nó se estetiza. Quer dizer, uma modificação ética, estética, tética. Em outros termos, como o chama Lacan: *deser* (*désêtre*), fazer-se o suporte desde onde graças a nós o analisante enganchará um dizer interpretante.

Pelo exposto proponho que o *corpoanalista* *sabedeser*.

VII

O imperativo da análise “que se diga” corresponde a este saber fazer, a esta disposição corporal de agenciar o que se diz em busca do dizer dos ditos. Essa disponibilidade a escuta supõe *saber*

³ Cf. J. Lacan, *El seminário 24, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à moure*, inédito.

as próprias determinações que condicionaram a eleição da prática analítica. O desejo do analista responde pouco ou nada a pulsão epistemofílica, ou a história infantil, do que a história pulsional e se o encontra logo... logo que objetivou a própria causalidade inconsciente. É um desejo contingente que poderia não ter estado. Está... por causalidade.

Uma vez que a pulsão está emancipada dos destinos programados pelo Outro na alienação, há chances de outros caminhos, de tal modo que o encontro consigo mesmo em termos pulsionais, pode permitir um saber fazer pragmático que se dispõe a redirecionar a libido e sua satisfação.

O *corpoanalista sabedese*. O que se escuta e o que se diz no contexto analítico implica um saber fazer com o nó subjetivo próprio, com as cordas RSI de tal maneira que permita enodar e afinar o ato as vezes que sejam necessárias, as cordas do instrumento corporal, para que ressoem não só em si mesmo mas também em outros os ecos do dizer.

O analista se satisfaz em ser o instrumento... musical... donde cada um pode interpretar sua própria partitura, fazendo todas as variações necessárias, para finalmente saber fechar o *Akt*.

O *corpoanalista* sabe trançar suas próprias cordas para fazer surgir um elemento suplementar, pragmático, artesanal... que podemos chamar semblante. Como afirma Lacan⁴ o ser se separa de seu semblante, aqui essa separação é utilizada a serviço do tratamento. Não se trata do ser do analista como dizíamos. A disposição corporal para o uso do semblante vai em outro registro da experiência. Lacan adverte que o analista não é um semblante, ele ocupa o lugar do semblante, a posição de semblante na experiência analítica, desembaraçando a verdade para o analisante, interpelando o gozo. Mas nada disso é possível sem um corpo.

Um corpo entre outros corpos. Corpo que toma corpo. Corpo que faz corpo. Corpo que te quero corpo. Corpo de cada dia. *Corpoanalista*. Corpo analisante. Corpo mutante. Corpo enxertado. Corpo que te quero corpo. Corpo a corpo. Corpo estranho. Corpo insurgente. Corpo sem mente. Corpo semente. Corpo que te quero corpo. Corpo vivente. Corpo que faz corpo.

Tradução: Ida Freitas

⁴ J. Lacan, *O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985, p. 104.

O SABER, A GENTE INVENTA PRA “SE DISTRAIR”

Adriana Grosman
São Paulo, Brasil

Podemos falar na televisão, na rádio, em Genebra, Caracas ou em Roma, fazer semblante de caixeiro viajante, do Oiapoca ao Chui¹, podemos falar de psicanálise onde for, por muitas vias, das estradas mais tortuosas das serras de Teresópolis, até hoje, de casa, on-line, mas para falar da ex-sistência do inconsciente depende de um discurso que o escute. A psicanálise é um discurso, aliás o Real nos chega a partir daí, do discurso analítico.

Nesta prática do discurso do analista que resulta o que é do dizer verdadeiro – “é que é *ao dizer a verdade* (quer dizer, as babaquices, aquelas que nos vem à cabeça, aquelas que nos moem, assim), que se chega a abrir caminho em direção a alguma coisa que é, realmente, contingente, apenas algumas vezes – e por erro! –, *isso cessa de não se escrever*, como defini o contingente. A saber, que isso leva, entre dois sujeitos, a estabelecer alguma coisa que tem *a aparência* de se escrever²”.

Desta forma, por erro, também vai a carta de amor, d’(a)muro, (a)*mur*, jogando com a sonoridade do (a)*mour* = (a)muro/(a)mor. Carta, também *lettre*, letra, que leva alguma coisa ao seu destino. Acaso ao qual nem sempre se chega e, se chega é pela via dos significantes, e carrega assim, a marca do não encontro possível de dois, dois seres falantes, divididos pelo muro da linguagem. Essa é a grande questão.

Presente no percurso do ser analista, diferentemente de outros percursos de formação, o título e os mestres, reguladores importantes para indicar a conclusão de um caminho, dizem pouco, porque quem pode dizer dessa passagem, é o próprio analisante. Este é ainda responsável por transmitir, o que soube de sua experiência de análise. Proposta instigante e ao mesmo tempo impossível, como já dizia Freud, se referindo a difícil tarefa desses ofícios como o educar, governar e psicanalisar.

Trata-se do real, este que se opõe ao sentido, como aquele que “não cessa de não se escrever”. Sendo assim, como transmiti-lo, esse real? Levando em conta que há transmissão justamente quando se escuta algo que se escreveu, por efeito de discurso. Paradoxo colocado de saída, como escutar o impossível da transmissão?

O trabalho do passe escreve algo, não sem o trabalho da Escola e não sem o trabalho de Fórum. Se misturam em alguma medida. O passe não faz sentido em outro lugar, veremos por quê. Senão nessa tríade.

Um não vai sem o outro. Fóruns, que não são Escola, mas orientados por ela, são a porta de entrada e o espaço para o trabalho acontecer, cada qual no seu tempo, no entanto, se esvaziaria se não fosse o desejo sustentado pelo analista neste coletivo, que faz a formação rolar, e nesse particular, onde se debruça cada analista, no dia a dia da sua clínica particular. Este que permanentemente se pergunta, “o que é ser analista?”

Da sua solidão se interroga de seu saber e no coletivo, pode dizer com Lacan: “a razão, de vocês serem, para meu lamento, tão numerosos, para escutar-me, está no fato de que o que eu veiculo

¹ Do Iapoca ao Chui, Trata-se de uma referência a dois extremos territoriais do Brasil (do norte ao sul), que pode significar diversidade cultural, abrangência nacional e até exagero.

² J. Lacan, *O seminário, livro 21, Os não-tolos erram (Les non-dupes errent)*, edição de circulação interna, lição de 12 de fevereiro de 1974, p. 123.

é o que emana no Discurso Analítico. No Discurso analítico as coisas procedem de uma maneira diferente e é por isso que estão aqui: na medida em que aqui eu o prolongo. É o que faz o corpo do que eu digo³.”

Assim, propõe que não precisa de uma lista numerosa, mas de trabalhadores decididos, como ele se autoriza a dizer no “Ato de fundação”, nove anos antes, falando da Escola. Por outro lado, equivocava, quando diz “eu lamento”, colocando o corpo em jogo, diferente de um simples dito. O que faz, os outros, abrirem os ouvidos para escutá-lo. Deste *dizer verdadeiro*, saber real.

Tratar-se-ia, então, de três, nunca dois, o tempo todo Lacan insiste no três, não dá para pensar no trabalho de Fórum e trabalho da Escola sem o terceiro aí, que seja, o analista? Trabalho de analista (trabalho de passe), aquele que é agente de uma transmissão, na Escola e, portanto, também no Fórum, não repetindo a *ensinhança*, senão trazendo tique para a dança, fazendo o três bailar e desfazendo o encontro de dois; o três ex-siste, o real é três, diz Lacan. Aqui é o dizer da matemática, de Cantor que impera, real que toma corpo na angústia. Angústia ou horror que serve para acordar o outro, necessário lembrar disso.

Por quê este trabalhador, o AE, analista de Escola, muitas vezes some, deixando parecer dois ou um coletivo, mais conhecido como colegiados. Seria ele tapado enquanto buraco?

Fica claro, com a escrita do nó, “Não dois, pelo menos três, e o que quero dizer é que se vocês forem três, isso já faz quatro⁴.” Eis, portanto, a escrita do nó, lidar com a inclusão do “mais um”, o buraco que constitui a causa, nomeado de objeto *a*, que seja, desejo do analista, o que aí faz suplência a esse furo inaugural.

Desavisados somos, do furo, muitas vezes num tempo de uma análise e muitas vezes no tempo de uma formação, deste: Por vir!

Contingência levada em conta na Escola, que só faz sentido ali, no “corpo” de um Fórum, onde as pessoas se encontram para ouvir, falar, formar, criticar, passar e podem passar sem saber dela, algumas poucas vezes passa, como um erro. Um *errent*.

O cartel e o passe são dispositivos da Escola, trabalhos de Escola, que orientam o trabalho de Fórum, porque justamente deixam evidenciado o furo. Colocando o analista no laço, fazendo rede e formação continuada, interminável, mas *tíquico*, topadas que desconcertam no sentido do advento do se fazer analista também ali, seja diante da contingência do texto para transmitir nas formações clínicas, seja na contingência do sorteio na passagem como passador ou para o passe.

Evitar o *collage* na Escola é um ponto importante que com o cartel se anuncia no “se juntem e dissolvam os laços”, o passe também diz de um fim, de um laço transferencial que dura um pouco mais e se solta, quando o analisante se autorizar analista. Separam-se. Fim de um laço. Entretanto, o trabalho do passe parece trazer algo mais disso, da própria contingência, analistas que deram suas provas, passaram à transmissão, disso e o que? Fim novamente.

O AE cai, não sai da Escola, cai no seu tempo finito.

O trabalho de passe se escreve num momento, é a própria contingência, na sua relação solitária com o impossível.

“Como não considerar que a contingência, ou o que cessa de não se escrever, não seja o lugar por onde se demonstra a impossibilidade, ou o que não cessa de não se escrever? E que por aí

³ *Ibid.*, p. 122.

⁴ J. Lacan, *O seminário, livro 22, RSI*, inédito, lição de 15 de abril de 1975.

se ateste um real que, apesar de não ser mais bem fundado, seja transmissível pela escapada a que corresponde todo discurso⁵”.

Poderíamos escrever, trabalho de Fórum e trabalho de Escola amarrados pela contingência-impossibilidade de fazê-lo? Que laços para solidão?

“O que a gente não tem a gente inventa.
O nosso amor a gente inventa
Pra se distrair
E quando acaba a gente pensa
Que ele nunca existiu”
(Cazuza)⁶

Um saber, a gente inventa?

Dizer pelos Fóruns afora, que estão se organizando enquanto espaço, para receber esses interessados em escutar, mais além dos ditos, fazemos isso muito, sem saber; mas de alguma forma, aqueles que escutam, aguçam os seus ouvidos, dependendo do quanto estes dizeres estão atravessados pela transmissão.

O AE transmite a partir de um esquecimento no corpo, precisa subir no banquinho para dizer, um poder dizer, de um não saber, porque é o tempo todo esquecido, apagado, mas ao subir no banquinho pode dizer. Diz a lenda que qualquer um, que chegando em Londres, no Hyde Park, pode subir no banquinho, que o põe em suspensão do chão, e deste lugar pode falar, pode até falar mal da rainha.

Que sacada essa de Lacan, Um tolo (*dupe*) do inconsciente, andarilho, usado para isso. Para trabalhar para Escola, impulsionado pelo desejo.

Que um do acaso, que acabou a sua análise e está tocado pela recém-descoberta do inconsciente, real, incurável; que este saia com seu banquinho embaixo do braço, com o subterfúgio de contar da sua análise. Interessante que falei disso na minha primeira fala como AE, não é da história que se trata, logo vi, para transmitir a psicanálise viva ainda, como experiência nova, adiante. Radiante!

Em frente...que não faça como Freud ao tentar tornar esse Discurso do analista adequado ao Discurso da Ciência, essa era a sua *eRRância*⁷.

Les Non-dupes errent, é o passe, começa assim: “Então eu recomeço. Recomeço, já que acreditei poder terminar.... Recomeço, até *porque* acreditei poder terminar. É a isso que chamo, aliás, de passe: eu acreditava que tivesse passado⁸”. Se escreve: “Os não tolos erram”, ou fazer alguma coisa com “Os nomes do pai” (*Les noms du père*), a saber, isso do qual prometi nunca mais falar, diz Lacan. A ex-comunhão, a própria, que o fez parar, como transmitir essa história sem contá-la? Infinitas são as separações.

Com o “não me imitem”, Lacan deu a letra. Façam como eu, mas não me imitem, diz ele, referindo-se talvez a doxa da fixão.

⁵ J. Lacan, “Introdução à edição alemã de um primeiro volume do *Escritos*”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 556.

⁶ Agenor de Miranda Araújo Neto, mais conhecido como Cazuza (1958-1990), foi um cantor, compositor, poeta e letrista brasileiro.

⁷ J. Lacan, *O seminário 21, Os não-tolos erram (Les non-dupes errent)*. *op. cit.*, lição de 12 de fevereiro de 1974, p. 28.

⁸ *Ibid.*, lição de 13 de novembro de 1973, p. 11.

No livro, *Jacques, o Sofista, Lacan, logos e psicanálise*, Barbara Cassin trabalha essa questão da Doxa, visto que a doxografia é “a escrita das opiniões”, “vê-se bem como é formada. “Grafia”: escrever, fixar; trata-se com a doxografia, da passagem do oral ao escrito, de uma modalidade de transmissão a outra, de uma modalidade de memória a outra. Mais precisamente: trata-se da passagem do entusiasmo ao traço⁹.”

Indo direto a questão do, como transmitir, ela responde, depois de discorrer lindamente sobre a doxografia, é: pela *fixação*. Cito-a: “Tal é o momento incorrigivelmente doxografico-linguagiero da transmissão lacaniana. O destino normal dos matemas, dos quais não se sabe o que querem dizer, é precisar da linguagem para transmitir: ‘Esta é toda a claudicação da coisa’. Por que a formalização matemática, a única a se transmitir integralmente, seria (ainda) nosso objetivo, nosso ideal, ao passo que para se transmitir e para subsistir ela precisa ‘da língua que eu uso’? A “objeção” (nenhuma formalização da língua é transmissível sem o uso da própria língua) convida, em todo o caso, a se voltar para o uso da própria língua. Minoremos, portanto, a verdade, como ela merece¹⁰”.

Para minorizar a verdade, como ela merece, é preciso ter entrado no discurso analítico.

E para concluir, o final de uma análise pode ser o bastante, e chegar para o sujeito, mas para a Escola interessa que você possa dar provas disso, no sentido da formação, transmissão, por isso o passe não faz sentido em outro lugar, senão na Escola de psicanálise, não serve para demonstrar mais nada. Há também a ideia de colocar à prova a *historização* da análise, como lembra Izcovich, “o termo remete à histeria, no sentido de que a análise é determinada pela questão de querer saber sobre o que me anima a isso e tentar demonstrar esta experiência para os outros; não basta dizer: ‘terminei’. Colocar a prova é: “prove-me isso¹¹”. Por isso não é algo que se imponha a todos, mas sim a alguns “esparcos disparatados”, que remete ao que constitui o suporte do desejo do analista. Desejo não marcado pelo todos, não há “todos”, se não o singular, para cada um, singular como marca do trauma.

Lembrando que “esparcos disparatados” também carregam a tinta da separação, para uma análise chegar ao fim há uma separação, caídas que deixam o sujeito numa solidão e vazio, angústia. Por outro lado, o desejo do analista ali à espreita o põe a trabalhar, desejo de transmitir uma experiência que fez uma diferença. E o faz testemunhar da “verdade mentirosa”, e criar um estilo para fazê-lo. Fazer algo com isso. Para se distrair.

Para saber que o “acesso do ser falante a alguma coisa que se apresenta, exatamente, como um certo ponto tocando o Real é aí, neste ponto aí, que se justifica o fato de que o Real eu o defina como impossível. Justamente porque aí não acontece nunca – é da natureza da linguagem –, não acontece nunca que a relação sexual possa inscrever-se¹²”.

E o que podemos escrever? Do coletivo ‘Há na lista’ para há analista, no singular. Coisa que alguém escreveu ao me escutar.

Podemos nos questionar o porquê de os acontecimentos acontecerem, “e, afinal, por que o contingente, a saber, o que vai se passar amanhã, nós não podemos predizê-lo?¹³”

O que fazer com isso? Mera contingência.

⁹ B. Cassin, *Jacques, o sofista: Lacan, logos e psicanálise*, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017, p. 17.

¹⁰ *Ibid.*, p. 44.

¹¹ L. Izcovich, *A Escolha das identificações*, publicação ocasional da Associação Fóruns do Campo Lacaniano/EPFCL- Brasil, Rio de Janeiro: AFCL, 2016, p. 122.

¹² J. Lacan, *O seminário21, Os não-tolos erram (Les non-dupes errent)*, op. cit., lição de 20 de novembro de 1973. p. 39.

¹³ *Ibid.*, p. 40

“Como um homem ama uma mulher?

Por acaso¹⁴.”

Isso diz tudo,

dos encontros.

Dito isso, para me despedir desta função tola e errática, “bem” vivida.

Que mais dizer disso? Um corpo que se acalmou, se cansou de trabalhar, tenho dito isso...mas daquela enxurrada, desde o final de análise, da angústia que sobrou no corpo e provocou aquele ser de fala a falar mais e pedir o passe, desde lá me surpreendi com as andanças, apareci e desapareci por diversas vezes. O que fazer com isso? O que vai se passar amanhã, nós não podemos predizê-lo. Mera contingência.

A análise infinita, não interminável, mas infinita, continua causando o analista. “Existe o feliz acaso (*bon-heur*). Aliás, só existe isso: felicidade do acaso!¹⁵”

OS SABERES DA ANÁLISE NO DEVIR ANALISTA

Julieta De Battista
Buenos Aires, Argentina

A expectativa do progresso do saber na Escola

Encontro-me finalizando o tempo de minha transmissão como AE (Analista da Escola, a seguir AE). Uma pergunta me acompanha desde o princípio: quais são os problemas que consideramos cruciais da psicanálise em nossa atualidade? Tenho levado essa pergunta a cada lugar para onde fui convocada para esta transmissão, mas no final do percurso não consegui captar muito esses problemas cruciais, não pude ir muito mais além da formação do analista enquanto problema crucial ou dos obstáculos que surgem entre analistas quando se dedicam a um trabalho em comum¹. Sem dúvida, esta época de pandemia trouxe novas perguntas, por exemplo, em relação a colocar em funcionamento as análises em modalidades online, e também, outras sobre a subsistência da psicanálise como discurso no estado atual do capitalismo ao qual chegou nossa civilização.

Os problemas cruciais, quais? Os de sempre? Quais seriam “os de sempre”? Não conseguimos chamar atenção para nenhum novo? Nada mudou desde a época de Lacan à nossa? Ou pode ser que a pergunta pelos problemas cruciais demonstrou sua caducidade? Era uma expectativa de Lacan que os nomeados Analistas da Escola pudessem testemunhar os problemas cruciais da análise, também era que contribuíssem para o progresso da Escola.² Os testemunhos dos AE

¹⁴ *Ibid.*, lição de 18 de dezembro de 1973, p.74.

¹⁵ J. Lacan, “Introdução à edição alemã de um primeiro volume do Escritos”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 553.

¹ Parece-me que uma tendência excessiva à escabelização dos analistas na Escola pode ser considerada como um problema crucial para a transmissão da psicanálise. A ânsia de obter um reconhecimento da obra em nome próprio pode funcionar como uma resistência maior ao trabalho dos analistas com outros. Entendo que uma Escola cartelizada – mais que escabelizada – contribuiria melhor para o trabalho de elaboração da experiência analítica. Claro que poderia se objetar que essa seria uma posição muito “purista”, em todo caso, acredito que merece discussão o tratamento que se dá na Escola aos conflitos “de cartel” – de marquise – que costumam surgir, e que o cartaz – por sua disposição – poderia tratar.

² J. Lacan, “Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (1967), *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 249 - 264.

tentaram transmitir algo dos momentos cruciais de uma análise, cada um em seu estilo: o início, a instalação transferencial, a interpretação dos sonhos, a travessia do fantasma, o final da análise, a queda do SsS, o luto, a destituição subjetiva. Mais palavras, menos palavras, em torno da transmissão. Neste caso, os momentos cruciais de uma análise, são seus problemas cruciais?

Parece ser que a sombra que recobre a passagem de analisante à analista não conseguiu se dissipar pelo relâmpago do passe. Esse problema crucial persiste, o não resolvido. Esses 20 anos de exercício efetivo do passe permitiram constatar que as análises podem finalizar sem que essa passagem se produza, podem, inclusive, não finalizar, e, não obstante, que a passagem se tenha produzido, ou pode se produzir a passagem e que, sem embargo, isto não se acompanhe do “quer o que deseja”³. Em suma, não há garantia com respeito à oportunidade de que haja analista.

Por outro lado, também nada garante que a nomeação de AE resulte em uma função AE, não é certo que a constatação de algo da emergência do desejo do analista derive em um desejo de transmissão que cause o trabalho na Escola. Entendo a função AE como uma função subliminar⁴, que haveria que distinguir da performance que pôde conduzir à nomeação. Essa função subliminar é bastante menos ruidosa e visível que a performance de transmissão, opera subterraneamente – também extraterritorialmente –, causando o trabalho analisante na Escola. Convocar os AE ao banco dos réus para que deem suas razões, parece-me uma política correta, o AE foi um passante bem disposto a se sentar no banco dos réus, mas sua função não se trata apenas disso. Também se espera dos AE que participem nos progressos da Escola. Entretanto, o que entendemos como esses progressos? Quais progressos existiram em torno dos problemas cruciais?

Estes 20 anos de travessia da Escola dos Fóruns nos deixam uma sensação comum de que a Escola progrediu⁵, porém, ao tentar precisar mais um pouco em que consistiria esse progresso, os grãos de areia me escapam e se torna uma tarefa ainda mais difícil conseguir captar qual foi o grão de areia aportado pelos AE. Na assembleia de Barcelona, em 2018, discutiu-se também acerca do possível traço dos AE e surgiram, então, os debates sobre se tomar esse caminho não se contribuiria para a formação de uma casta.

Evidentemente que o tema não é simples: esta Escola espera algo dos AE e creio ouvir que essa expectativa tende à produção de um saber. Algumas vezes parece se esperar um “saldo de saber” que permita fazer avançar a teorização, outras se supõe ao AE um saber. Em certas ocasiões, deslizam-se perguntas que apontam à tentativa de corroborar a teoria na transmissão do AE. Parece se esperar do AE que produza algum efeito no saber, algum progresso no saber, e que – ao mesmo tempo – esse saber produzido não cristalice em uma doxa que possa obstaculizar o funcionamento do passe. Porém, de que saber se trataria nessa expectativa? Espera-se a produção de novas articulações, esperam-se os efeitos de um saber fazer, espera-se que se invente um saber? Ou talvez se trate ainda mais de questionar o que se acredita saber, furar o que vai se coagulando como saber comum?

Para mim é tempo de tirar a luva dos debates que se suscitaram durante 2020, tanto pela iniciativa do Conselho de Orientação da EPFCL-França em sua organização das Jornadas “Os efeitos do passe na Escola, vistos pelo AE”, como no encontro com AEs organizado pelo Colégio Internacional da Garantia, intitulado “O saber se inventa?”. Em ambos encontros,

³ J. Lacan, “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: ‘Psicanálise e estrutura da personalidade’” (1960), *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 653 – 691.

⁴ Desenvolvo esta ideia em “Desde el cartel hacia la nominación de AE: Qué garantiza la Escuela?”, *Revista de la Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano América Latina Sur*, n.3.

⁵ Progrediu em sua expansão, mas a psicanálise em intenção contribuiu para essa expansão?

houve uma expectativa em torno do que os AE aportaram para a reflexão sobre a experiência analítica. Não parece haver dúvidas com respeito aos efeitos da presença dos AE na Escola; na fala de Sonia Alberti: “valorizar o *desêtre* [des-ser] do analista⁶”. Porém, insiste-se na pergunta em relação ao saldo de saber que a transmissão dos AE poderia produzir; inclusive, como já mencionei, a questão parece ter tomado a forma de uma pergunta pela conservação (ou não) do traço dos AE.

Os saberes da análise e depois...

Tomo, então, este caminho aberto pelo debate internacional em nossa Escola, que se inclina para a pergunta com respeito aos saberes em jogo na análise e seus efeitos na Escola. Em princípio, entendo que não há uma relação direta entre os saberes que se extraem da análise e o ato analítico, embora não seja possível pensar este ato sem se referir a esses saberes. Os saberes que se extraem de uma análise não garantem o ato analítico, e tampouco se pode pensar esse ato fora do trabalho sobre o saber que se produz em uma análise. Então, quais podem ser as condições, a potencial disposição para que haja oportunidade de ato analítico, ou seja, para que se tenha chances de que se produza esse momento eletivo em que o analisante passa a analista? O analisante pode passar à outras coisas também, pode passar e ficar na tristeza do final ou empregar seu *savoir faire* no sustento de um escabelo com fins de reconhecimento de sua pessoa ou de sua obra. Pode passar a ser um analisado ou, talvez, um analista funcionário. Não basta a análise nem seu final para o desejo do analista.

Em princípio, posso identificar pelo menos três vertentes ou estatutos do saber: o saber não sabido do inconsciente (S1-S2), o saber fazer e o saber ser rebotalho. Interessa-me, especialmente, este último, quando Lacan em 1973 propõe este “saber ser um rebotalho” como uma condição de possibilidade da emergência do desejo do analista⁷. Trata-se para Lacan de saber ser um rebotalho a partir de ter cernido a própria causa do horror de saber, mas, também, a isto se acrescenta a nota do entusiasmo. Faz disto a “marca”, a condição, que terá de se reconhecer no analista que corre o risco de se apresentar ao passe e não unicamente para aquele analista funcionário que se autoriza de si mesmo. “Autorizar-se, isso ainda pode ser, porém sê-lo, é outro assunto⁸”. Digo “condição de possibilidade”, porque é não próprio que o saber ser um rebotalho se encha de entusiasmo. Lacan evoca a possibilidade da depressão e, de fato, haveria que diferenciar entre saber ser um rebotalho e se identificar ao rebotalho melancolicamente.

Em 1975, Lacan reforça esta ideia do analista rebotalho; embora trabalhe a noção do saber-fazer, deixa-a mais bem do lado do artista, e para o analista renomeia o fazer semblante de objeto *a* como “*Ordure décidée*”. *Ordure* é imundícia, escória, lixo, seria algo assim então como uma imundícia ou uma escória decidida e entusiasmada. Lacan acrescenta que é necessário passar por aí para reencontrar alguma coisa do real. A emergência do desejo do analista tem como condição esse *Sicut palea*, que não se extrai nem da melancolização, nem do masoquismo. Entre os saberes da cadeia dos sonhos, o saber-fazer da arte e o rebotalho, há alguma chance de que haja desejo do analista, possibilidade de ato analítico, potencial disposição para ele.

Não vou me deter no saber não sabido do inconsciente. Basta dizer que o dispositivo analítico o capitaliza a partir da histerização do discurso até chegar a cernir seu furo. A travessia ofertada

⁶ Intervenção no Espaço Escola da XXII Jornadas de Formações Clínicas do Campo Lacaniano-RJ (FCCL-RJ), VIII Jornadas do Fórum do Campo Lacaniano-RJ (FCL-RJ), “A clínica lacaniana e a moral sexual civilizada”, 4 e 5 de dezembro de 2020.

⁷ J. Lacan, “Nota Italiana” (1973), *Outros Escritos*, op. cit., p. 313.

⁸ J. Lacan, *O seminário XXI, Les non-dupes errent ou les noms du père* (1973-1974), inédito, 09/04/1974.

⁹ J. Lacan, *O seminário, livro XXIII, O sinthoma* (1974-1975), Paris, Seuil, 2005, p. 124.

pelo discurso do analista não leva a produção de mais saber, a um plus de saber, mas que decanta nesses S1 que deixaram sua marca ressonante no corpo. E, além disso, essa travessia do saber não sabido, em que consiste uma análise, não abre necessariamente as portas do ato analítico. Não é apenas desse trabalho de saber e de sua desmontagem que se extrai o potencial para o ato. Não há uma relação direta entre esta travessia do saber não sabido e o ato. E não me refiro somente ao ato analítico, mas ao ato propriamente dito, aquele que Lacan define por um dizer que produz um câmbio do sujeito¹⁰. Desenrolar o saber não sabido pela via do sintoma e as formações do inconsciente não assegura que um ato possa ter lugar. A análise pode conduzir a pessoa às portas do ato, mas não a empurra para atravessar esse umbral.

Uma análise pode desmontar o destino trágico e defensivo do recalque, pode desmontar o amor pela verdade, as versões do pai, a transferência e, inclusive, algum destino pulsional sublimatório¹¹. No entanto, essas desmontagens do saber não sabido, traído pela suposição de saber, não bastam para o devir analista. Entendo que essa invenção de um saber, a transmissão dos AE dá conta, suficientemente, no dizer de Lacan: “[...] todos sabemos porque todos inventamos algo para encher o furo [trou] no Real. Lá onde não há relação sexual, isso produz ‘troumatismo’ [troumatisme], alguém inventa. Alguém inventa o que pode, certamente¹²”. Esse saber não sabido do inconsciente é uma invenção que cada um produz. Freud chamou esse saber de “Inconsciente” e, desde que o nomeou desse modo, deu-lhe outra existência e inventou um dispositivo para escutá-lo. “O saber do inconsciente designado por Freud é o que o húnus humano inventa para sua perenidade de uma geração à outra, e, agora que foi inventariado, sabemos que isso dá provas de uma falta de imaginação frenética¹³.”

Por outro lado, parece-me importante distinguir, então, entre o saber que cada um se inventa perante o *troumatisme* e a genial invenção freudiana que o chama de “inconsciente” e concebe o dispositivo analítico para destramá-lo. Lacan também inventa, reconhece como sua única invenção o objeto *a*. Inventa também o dispositivo do passe. A invenção está de mãos dadas com o que se pode chegar a escrever: “Embora Aristóteles não tenha inventado sua primeira abertura, se não a tivesse feito passar do dizer a esse esmagar do ser graças ao qual faz silogismos, certamente se fizeram silogismos antes, apenas não se conhecia o que eram os silogismos. Para saber, é preciso inventá-lo: para ver onde está o furo, é necessário ver a margem do Real¹⁴”. A chance do ato e da invenção reside nessas margens do saber, nesses litorais do furo de saber.

Pode soar bastante ambicioso esperar que os AE inventem algo que se escreva, pelo menos neste sentido que o outorga Lacan à invenção. E por outra parte, essas invenções geniais, explicam-se talvez pela análise de Freud ou pela de Lacan?

Continuemos então com as distintas vertentes do saber. Se nos voltarmos neste momento ao lado do *savoir-faire* vemos que, desde 1969 Lacan o diferencia do saber não sabido da cadeia inconsciente. Inclusive em 1976, Lacan define o final da análise por esse saber-fazer aí com o sintoma: “saber desvenda-lo, manipulá-lo¹⁵”. No *Seminário XXIII*, esse saber-fazer aparece definido como “a arte, o artifício, o que lhe dá a arte do que é capaz um valor notável¹⁶”. De fato, Lacan diz que Joyce é um homem de *savoir faire*, ou seja, é um artista¹⁷. Mas, Joyce não

¹⁰ J. Lacan, “O ato psicanalítico. Resumo do seminário de 1967-1968”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 371-379.

¹¹ Trabalhei isto no seguinte artigo: J. De Battista, “La aberración herética del devenir analista”, *Pliegues. Revista de la Federación de los Foros del Campo Lacaniano España*, n.10, 2019, p. 207-230.

¹² J. Lacan, *O seminário XXI, Les non-dupes errent ou les noms du père* (1973-1974), *op. cit.*, 19/02/1974.

¹³ J. Lacan, “Nota italiana” (1973), *Outros Escritos*, *op. cit.*, p. 315. Tradução modificada.

¹⁴ *Ibid*, p. 315.

¹⁵ J. Lacan, *O seminário XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1975-1976), inédito, 16/11/1976.

¹⁶ J. Lacan, *O Seminário, livre XXIII, O sintoma* (1974-1975), *op. cit.*, p. 61.

¹⁷ *Ibid*, p. 118.

chegou a isso, pela via da análise¹⁸. Portanto, este saber-fazer com o sintoma não é algo que permita reconhecer o analista, o encontramos também no artista. E ainda haveria que assinalar que esse saber-fazer conjuga arte e notoriedade. É o analista um artista, um homem de saber fazer notável? Em parte, sim, mas não todo artista, quando cede o reconhecimento de sua prática, é um saber-fazer que renuncia a notoriedade, que não espera o aplauso nem o agradecimento. Entretanto, esse *saber fazer aí com*, é condição de possibilidade do ato analítico? Diria, em princípio, que é uma forma do final da análise, mas isso não esgota a pergunta pelo desejo do analista. Poderá haver finais das análises que alcancem ao saber-fazer aí com o sintoma, ou, inclusive, quem chega a esse ponto sem análise, como Joyce. Mas, esse saber-fazer não conduz necessariamente ao ato analítico, pode derivar em um ato artístico.

Na travessia de minha análise, posso localizar uma diferença entre o saber-fazer e o saber ser rebotalho, resta pensar sobre suas possíveis relações. O conhecimento do sintoma envolvido no *savoir y faire avec* é condição do saber ser rebotalho? Não há um sem o outro? Ou pode haver *savoir faire* com o sintoma sem que isso implique o saber ser rebotalho entusiasta?

Poderia resumir assim o que em minha análise pode se extrair do saber não sabido do inconsciente¹⁹: o resto sintomático concerne à erogeneidade respiratória – o sintoma infantil nomeado no dizer materno como “ter a voz tomada”. Esse sintoma conservava uma marca contingente de minha origem – o incêndio do teatro de minha cidade no dia em que nasci –, transformando-a num canal necessário do gozo e atando-a ao amor-ódio por meu pai fumador, falecido devido a uma doença respiratória. Com a puberdade se acrescentam outros sintomas, inibições e angustias, ligadas ao despertar da corporeidade feminina.

A primeira consulta não é movida pelos sintomas, mas sim por uma perda, a de uma tia com a qual me identificava, que morre fora de tempo, doente de câncer. O trabalho da análise desmonta o marco fantasmático no qual estava prisioneira – a maldição das segundas filhas mulheres, condenadas à loucura, à morte e ao desamor – em cujo fundo palpitava um axioma fundamental: uma criança se asfixia, uma criança se afoga. Essa travessia do fantasma me deixa às portas do ato que, no meu caso, eu achava que se vinculava a uma opção mais decidida pela atuação. Esse foi meu primeiro amor vocacional na adolescência. Estudei psicologia por um tipo de compromisso com os ideais de meus pais, que queriam que obtivesse uma graduação universitária, e que me dedicasse à atuação apenas como um passatempo.

Lembro-me de uma frase de meu pai, que ecoou na análise durante muito tempo, quando lhe falei que ia estudar psicologia: “Que desperdício, 90 por cento do corpo é água”. Em sua mente, atravessada pelos cálculos químicos, não entrava a possibilidade da química das almas. Estudei psicologia e enquanto atuava em peças de teatro, treinava, formava-me como atriz nos palcos. Enquanto isso, formei-me como psicóloga e comeci a trabalhar, orientada pela psicanálise, ao modo de um analista funcionário: trabalhava como analista, mas não estava segura de que as análises deveriam ir muito além dos efeitos terapêuticos. A convicção na enunciação da regra fundamental desde então, era bem distinta da convicção que encontrei no final da análise. Uma coisa é enunciá-la suportando esse dizer de alguma suposição de saber teórica aos pais da psicanálise e outra muito distinta anima essa enunciação depois do final.

¹⁸ “Não vou falar de Joyce, neste ano, somente direi que Joyce é a consequência mais simples de uma rejeição da mesma forma que o mental é de uma psicanálise, do qual resultou que o ilustra em sua obra. Ainda não fiz mais que fazer emergir isso, dada minha dificuldade com a arte, no que Freud se banhava com desgracia.” J. Lacan, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*” (1976), *Outros Escritos*, *op. cit.*, p. 573. Tradução minha.

¹⁹ Desenvolverei isso na revista *Pliegues*, da Federação dos Foros do Campo Lacaniano Espanha. Aí estão as referências: J. De Battista, “Quehaceres de lo real”, *Pliegues. Revista de la Federación de los Foros del Campo Lacaniano España*, n.9, 2018, p. 95-104; J. De Battista, “La aberración herética del devenir analista”, *Pliegues. Revista de la Federación de los Foros del Campo Lacaniano España*, n.10, 2019, p. 207-230 y J. De Battista, “Los duelos en el análisis y su final”, *Pliegues. Revista de la Federación de los Foros del Campo Lacaniano España*, n.12, 2020, no prelo.

Eu esperava que meu final de análise me conduzisse a um ato decidido com respeito a atuação, com a qual continuava, mas já não atuava em público. Depois do final da análise houve um tempo em que as consequências do trabalho analítico estiveram a prova nos atos. E essa posta a prova consistia para mim em dar um passo a mais com respeito a atuação. Justo nesse momento o convite de Antonio Quinet foi mais que tentador: voltar para atuar em uma obra sobre psicanálise, *Hilda & Freud*. Claro que aceitei. E aí me dei conta de que, surpreendentemente, algo desse canal libidinal da atuação já não tinha a mesma força, nem o mesmo fluir para mim. Uma vez desmontada minha fantasia trágica, já não sentia a mesma satisfação ao estar em cena. O saber-fazer continuava estando intato, mas a satisfação e o impulso em jogo, ali, tinham se transformado. E emergia algo que para mim era novo: não queria estar no palco, queria estar no consultório. Queria escutar, desmontar ficções, e já não as montar no teatro.

Nas sucessivas ocasiões em que tive oportunidade de falar com outros acerca desta experiência do passe, houve uma pergunta que insistiu: o que, da formação de atriz, contribuiu para a formação do analista? Quanto de clínica e quanto de arte há nessa formação²⁰? Alguns sonhos dessa época colocavam em cena a queda da atriz. E, efetivamente, acredito que houve um luto necessário que se somou ao luto do final: o luto por aquilo que eu achava que chegaria a ser no final da análise, o luto pelo suposto saldo do final. Isso se tornou mais legível em um sonho de uma das passadoras, justo antes de levar o testemunho perante o cartel do passe: ela tinha que atravessar uma ponte que conectava dois bairros de sua cidade. Estava num bairro que leva o nome de seu patronímico e tinha que atravessar a ponte para chegar a outro bairro: Sudamericana. Nessa ponte se interpõe um grupo de teatro de rua muito barulhento e, no sonho, ela se pergunta como vou fazer para passar em meio de tanto tumulto? Responde-se “tenho que passar” e consegue atravessar. Algo da passante toca seu corpo e se intromete nos sonhos da passadora. O bulício do teatro como obstáculo insiste, porém, como pergunta de alguns membros da Escola, qual a contribuição da atriz à analista?

Talvez algo do saber-fazer analítico se extraiu de minha formação como atriz: o ouvir dos corpos, das respirações, das variações nas enunciações, o instante da oportunidade do ato, a perda do temor ao ridículo na atuação, assumir riscos. Não obstante, continuo pensando que o trabalho que causa o analista é, de certa forma, inverso ao trabalho do ator: o analista desmonta, analisa, descompõe; o ator monta cenas, compõe personagens, segue um roteiro, é dirigido.

Concluo, então, que o analista não depende apenas desse saber-fazer como o sintoma, não é todo artista. O “saber ser rebotalho” é um saber inventado propriamente pelo trabalho da análise. É um decantado da travessia da análise e não, meramente, um produto da epifania do final. As transformações silenciosas da análise confrontam uma e outra vez o analisante com a experiência do rebotalho. O analisado experimentou a queda dos restos do decifrado do inconsciente; o que cai da suposição do saber, do amor a verdade, da desmontagem transferencial, é alguém advertido da necessidade da verdade mentirosa e de seus limites. Também experimentou o que significa prescindir do pai, a queda da crença nas versões religiosas – sejam edípicas ou psicanalíticas – e pode ter experimentado, inclusive, a queda do valor social, do reconhecimento que pode proporcioná-lo uma prática sublimatória. Diria que, em minha *hystória*, sofri durante bastante tempo o ser um “caso perdido”: não nasci com o sexo esperado, não era o suficientemente feminina para minha mãe, não estudei aquilo meu pai desejava,

²⁰ Agradeço os intercâmbios que tivemos com respeito tanto ao Fórum analítico do Rio de La Plata, quanto ao Fórum patagônico e o mediterrâneo, também nos fóruns de Madri, Melbourne, São Paulo, Petrópolis, Fortaleza, Rio de Janeiro e Porto Rico. Em todos eles surgiu a questão da atriz. A insistência neste aspecto de minha transmissão me levou a revisar minha posição com respeito a este assunto do saber-fazer do artista e o saber ser desperdício.

apaixonava-me por homens que não me escolhiam, estudei uma graduação que, para meu pai, foi um desperdício, gostava de trabalhar com os marginais e com os restos que a sociedade aloja nos manicômios, queria dedicar-me à atuação (uma espécie de atentado à moral em minha família). A mulher não esperada, a mulher não escolhida, a mulher descartada, a mulher desperdiçada, a mulher carniça, *carrion, carry on*²¹.

Final

Não poderia dizer que durante minhas análises não falei da experiência de ser rebotalho, do sofrimento por não estar à altura das expectativas dos outros que contavam para mim: isso esteve cifrado uma e outra vez em meus sonhos. Sem dúvida, a análise transformou irremissivelmente isso e o ser rebotalho que padecia, passou a outro saber, o saber ser rebotalho que causa o trabalho analisante. Não é meramente uma redenção pelos dejetos, é um *saber fazer outra coisa com os dejetos*, com a escória que se desprende da análise, definição princeps do trabalho do analista.

Ainda assim, a travessia da análise não basta para assegurar se o analisado, ao final, estará disposto a encontrar entusiasmo em se converter nesse rebotalho decidido, uma merda – ainda que não seja sempre a mesma – ou aquilo que Colette Soler chama de “rebotalho entusiasta a repetição²²”. A hystorização de minha análise no passe poderia ser a hystória destas quedas. Nessa hystória estão escritos alguns vestígios dessa transformação com respeito ao rebotalho que pode converter-se neste “saber ser rebotalho”.

O analista é, em parte um caído, um despojado e me parece que a travessia da análise colocou à prova o quanto pode suportar desse saber rebotalho. Poderia ocorrer que um final da análise deixe o analisado lamentando o perdido, em uma posição mais depressiva, constatando as quedas, em certa covardia moral perante aquilo que encontrou. Talvez se possa cernir ali um problema crucial: o do luto do final em seu valor de ato, ou sua possível pendência depressiva, que pode tingir o testemunho dos passadores²³. Quais saídas à tristeza do final podemos encontrar na transmissão dos AE²⁴?

Também poderia acontecer que o desejo do analista se converta em um novo destino pulsional: um desejo sustentado no ato analítico e nos laços com alguns dispersos disparatados da Escola, um desejo sustentado em uma prática que pode se transformar em um estilo de vida. Ao final ficará a chance de dar esse passo, mas, esse analisado vai querer o que deseja? Quão disposto está para transformar o rebotalho em causa analítica? Vai querer contribuir para o progresso da Escola ou apenas aspira cobrar notoriedade entre seus pares?

Na travessia da análise, o saber ser rebotalho surge da erosão dos canais pulsionais que marcaram essa invenção singular do inconsciente de cada um. Essa erosão escreve um litoral, uma borda, é um saber que se inventa ao fazer borda ao furo. É um saber litoral, não-todo, enigmático, fragmentário, restos de saber. Quão legível é essa invenção do saber ser rebotalho

²¹ Agradeço a emergência desta sonoridade inovadora ao intercâmbio sobre o passe que se produziu no Fórum de Colorado (Estados Unidos).

²² C. Soler, *Comentario a la 'Nota italiana' de Jacques Lacan (2007-2008)*, Medellín, Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, 2018, p. 107.

²³ “O analista que, só autoriza a si mesmo, passa sua falta aos passadores, e a sessão continua para a boa sorte [*bonheur*] geral, disfarçada, porém de depressão”. J. Lacan, “Nota italiana” (1973), *Outros Escritos, op. cit.*, p. 309. A tradução é minha.

²⁴ O trabalho de Andréa Milagres trata deste problema e Vanina Muraro, em seu trabalho no CIG, situou como a Escola pode aparecer para alguns como uma opção “salvadora” perante o efeito de vazio, potencialmente depressivo, que se abre no final.

no passe? Quais seriam os efeitos desse saber na Escola? O assunto seria, então, não tanto saber que se sabe, mas a partir do que se sabe. Nesse caso, haverá efeitos diferenciais do saber que se desprende da articulação do saber-fazer e do saber ser rebotalho. Por outra parte, este saber ser rebotalho, permite-nos pensar como a formação do analista surge do não-todo? O que resta do sexo no desejo do analista? É um desejo a-sexual? Qual mutação em relação ao sexo e à morte se produz no desejo ao devir o desejo do analista? O desejo do analista se despojou da indestrutibilidade que o outorgava o destino forjado do inconsciente, cedeu em sua imortalidade, se desenredou do falo, também do pai? E do sexo? Lacan supunha para as mulheres uma relação mais livre do desejo do Outro, mais simplificada, menos emaranhada no fálico, mais favorável para o trabalho analítico²⁵. Cada analista se encontra com a oportunidade de se inventar não-toda?

Concluo com uma proposta: a de convocar ao trabalho de cartéis internacionais e polifônicos a quem passou pela experiência do passe. O chamado inclui os AE e também os passantes que não foram nomeados, assim como dos passadores. Acredito que poderia ser uma oportunidade para trabalhar com outros os problemas cruciais e o depois do passe, mas, também, para que tenha alguma chance de um “outro fazer” com a coisa que fica meramente incerta, com a depressão do final, com o impulso salvador à Escola ou com a reivindicação do mal-estar pelas nomeações e as não nomeações. Uma chamada para não se encastarse, mas para se “encartelarse”.

Tradução²⁶: Sérgio Garrido Pinheiro

²⁵ J. Lacan, *O Seminário, livro X, A angústia* (1962-1963), Rio de Janeiro, Zahar, 2005, p. 213.

²⁶ N.T.: A maior parte das citações advindas dos seminários de Lacan seguiram as versões originais trabalhadas pela autora; da mesma sorte, manteve a bibliografia auxiliar, inclusive os escritos da própria autora, conforme notas originais.

CONTRIBUIÇÕES DOS CARTÉIS DO CIG

O PASSE ENTRE LINHAS

Beatriz Maya
Medelín, Colômbia

“O júri em funcionamento, portanto, não pode abster-se de um trabalho de doutrina, para além de seu funcionamento como selecionador¹”.

Esse chamado de Lacan é motivo suficiente para que um cartel do passe se ocupe do que possa se desprender da experiência. Para isso, é necessário não esperar além daquilo entregue no intercâmbio entre os passadores e o cartel. É com esse material que se pode construir algo de doutrina.

O passe põe em funcionamento a engrenagem que enlaça um analista, o passante, os passadores e o cartel, atravessados todos por uma escrita que vem do *parlêtre*. Detenho-me nos passadores, as testemunhas, como os chama Lacan². Cada um deles pode ter uma versão diferente depois da escuta, o que implica uma escolha, não voluntária, determinada pela afetação singular que se produz em cada um, associada ao momento de sua própria análise.

Em um passe é possível escutar duas apresentações de um mesmo testemunho que mostram ângulos completamente diferentes; às vezes, complementares e outras, suplementares ou divergentes. Em uma das experiências foi possível escutar duas versões do imaginário que foram virando para o lado real de um gozo infinitamente repetido que a experiência analítica permitiu modificar. Divergência na forma e convergência no resultado.

O real, que não cessa de não se escrever, pode, de maneira contingente, advir como escrita no passe para ser lido. Quando isso acontece, trata-se, então, de ler naquilo que se escuta, única maneira de aceder ao real “no qual se está enredado”³ e que a análise permite descobrir como um saber do real. Por isso, Lacan propõe que: “a análise consiste em que se saiba por que se está enredado nisso: isso se produz devido ao fato de que há o Simbólico”⁴. Então, trata-se de ler. Quem lê? E o que se lê? O inconsciente, a princípio, escreve e, depois, o analista lê os traços do objeto que causa o desejo e que vem como mais de gozar ao fazer falar o corpo⁵, material com o qual poderá interpretar o inconsciente real. O passante retorna ao lido e o historiciza para o cartel. Mas o cartel também pode ler no ato do passador, quem não só narra, mas também faz sua versão. Às vezes, o material com o qual a constrói pode apresentar não somente seus próprios sonhos e os sintomas que o testemunho o faz produzir, mas também lapsos e chistes que podem ser lidos pelos membros do cartel. Lacan afirma que “o lapso e inclusive o chiste se definem pelo legível”⁶. Por isso, é possível, somente possível, que na experiência do passe esses se façam presentes e, assim como sonho e lapso, são lidos retroativamente, tal qual o chiste,

¹ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 261.

² *Idem*

³ J. Lacan, *Seminário 25, O momento de concluir*, inédito, lição de 10 de janeiro de 1978.

⁴ *Ibid.*

⁵ C. Soler, *Retorno a la “función de la palabra”*, Ediciones Hispanohablantes, Foro de Medellín, 2020, p. 244 [tradução nossa].

⁶ J. Lacan, *Seminário 25, op. cit.*, lição de 10 de janeiro de 1978.

como afirma Lacan, porque têm a ver com a economia da escrita que está em relação com a palavra⁷, sua presença na experiência pode permitir ao cartel uma leitura do que se diz pela via do passador.

Em um dos passes escutados, um passador produz um lapso que se converte na via régia para que o cartel possa ler e esclarecer o nó de gozo. Esse lapso faz emergir o dizer presente entre as linhas do testemunho. Um sonho é relatado e, em meio ao relato, um significante é trocado por outro, o que ilumina a lógica do que ali se expôs, o dizer que subjaz ao dito. Trata-se de uma palavra que precisa o lado transferencial e a solução que permite a saída da análise. O efeito do lapso foi uma afetação dos membros do cartel, colocando-os em um instante de ver que produziu um silêncio aporofórico, seguido de um tempo para compreender no qual uma discussão precipita o momento de concluir com um sim, que já havia sido antecipado. Nós, os membros do cartel, nos adiantamos ao passador no relato de uma interpretação feita pelo analista, todos ao mesmo tempo, como os prisioneiros⁸; algo havia passado, algo não enunciável nem enunciado pelos passadores. Depois, um efeito hilariante nos surpreende, a estrutura do passe como um *Witz* se fez evidente.

Um significante distorcido permite descobrir que aquilo que aparentemente está em jogo na ordem imaginária, efetivamente, estava em jogo na outra cena; lá onde é um dizer o que verdadeiramente “conta” e faz suas contas, onde a contabilidade de gozo é marcada.

A interpretação dos sonhos como leitura permite se desprender do sentido e cortar o que cai, para produzir um rearranjo na economia de gozo. Mesmo que tenha sido possível verificar uma cadeia significativa que dava forma ao sintoma e ao fantasma, situando o lado fálico, o que restou do desabamento, do ravinamento (*ravinement*) que a análise permitiu é um estado de “arranjo” com suas próprias contas, as contas de gozo que a via do sonho descobre. Autorizar-se de si advém como possibilidade que transpassa o ser fulminada pelo olhar.

Os passadores recolhem da passante, sem sabê-lo, o valor singular de gozo que têm algumas palavras do passante. Quando Lacan fala de *lalíngua*, não só se refere à materna, ao balbúcio ou à lalação⁹, também o faz em relação à língua que se fala. Assim, um inconsciente se expressa como o que “se deixou sugerir pela linguagem”¹⁰ são palavras que marcam o corpo e os indicadores na cura permitem verificar a resolução, pela via analítica, de enodamentos de gozo, é assim que entendo o que Lacan propõe acerca da experiência analítica “desfazer com a palavra o que está feito pela palavra”¹¹.

Não é a fascinação com as formações do inconsciente e seu deciframento o que permite o passato, e sim o que se pode desprender como corte. Assim é possível concluir para algum: divertir-se nesse lugar vazio, com mais ligeireza, sem peso, com “leveza”.

A simplicidade dos giros de saber que um passante descobre como aquilo determinante de seu gozo que, talvez, possa produzir uma risada, é impactante. Reconhecer na historicização o que a psicanálise pode permitir a um sujeito é causa de trabalho. Tudo aquilo que se apresenta ao passe faz uma entrega à Escola para contribuir com nossa formação e com o que esperava Lacan dessa experiência, mais além de verificar o desejo do analista, que a psicanálise pudesse avançar. Dessa forma, um passe pode ensinar a forma como o significante sempre assemântico é marca para um corpo que goza; ensina sobre os arranjos entre o imaginário e o simbólico para poder explicar o traumático desprendido do real; ensina sobre o trabalho com a palavra analítica para

⁷ *Ibid.*

⁸ J. Lacan, “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 197.

⁹ J. Lacan, “Alla Scuola Freudiana Milano” (30 de março de 1974), *Lacan in Italia*, Milano, La Salamandra, 1978, p. 126-127.

¹⁰ J. Lacan, *Seminário 25, op. cit.*, lição de 10 de janeiro de 1978.

¹¹ *Ibid.*, lição de 15 novembro de 1977.

que o enodamento que um pai real permite em um novo arranjo com o gozo, inclusive o que poderíamos situar como o Um dizer pai.

Pois bem, a divergência das versões dos passadores permite contrastar e poder ler, por exemplo, que um significante paradoxal pode pôr em jogo o dentro e o fora em uma continuidade moebiana que represente um gozo repetido e que, de maneira simples, ensina o que Lacan inventa com a palavra *extimidade*, centro do gozo, vacúolo, ele a chama, “a proibição no centro que, em síntese, constitui o que nos é mais próximo, embora nos seja externo¹²”. É possível, além disso, ver o trabalho que se faz com ele até sua solução. A divergência das versões dos passadores também permite a verificação da elaboração da presença dos objetos: voz e olhar, colocados a serviço do mais de gozar, permite verificar como se desprende o fantasmático em jogo em uma troca gramatical entre o ser e não precisar ser “o olhar”, ao final.

O que faz com que os passadores deem testemunhos diferentes? O mesmo que faz com que cada membro do cartel faça sua própria leitura daquilo escutado. Entretanto, em alguns casos, entre a heterogeneidade de leitura de um elemento comum ocorre que não tem nada a ver com o sentido nem com o possivelmente esperado. Porque os membros do cartel constituído por AMEs, AEs ou por aqueles que tenham sido passadores podem ter a tentação de buscar aquilo que sua experiência prévia lhes deu, mas não se pode esquecer de que cada testemunho é diferente, que cada escrito é singular. Aquilo escrito para ser lido está nas entrelinhas, longe de poder estar depositado sem opacidade e de maneira explícita para ser lido por todos. Por isso, a maneira de ler estará em consonância com o ponto onde tenham chegado aqueles que escutam¹³, é ali onde, em suas consequências, se põe à prova o passe de cada um, e a necessidade de ser dócil com aqueles que estejam um pouco atrás.

Pois bem, tanto os nomeados quanto os não nomeados colocarão à prova novamente o que foi sua análise, ali onde o AE “não toca o ser¹⁴”, como diz Colette Soler, trata-se de verificar o ato “por suas sequências¹⁵”.

Tradução: Maria Claudia Formigoni

¹² J. Lacan, *O seminário, livro 16, De um Outro ao outro*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008, p. 218-219.

¹³ A. Nguyễn, “La passe, sinon rien”, *Champ lacanien, Revue de psychanalyse*, n.4, Paris, 2006, p. 137-145. <https://www.cairn-int.info/revue-champ-lacanien-2006-2-page-137.htm>

¹⁴ C. Soler, “Visto dos cartéis do passe”, *Wunsch* n.16, fevereiro de 2017, p. 66.

¹⁵ *Idem*, p. 71.

A APOSTA DO PLURILINGUÍSTICO NO PASSE

Andréa Hortélio Fernandes
Salvador, Brasil

O passe está no coração da nossa Escola na medida em que ele retoma pontos ligados ao final da análise, a passagem de analisante a analista, que são intrinsecamente ligados ao discurso analítico e a presença da psicanálise no mundo. Desta forma, o passe se dedica a temas cruciais para a teoria da clínica psicanalítica e para a formação do analista.

Nossa Escola é plurilíngue. No meu trabalho no CIG, esta dimensão plurilíngue foi se expandindo progressivamente e dando um contorno sobre o que pretendo abordar neste texto¹.

Mesmo antes de começar o trabalho no CIG, a questão das línguas me interpelava. Tomava que pelo fato de falar português e francês seria convocada no trabalho de tradução simultânea no CIG. Foi exatamente com a tradução para os passadores que iniciei o trabalho num cartel do passe. Tratava-se de uma tradução sem anotações, na qual me senti atravessada pelo português falado pelos passadores e o francês que tentava passar para os membros do cartel que falavam essa língua. Fazia uma ponte entre duas línguas. Um passe sem o escrito, mas que, no entanto, fixou pontos cruciais acerca da alíngua.

Com a pandemia do COVID-19, tive a experiência de escutar um passe, via Zoom, e de novo fiz a tradução simultânea do português para o francês. Foi uma experiência bastante viva. Apesar do recurso virtual, a linguagem foi capaz de animar o corpo falante, por meio do olhar e da voz.

Entre estas duas experiências, dois anos de trabalho no CIG se passaram. Além dos cartéis para escutar os passes, efêmeros, uma vez escutados os passes, eles se dissolviam-, trabalhamos também em cartéis epistêmicos permanentes, que duraram os dois anos.

A questão que me dediquei no cartel epistêmico dizia respeito à mudança da posição do sintoma entre o nó borromeano de “A Terceira” (1974) e a lição de 21 de janeiro de 1975 do *Seminário RSI*. Interroguei no que essa mudança poderia ajudar a esclarecer sobre o tratamento dado ao gozo fálico no final da análise.

Numa análise, o gozo fálico consome o analisando² por nutrir o sentido do sintoma, dando-lhe cada vez mais consistência, o que pode levar a uma infundável busca pelo sentido, no blábláblá. Isto está exposto no nó que Lacan apresenta em “A Terceira” (1974). O sintoma está situado como um transbordamento do real sobre o simbólico, donde existiria uma esperança de reordenamento do real pelo simbólico³.

Examinei em que medida o manejo do gozo fálico, na análise, pode contribuir para a compreensão de como o analisante pode chegar ao final de análise pelo sentido fora sentido. Isso testemunharia acerca de um percurso necessário para que o analisante possa vir a saber fazer com o inconsciente real, feito de alíngua e donde a linguagem se esboça como uma elucubração de saber sobre alíngua.

Voltemos sobre as línguas dentro do CIG. No cartel epistêmico os membros falavam três línguas: português, espanhol e francês. O plurilíngue se fez presente também quando da apresentação de uma produção desse cartel, tive que fazê-la em francês, pois era a única que

¹ Este texto foi apresentado na Jornada do Espaço-Escola da EPFCL-Brasil em 31 outubro de 2020.

² J. Lacan, “D’Écolage” (1980), *Letra Freudiana – Documentos para um Escola*. Ano I, nº 0.

³ C. Soler, “*La Troisième*” de Jacques Lacan – Séminaire de lecture 2005-2006, Formations cliniques du Champ lacanien de Paris, Paris, Documents du Champ lacanien, mai 2010.

falava português. Em contrapartida, o colega francês, aprendeu espanhol, escrevia mensagens em espanhol e falava francês. E ainda, participei de uma reunião preparatória para o Simpósio do Passe na qual, todos os presentes, falavam espanhol e eu recorria ao francês para me comunicar com eles pois, apesar de compreender espanhol, eu não falo este idioma. Foi uma experiência verdadeiramente plurilíngue.

Cabe então lembrar que na clínica como no cartel do passe a “linguagem não é somente comunicação, este fato se impõe pelo discurso analítico”, pois “o inconsciente [...] só pode estruturar-se como uma linguagem sempre hipotética com relação ao que a sustenta, isto é, alíngua⁴”. Então, a experiência demonstra que a pluralidade das línguas do CIG se enlaça, de forma moebiana, tendo a alíngua por sustentação.

Muitas vezes, os testemunhos dos AEs iniciam-se por uma alusão à alíngua e à toda sorte de efeitos enigmáticos que convocaram o sujeito a se reposicionar frente ao Outro da linguagem, numa análise. Se considerarmos que o Um encarnado de alíngua está articulado a “um encontro acidental entre verbo e gozo produzido ao sabor das contingências dos primeiros anos⁵” de vida, então, podemos subscrever que no cartel do passe não se trata essencialmente de “uma questão de línguas, mas da alíngua de cada membro. Esta é a força da nossa Escola e faz do cartel um receptor particularmente sensível tanto ao discurso do passante como aquilo que passa para além do seu discurso⁶.” A tradução ao ser feita por um membro do CIG cuida deste aspecto.

Constata-se que a doxa se faz presente nas elaborações que se formalizam a partir do dispositivo do passe. Não raro “os passantes falam na alíngua desse Outro que é a comunidade reunida⁷” o que é um efeito de estrutura. Entre as pessoas implicadas no dispositivo e assim como no conjunto da comunidade de Escola existem julgamentos sobre as nomeações. Um voto de crédito é pleiteado e necessário para o CIG e os cartéis do passe, já que aos seus membros cabe nomear ou não um passante como AE. Digo voto, pois sabemos que os membros do CIG são eleitos por uma escolha democrática.

Em caso de discordância quanto às nomeações é importante que a comunidade de Escola se dedique a um trabalho, sobretudo, nos cartéis para retomar as questões cruciais lançadas pelo passe. Os cartéis declarados na Escola não fazem distinção entre membros de Fórum ou de Escola e também com os não membros. Tanto melhor. Entendemos então a razão que levou Lacan a declarar o cartel como o lugar privilegiado para a transmissão da psicanálise. O cartel convoca cada cartelizante a ocupar a posição de analisante que interroga os significantes mestres da psicanálise, como mostra o discurso da histérica.

Além do cartel epistêmico do CIG, tive a experiência, no Espaço-Escola do Fórum do Campo Lacaniano Salvador (FCLS), de participar de um cartel de leitura do texto “A Terceira” (1974), um outro laço entre o trabalho de Fórum e o trabalho de Escola. Neste outro cartel, me dediquei ao tema do gozo fálico e o final de análise, através do exame do tratamento dado à alíngua nos testemunhos de passe, publicados na *Wunsch*.

Em algumas ocasiões, meus textos estavam escritos metade em português e metade em francês, prova de um contínuo trabalho de elaboração e talvez da carência de tempo para escrevê-los numa única língua. Mas, eu atribuo isto também ao fato de que, na minha tenra infância, recebi os ecos da alíngua em português e francês, dado que o Outro materno, cantarolava e contava contos infantis nestas duas línguas.

⁴ J. Lacan, *O seminário, livro 20, Mais, ainda*, Rio de Janeiro, Zahar, 1985, p. 190.

⁵ C. Soler, C. Lacan, *o inconsciente reinventado*, Rio de Janeiro, Cia. de Freud, 2012, p. 51.

⁶ S. Schwartz, “Poesia e as línguas do passe”, *Wunsch*, n.16, fevereiro de 2017, p. 63.

⁷ C. Soler, “Visto dos cartéis do passe”, *Wunsch*, n.16, fevereiro de 2017, p. 64.

Então, o trabalho no CIG esclareceu para mim que na alíngua se inscreve a não relação sexual pois mesmo na tradução palavra por palavra, resta sempre um ponto de real intraduzível. Como bem destacou Lacan “os efeitos de alíngua vão bem além de tudo que o ser que fala pode enunciar⁸”, então o cartel do passe deve poder escutar com as ressonâncias da relação de cada sujeito com sua própria alíngua.

Desafio para a psicanálise e para o cartel do passe operar levando em conta a alíngua de cada sujeito. Sobre isso, em “A Terceira” (1974), Lacan afirma que “é d’alíngua que se opera a interpretação, o que não impede que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem⁹”. E ele complementa que “a interpretação... não é interpretação de sentido, mas jogo com o equívoco¹⁰”. Tal fato tem toda sua importância para a direção do tratamento, pois, ainda no mesmo texto, ele dirá que dado ao fato da interpretação analítica incidir sobre o significante “alguma coisa pode recuar do campo do sintoma¹¹”.

A interpretação, sendo a intervenção do analista, pode operar para dar tratamento ao gozo fálico e ao gozo do sentido dado que, por haver uma coalescência entre eles numa análise, consomem o analisando numa infinidade de significações. Numa análise, a interpretação ao operar pelo equívoco faz com que “o simbólico, no que ele tem a alíngua como suporte, e o saber inscrito de alíngua, que constitui propriamente falando o inconsciente se elabore¹²”, e mostra que a decifração retorna à cifra e que o sintoma não se reduz ao gozo fálico.

Nos cartéis tanto do CIG como o Espaço-Escola do FCLS constatei que, em alguns testemunhos de passe, os passantes falavam da importância de uma interpretação equívoca do analista no final do tratamento. Esta abriu espaço para o que ainda restava a ser concluído pelos analisantes. Marco de um ato analítico que teve por efeito um passe clínico e, em alguns testemunhos, um passe no qual houve nomeação como AE.

Logo, a interpretação conseguiu cernir algo da alíngua e com isso destituiu qualquer esperança do analisante do simbólico reordenar o real do sintoma. O analisante face ao efeito despertado pela interpretação que opera pelo equívoco próprio ao lapso e ao chiste constata que “quando o espaço de um lapso já não tem nenhum impacto de sentido, só então temos certeza de estar no inconsciente. O que se sabe, consigo¹³”. E isso leva o analisante a dar o passo em direção à demanda do passe na Escola.

Isso tem relação com a mudança da posição do sintoma no nó borromeano do *Seminário RSI* (1975). O sintoma aí está situado como um transbordamento do simbólico, das letras de alíngua, sobre o real. Para tratar o sintoma, a interpretação pelo equívoco não visa alimentar o sentido do sintoma. Ela tem por objetivo o gozo do sintoma com o que é possível domar o que não cessa de se escrever do real. Desse modo, abre-se o espaço que “que separa a o sintoma do gozo fálico¹⁴”.

Para concluir, nossa Escola é plurilíngue e assim ela “se dedica a cultivar o discurso analítico¹⁵” levando em conta o saber inscrito de alíngua que constitui propriamente falando o inconsciente. Este trabalho se realiza nos cartéis plurilíngues com membros, de diferentes Fóruns de diferentes países que mantêm uma transferência de trabalho dirigida à Escola.

⁸ J. Lacan, *O seminário, livro 20, Mais, ainda, op. cit.*, p. 190.

⁹ J. Lacan, “A Terceira” (1974), Porto Alegre, p. 52.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ *Ibid.*, p. 66.

¹² *Ibid.*, p.67.

¹³ J. Lacan, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 567.

¹⁴ C. Soler, “*La Troisième* de Jacques Lacan”, *op. cit.*, p. 144.

¹⁵ Carta de Princípios da IF-EPFCL: <http://www.champlacanien.net/public/docu/4/ifCharte2020.pdf>

O NÃO-TODO DO CARTEL

Camila Vidal
Vigo, Espanha

A decisão do cartel tem de ser unânime. Esta unanimidade se produz em algumas ocasiões de partida: ao finalizar as entrevistas com os passadores, o cartel em seu conjunto está de acordo, há nomeação ou não há nomeação. Nestes casos resta o trabalho de explicitar os elementos que levaram a uma ou outra conclusão e extrair os ensinamentos dos passes escutados para eventualmente estabelecer a “trabalho de doutrina” a que Lacan nos incita.

Mas às vezes essa unanimidade não é dada desde o início, a intuição ou a certeza subjetiva já não bastam e é preciso argumentar. Ocorre então um intenso e interessante trabalho de elaboração entre todos os integrantes do cartel para poder tomar uma decisão. Sabemos que não há critério que possa dar conta de uma nomeação. O princípio da lógica lacaniana do não-todo encontra-se aqui com toda sua validade, sustentado pelo saber e o não-saber em que se funda a teoria psicanalítica e que está na base de todo o dispositivo do passe.

De onde partimos então para este argumento?

A forma como eu vejo é a seguinte.

O saber da psicanálise é um saber particular que, ao contrário do saber da ciência, não pode ser transmitido.

Assim, Lacan nos diz que não há formação para o analista e que cada um deve inventar esse saber a cada vez, com cada analisante, em cada sessão. É muito chato, diz ele, mas é com isso que temos que lidar e por isso não é um saber muito cobiçado.

O saber da ciência, uma vez inventado, é útil para quem deseja reproduzi-lo. O mesmo não acontece com o saber da psicanálise, sempre particular, feito em pedaços.

O final da análise permite a verificação de um furo no saber. Algo se perdeu com a intrusão da linguagem e não pode ser abordado de forma alguma. Esse saber falta e é a sua verificação que permite ao sujeito autorizar-se e está na base de qualquer invenção possível: onde não existe saber, deve ser inventado. Esta invenção é, evidentemente, privada e só serve a quem a produziu, não pode ser transmitida, não pode servir a mais ninguém. Cada um terá que fazer seu percurso.

O passe é a aposta de Lacan para colocar esse “não saber” particular a serviço da própria psicanálise.

Assim, temos por um lado a análise ligada à transferência e suas vicissitudes, até o seu fim, o final da análise, e por outro lado o passe. O passe é sobre outra coisa. O que se reconhece no passe não é a análise desse passante, mas um saber que o analisando adquiriu mais além dela, um saber particular adquirido que nada tem a ver com a análise, mas com a transmissão. É isso que contribui para o passe, uma articulação entre o particular de um saber, não de uma análise, e uma transmissão possível.

Esse trânsito entre a travessia da fantasia, a resolução sintomática e a queda do SsS e o que o passe permite, o analisando passa sozinho, o AE soube transmitir algo, uma versão do real que nada tem a ver com a análise.

Essa distinção é fundamental, não podemos confundir a análise com a transmissão, e ademais é também o que gera múltiplos mal-estar, pois se pode ter certeza de ter terminado

a análise e se confundirmos uma coisa com a outra e, enfim, a nomeação não acontece, isso gera desconforto e frustração.

É a essa transmissão que a Escola deve dar lugar. Transmissão de um saber, de um dizer, diferente sobre algum ponto específico da transmissão da psicanálise ou um saber sobre o ponto de real do não saber da teoria psicanalítica.

Transmissão de saberes e ignorâncias inéditas que se descobrem na fala do passante.

Quando o saber é realmente inventado (por si mesmo, Lacan nos diz), por definição ele não pode ser re-conhecido.

A Escola reconhece o AME, “como psicanalista que comprovou sua capacidade¹”, mas não pode reconhecer um saber inventado, só pode ser transmitido por quem o produziu. Daí a invenção lacaniana do passe.

Todo o esforço de Lacan, ao longo de seu ensino, foi tentar dar formar, cernir o que não pode ser sabido, encontrar uma forma de transmissão. Transmissão impossível, não nos esqueçamos, mas isso não nos exime de tentar.

Esse é o real em jogo na formação de um psicanalista e a invenção do dispositivo do passe é uma tentativa de Lacan de responder a esse impasse.

A invenção do dispositivo analítico por Freud não foi reconhecida pela comunidade científica de seu tempo, só pode ser transmitida por ele através de um árduo trabalho de elaboração para quem quisesse escuta-lo. Mas ainda assim, entre eles, a invenção da pulsão de morte supôs um não reconhecimento radical, produzindo uma ruptura entre seus próprios seguidores.

A invenção da curta sessão por Lacan produziu sua expulsão do seio da IPA e também implicou um intenso trabalho de elaboração de sua parte para demonstrar que não era um capricho, nem uma loucura, mas uma forma mais precisa de poder captar o real em jogo na prática analítica e aproximar de nós a sua estrutura para que possamos operacionalizá-la na prática de cada um de nós.

É preciso manter todas às proporções porque acho que devemos distinguir o saber inventado pelo gênio individual, que é algo fora de qualquer análise, do saber inventado que uma análise pode produzir como uma articulação - como eu disse então, mantendo todas as proporções, esse é o passe, por isso Lacan disse que toda vez que dava seu seminário estava fazendo o passe.

O passe busca verificar se o saber particular que o passante obteve em sua análise pode ser transmitido de tal forma que possa ser colocado a serviço da causa analítica, se aquele saber particular que só serve a quem o obteve pode, de alguma forma, servir à comunidade analítica e isso não acontece sem um trabalho de elaboração.

“Por à prova a historização da análise²”, diz Lacan, para acrescentar que “esse saber ainda nem foi para o forno. Porque é preciso inventá-lo³.”

¹ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, 2003, p. 249.

² J. Lacan, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 569. Na tradução, em português, está “verificação da historização da análise”, optamos por fazer a tradução que consta no texto.

³ J. Lacan, “Nota italiana”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 315.

“...dizer qualquer coisa de como aconteceu⁴”, “esclarecer o por que e o como...”⁵ nos explica Colette Soler.

“O que ele apreende (o cartel), é do saber e como o passante expõe o que ele pode inventariar... o que ele pode inventar⁶”, nos lembra Albert Nguyên.

Não pense que essa necessidade de verificação, de encontrar provas, deva fazer você perder um pingo de frescor ou surpresa que seu encontro deve produzir no cartel, que, é claro, deve poder escuta-la. Mas tem que estar lá, e cabe ao passante produzi-lo para que possamos falar de verdadeiramente de transmissão.

Porque esse saber inventado é a contrapartida do furo do saber em que se baseia a teoria psicanalítica, como dissemos anteriormente. Esse furo no saber que separa radicalmente a psicanálise da ciência, mas não nos exime de tentar cerni-lo.

Tradução: Andréa Hortélio Fernandes

O DISPOSITIVO DO PASSE E A CRISE DE SANITÁRIA

François Terral
Toulouse, França

A experiência do trabalho do CIG 2018-2020, por ter sido atravessada pela crise sanitária da COVID-19, foi particular em mais de um aspecto: suspensão dos cartéis do passe, cancelamento dos encontros internacionais da Escola em Buenos Aires, em julho de 2020, organização de reuniões, de forma sistemática, por videoconferência. Talvez apenas o ritmo de trabalho dos cartéis permanentes não tenha sido afetado. No que devemos chamar de uma perturbação, há a decisão de suspender os cartéis do passe e a recepção de novos pedidos de passe, o que, tanto dentro do CIG, como em nossa comunidade de Escola, foi o que levantou mais questões. Muitas destas questões começaram a ser trabalhadas, em particular, por ocasião do Simpósio sobre o passe, realizado por videoconferência na tarde de 5 de setembro de 2020. Este encontro permitiu examinar um grande número de pontos relativos às modalidades e a organização da garantia visada pela Escola, incluindo as referidas suspensões – naquela altura, tratava-se de dez passes. Na incerteza absoluta sobre o futuro da crise sanitária, surgiu a questão urgente de saber quanto tempo seria possível esperar, uma vez que alguns passantes tinham realizado seu testemunho há quase nove meses.

O passe por videoconferência?

Tudo isto levou a que cada membro do CIG assumisse sua responsabilidade perante a Escola e, progressivamente, se formulou para a maioria de nós, a necessidade, e mesmo o interesse, de que os passes em curso fossem finalizados por videoconferência. Um dos desafios era, então, situar a experiência futura em uma reflexão que permitisse validar seu

⁴ C. Soler, “A oferta do passe”, *Wunsch* n° 7, novembro 2007, p. 21.

⁵ *Ibid.*

⁶ A. Nguyên, “La passe, sinon rien”, *Champ lacanien, Revue de psychanalyse*, n°4, Paris, 2006, p. 134-145.

interesse de um ponto de vista analítico, o único, sem dúvida, a extrair das várias representações e impressões. Mas, o que pode abranger o interesse analítico das modalidades de videoconferência com respeito ao passe – testemunho do passante, escuta dos passadores, elaboração dos membros do cartel? Como avaliar? Com quais critérios? Se parecia evidente que o conjunto das etapas, uma vez obtida a concordância dos interessados sobre essa mudança, eram coisas perfeitamente realizáveis por via digital, o que dizer, nessas condições, sobre os efeitos em cada um dos atores? E ainda sobre a decisão do cartel para cada um dos passes escutados? No momento em que estas novas necessidades foram afirmadas no CIG, houve, portanto, alguma hesitação em dar uma resposta que contasse com o apoio de todos. Como podemos ver, o que Lacan desejava para o passe permanecia plenamente atual, a saber, o fato de termos que passar por “[...] uma acumulação da experiência, sua coleta e sua elaboração, uma seriação de sua variedade e uma notação de seus graus¹.” Uma tarefa contínua dentro da Escola que ia conhecer aqui um capítulo de reflexão até então inédito, ou quase, como veremos.

A sequência da minha argumentação visa propor alguns esclarecimentos, certamente parciais, por não estarem suficientemente desenvolvidos, ou simplesmente por não levar em conta um saber ainda a ser produzido sobre as questões que o passe levanta. Veremos que se inscrevem na necessidade, provavelmente inevitável, de voltar à definição dos aspectos fundamentais de nossa experiência do passe, bem conhecidos de todos. Eles unem dois pontos que, ao pensar em uma experiência tão nova, é preciso indicar. Na verdade, eles delineiam, para a experiência de Escola, as margens de manobra a serem inscritas em um trabalho à longo prazo.

Por um lado, a própria natureza do dispositivo do passe, do trabalho do cartel e suas modalidades, suspendem toda avaliação possível, se se considerar que uma avaliação se baseia em indicadores observáveis, mensuráveis e que devem ser padronizados, ou seja, apreensíveis por todos da mesma maneira. A ausência de tais indicadores não é uma falha, mas diz respeito ao real que concerne o desejo em jogo, aqui, o do analista. Como tal, ele é inacessível à avaliação e, aliás, não é, logicamente, objeto do cartel do passe avaliá-lo. Colette Soler sustenta a esse respeito que, no passe: “Tudo o que podemos avaliar são os avanços que, supomos, criaram as condições de possibilidade da passagem ao desejo do psicanalista e ao ato analítico²”. Trata-se, portanto, de saber se o essencial dos avanços em questão a serem recolhidos passam, tanto por videoconferência como presencialmente. Isso deverá ser verificado pelo simples fato do cartel poder tomar uma decisão quanto à nomeação do passante.

Por outro lado, implementar uma experiência do passe por meios digitais, e portanto fazê-la até ao final do processo, certamente implica em voltar a falar dela entre nós, de transmiti-la ao futuro CIG e a outros, etc., o que equivale a instalá-la como uma modalidade que se tornou possível na EPFCL. Não pelo efeito de um golpe de força, mas pelo fato de a decisão do cartel não poder ser posta em causa sem que seja, ao mesmo tempo, posta em causa também a razão de ser do passe, razão que reside no desejo daquelas e daqueles que se engajam nesta experiência. Entenda-se que não se trata aqui da autoridade da instância do CIG e do cartel, mas da própria natureza do seu trabalho. Ele não é o resultado de uma abordagem padronizada, com um conjunto de casas a ser preenchido – e concebe-se facilmente que, se uma ou mais casas não poderiam sê-lo, seria fácil dizer que as modalidades de videoconferência tornariam a experiência impossível. O trabalho do cartel

¹ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 261.

² C. Soler, “La passe réinventée”, *Mensuel*, n.54, apresentação no seminário Escola da l’EPFCL-França, Paris, 6 de maio de 2010.

é muito diferente e, para retomar a expressão de Lacan em seu seminário sobre o ato, lembremo-nos de que ele é *fruto de um ato*. Neste caso, o que é recolhido coletivamente do passo dado por cada um dos membros do cartel no momento de se pronunciar. Assim, a experiência iniciada e finalizada pelo CIG neste outono de 2020, vem, de fato, confirmar uma variante do funcionamento do passe. A partir daí, a questão é saber se este funcionamento afeta a dinâmica do trabalho no seio da Escola e, mais exatamente, a transferência de trabalho que impulsiona essa dinâmica – uma perspectiva que exigirá um recuo muito mais importante do que nos dão os dez passes concernidos nesta primeira sequência.

Simpósio sobre o passe

Voltemos, então, a esta importante etapa que foi a do debate realizado durante o Simpósio sobre o Passe, em 5 de setembro de 2020. Antes de tudo, é preciso dizer que foi com essa sequência da vida da Escola que as questões que se formulavam até então no CIG encontraram uma resolução suficiente para que fosse decidido iniciar a finalização, por videoconferência, dos passes em andamento³. Esta decisão foi acompanhada por uma outra, a de que somente seriam recebidos novos pedidos de passe após o término desta primeira sequência e de um período de discussão a este respeito pelo conjunto dos membros do CIG, que não tardariam a passar sua função ao CIG 2020-2022. De facto, parecia necessário reafirmar, junto ao conjunto de nossa comunidade, os termos de um funcionamento de Escola, o de seu Colégio Internacional da Garantia, o qual deve poder manter um ritmo de trabalho que incluía, mesmo neste período de crise, um *tempo para compreender*.

Após a abertura do Simpósio, realizada com as apresentações de quatro colegas do CIG cujo propósito era problematizar as questões do momento, o que dissemos no debate sobre a questão que nos ocupa? Muitas coisas importantes, ainda que possam ter sido acompanhadas pela afirmação de uma urgência em agir que, às vezes, era difícil não a identificar com uma forma de precipitação. Se havia alguma urgência, o essencial e, sem dúvida, o que foi mais compartilhado por todos, era que a Escola mantivesse sua função de sustentar o lugar da psicanálise no laço social, assim como sua ética. Mas a suspensão do passe, sua função de garantia, assim como a de animar o trabalho dentro da Escola, constituía uma parada com relação a isso que não poderia ser tolerado por muito tempo, correndo-se o risco de afetar a coerência da Escola. Sobretudo que, para muitos, o trabalho por videoconferência parecia inteiramente compatível com o que é esperado do dispositivo do passe. Assim, pensando bem, não havia argumento contrário. Logo, em vez de suspender o dispositivo, tratar-se-ia de experimentá-lo neste novo contexto e de tirar, em seguida, todas as conclusões, mesmo que, como também foi apontado, seja difícil voltar atrás. Além disso, o Simpósio foi o momento para que todos soubessem que já haviam ocorrido testemunhos online para dois passantes – com o consentimento do CIG. Tanto em modalidades mistas ou apenas à distância, essas experiências foram vivenciadas de forma satisfatória.

Também foram muitas as intervenções que poderiam ter um denominador comum: o de lembrar a todos o dever que se impõe à Escola de sustentar a plena inscrição da psicanálise em seu tempo – comunicando, no trabalho em rede, etc. A este respeito, as dificuldades encontradas para realizá-lo não resultariam de uma questão de diferença de

³ Oito passes estavam envolvidos. Os cartéis do passe ouviram os passadores de todos esses passes por videoconferência. Os passantes encontraram os passadores presencialmente, exceto em dois passes: um em que o testemunho foi realizado por videoconferência e presencial e outro em que o testemunho foi realizado inteiramente por videoconferência.

geração, em particular entre passantes/passadores e membros da CIG? E então, como alguns argumentaram, possivelmente também é o nosso tempo que deve ser questionado aqui, especialmente em seus excessos do uso do virtual. O debate foi animado, movido por um desejo vivo, e muitas vezes convincente, pela nossa Escola e seu futuro.

Uma perda?

E assim, para aprofundar a reflexão, o que se pode responder à indagação tantas vezes formulada nestes termos: em relação ao passe realizado em presença, o que se poderia perder ao fazê-lo à distância? A formulação dessa questão parte da ideia de que o encontro em presença entre o passante e os passadores, e depois dos passadores e os membros do cartel do passe, tem efeitos que favorecem a experiência. Portanto, na videoconferência, haveria uma perda, uma falta, que afetaria o próprio dispositivo. É certo que não se passa a mesma coisa entre as pessoas, que o encontro é diferente, feito com menos proximidade, menos intimidade, com menos prazer em torno de um momento compartilhado – e isso reduz muita coisa... Mas essa diferença, em última análise, diz respeito à experiência do passe em si? O fato de dar o seu testemunho e de o receber, o fato do cartel escutá-lo, o fato dele deliberar, depende da proximidade física dos protagonistas, ou mesmo do prazer que têm uns e outros de se encontrarem em presença?

Os argumentos apresentados para ponderar a questão são muitas vezes construídos de maneira implícita, tomando como referência o dispositivo do tratamento analítico e o *encontro de corpos* que aí se realiza. Sobre este ponto, os frutos do trabalho realizado levando em conta as restrições que a pandemia impôs aos analistas, deveriam ser vertidos ao debate⁴. Eles deveriam permitir que a questão da presença do analista seja posta em seu devido lugar, o que Lacan fez com relação ao público do seminário, o que aqui é interessante lembrar: “Estou, será que estou presente quando falo com vocês? Seria preciso que a coisa a propósito da qual eu me dirijo a vocês estivesse aqui. Ora, basta dizer que a coisa só pode escrever-se como *acoisa*, como acabo de escrevê-la no quadro, o que significa que ela está ausente ali onde ocupa seu lugar⁵.” Porém, dito isso, e para ir direto ao ponto, é difícil sustentar que o testemunho do passante aos dois passadores, que a escuta dos passadores pelo cartel, sejam ordenados como sequências de análise. Tudo indica que essas duas etapas não se incluem no discurso do analista, mesmo se elas dizem respeito eminentemente à análise de um e que ressoem nas análises dos outros. Talvez seja possível confirmar isso levando em conta a dimensão transferencial que está aqui em jogo.

Do ponto de vista do cartel do passe, se há transferência, sustentemos que é o que Lacan chamou, sem o desenvolver, de “transferência de trabalho⁶”. Sob estes termos, trata-se da orientação do desejo de um sujeito (seja ele passante, passador ou membro do cartel) e os meios concretos que ele encontra para sustentá-lo, o que se afirma no momento em que a psicanálise conta para ele além da sua própria análise, e até *mais* do que ela mesma, o que equivale a dizer que ela conta para o que é a psicanálise, qual é o seu lugar no mundo, como laço social, com todas as suas consequências éticas, políticas e clínicas. O termo “trabalho” diz claramente o que está em jogo: nessa transferência não se trata de afetos, de remeter todos à tarefa de pensar a psicanálise apesar ou além do *horror de saber* abordado no final do percurso. É, portanto, uma transferência separada do sujeito suposto saber, e nisto, muito diferente do que opera no tratamento. Nesse ponto, poderia se contrapor à ideia de que alguns dos atores ainda estão em análise – frequentemente os passadores – e que isso

⁴ Cf., por exemplo, C. Soler, “O corpo de novo em questão”, conferência feita quando dos vinte anos do Fórum de Medellín, Colômbia, em 26 setembro de 2020, <http://forolacanmed.com>.

⁵ J. Lacan, *O seminário, livro 18, De um discurso que não fosse semblante*, Rio de Janeiro, Zahar, 2009, p. 71.

⁶ J. Lacan, “Ato de fundação”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 242.

deve ser levado em consideração. E, de fato, existem testemunhos que afirmam que ter sido passador e ter podido experimentar um encontro presencial com o passante mudou o curso da análise. Mas isso, sem dúvida, deve ser situado mais como uma contingência do dispositivo do passe do que como um objetivo. Além disso, não há nada que diga que um efeito semelhante não possa existir em videoconferência.

Lembremos que Lacan sustenta, a respeito do conceito de inconsciente, que ele não pôde “separá-lo da presença do analista⁷.” E ele especifica que a “presença do analista é ela própria uma manifestação do inconsciente⁸”, que ela tem, obviamente, toda a sua importância para orientar e apoiar o trabalho do analisante no sentido de decifrar um saber suposto, principalmente no momento do início do trabalho – o qual, na sua dimensão lógica, pode ocorrer várias vezes em uma análise. Não é a mesma coisa, como acabamos de compreender, na experiência visada no cartel do passe que fundamenta sua ação na possibilidade de situar, a partir das palavras dos passadores, a marca da passagem realizada pelo passante ao desejo do analista. E quanto ao lugar a ser reservado ao encontro de corpos e aos afetos que estão ligados a ele? Não é o mesmo que na análise, ou seja, tem importância secundária e, provavelmente, sem efeito sobre o próprio processo do passe.

“Isso é chato...”

Haveria, certamente, outras hipóteses a serem feitas, outros pontos a serem considerados. Nesse ínterim, ainda que não fiquemos satisfeitos com isso, a satisfação exprimida diretamente pelos passantes e pelos passadores por ocasião dos cartéis de novembro e dezembro de 2020, as decisões tomadas pelos cartéis, das quais é importante notar que não houve impedimentos particulares atribuíveis ao uso da videoconferência, tudo isso, portanto, como ecos da experiência, é um sinal positivo que sugere que este dispositivo diferente vai permitir o trabalho que queremos para a Escola e a psicanálise. Mas porque não ficar satisfeito... com esta satisfação? Em primeiro lugar, porque, como disse, tudo sugere que se trata de uma coisa secundária. Mas talvez também porque ela poderia ser ainda maior, se esses passes tivessem sido realizados inteiramente em presença, uma suposição que foi compartilhada entre nós, vários manifestando sua preferência por uma experiência coletiva a ser compartilhada desta forma. No que se refere à dinâmica de transferência do trabalho para com a Escola, isso deverá certamente ser tomado em consideração. É o que poderia levar o CIG a fazer o máximo para privilegiar o dispositivo em presença, uma vez passada a crise sanitária – antes de que novas restrições, mais ecológicas, como as emissões de carbono, ou mesmo econômicas, sejam impostas a nós...

Pensando nessa realização e nas responsabilidades do CIG assumidas neste contexto tão particular, parece-me sustentável que esta experiência do passe realizada à distância – ou de forma mista –, tenha sido construída, para cada um, na lógica de uma escolha forçada. O fato de ser desta natureza, resultará em uma perda. Trata-se, agora, de poder confirmar que essa perda diz respeito a outra coisa que a eficácia do dispositivo de passe. Por haver um certo desconforto a ser suportado, cabem essas palavras de Lacan, pronunciadas em 1979, na conclusão do congresso da EFP dedicado à transmissão da psicanálise, oportunidade para ele sustentar que ela é intransmissível: “É muito chato que todo psicanalista seja obrigado – já que deve ser forçado a isso – a reinventar a psicanálise. Se eu disse em Lille que o passe me decepcionou, é por isso, pelo fato de que cada psicanalista

⁷ J. Lacan, *O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar, 1985, p. 121.

⁸ *Ibid.*

deve se reinventar, conforme o que conseguiu extrair do fato de ter sido psicanalisante por um tempo, que cada analista reinvente o modo como a psicanálise pode durar⁹.”

Tradução: Andréa Hortélio Fernandes

QUE TRANSMISSÃO? DO PAI-FORMADO [PÈRE-FORMÉ]¹ À PERFORMANCE

Albert Nguyen
Bordeaux, França

A embrulhada do pai

Qualquer um que pôde escutar passes não deixou de observar que a função do pai implica uma embrulhada [*embrouille*], uma bruma [*brouillard*] que a análise, em geral, dissipa mal: o resultado “*d’estembrulhada*” [*“stembrouille”*] é a instalação de uma neurose que a modalidade transferencial ilustra e da qual a saída nem sempre é explícita.

Ao longo dos seminários, Lacan fez evoluir esta função do pai, paralelamente à função do Outro, até fazer dele um sintoma. Sabemos que se trata da passagem do Nome-do-pai aos Não-tolos-erram [*Nom-du-père aux Non-dupes-errent*]. As consequências tiradas por Lacan revelaram o saber sem sujeito e no Prefácio coloca um ponto final ao sentido com “*o esp de um laps*”³... que não tem mais nenhuma espécie de sentido, e deixa então aberta a porta ao “O que se sabe, consigo”⁴. *Estembrulhada* [*St’embrouille*], equilibrada!

A questão que sucede poderia se formular assim: Desde que este “O que se sabe, consigo” não equivale a um “Assim seja”, então que fazer com isso? O fazer vem do dizer, no passe esse dizer pode às vezes se ouvir, se ler, posto que com efeito o cartel é um cartel de leitura; no que se ouve, uma atenção particular é colocada ao que, do real, se escreve e cujos efeitos podem ser lidos, interpretados sob os ditos: que se diga não é esquecido, é aí que o cartel tem uma tarefa a cumprir.

O que a experiência mostra? Eu poderia dizer que ela “de-si” [*“dé-soi”*], que ela opera essa passagem do “si” aos outros do cartel ou diria de preferência que ela decepiona [*dé-çoit*]⁵, por não deixar passar o dizer? Que é feito do real, do sexo, do amor, quando o testemunho reporta mais uma construção da história, uma articulação histórica? Que é feito das consequências não tiradas desta ordenação lógica dos momentos cruciais?

A Escola participa desta decepção? Na Escola os desenvolvimentos epistêmicos, teóricos ocupam um lugar central, um lugar em que cada um tenta fazer passar o que compreende

⁹ J. Lacan, “9º Congresso da Escola Freudiana de Paris sobre *A transmissão*”, *Lettres de l’École*, 1979, n° 25, vol. II, p. 219-220.

¹ N.T.: No original, *Du père-formé à la performance*. O autor se serve do equívoco homofônico entre a forma verbal *performé* (performado) e *père-formé* (pai-formado). O verbo *performer*, em francês, assim como o *performar*, em português derivam de *performance*, palavra inglesa absorvida pelas duas línguas.

² N.T.: No original, *l’embrouille, d’un brouillard, stembrouille*. Por assonância, o autor cria um jogo homofônico que se buscou aproximar na tradução.

³ J. Lacan, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 567.

⁴ *Idem*.

⁵ N.T.: Jogo homofônico entre *dé-soi*, (de-si em português, literalmente) e a forma verbal *déçoit*, de *décevoir* (decepionar). A introdução do hífen joga com a escrita, mas guarda a homofonia significativa, *dé-çoit*.

dos diferentes Lacan decifrados. Haveria uma distância entre o que se lê e o que indicam as análises expostas no passe?

Lacan, em seu tempo, tinha proferido o fracasso do passe. O que entendia então por esta evidência? Não tanto uma reconsideração das modalidades do procedimento, do que uma ausência de elaboração daqueles dos quais ele esperava que a produzissem, que trouxessem alguns elementos sobre a passagem de analisante a analista: em vão.

De onde vinha esse silêncio? Quarenta anos mais tarde, esse furo está pelo menos em parte preenchido sobre esse ponto preciso da passagem a analista?

Passagem a analista, desejo do analista, ato analítico, tantos pontos vivos que, em geral, restam ainda na sombra dos testemunhos. Não generalizemos, as raras nomeações de AE são mesmo o signo que acontece que “isso passa”, ainda que a nomeação não pressagie o que será este analista em sua prática. A raridade das nomeações não podendo ser imputada à simples “surdez” dos cartéis, resta então o problema colocado pelos testemunhos que não levam à convicção.

O passe, Lacan sempre sustentou e escreveu: ele o propunha para captar esse momento de passagem, poder-se-ia dizer este instante, este flash, este clarão, esta báscula que torna possível para alguém ocupar seu lugar no discurso analítico. É essa passagem que fica mascarada em muitos testemunhos, ora, é desse ponto que se deduz o fim da análise. É por isso que, além da queda do sujeito suposto saber, a separação do analista deveria esclarecer o testemunho daqueles que apresentam “seu” passe.

O fim da análise não reside no esclarecimento de uma filosofia de vida, ela faz entrar no campo de um “saber irritante” que, no entanto, determina o que cada um pode fazer de seu resto de vida: não tanto aumentar o conhecer/*con-nascer* [*con-naître*⁶] quanto consentir com o vazio de onde esse saber emerge. Uma vez o lugar aberto a esta tomada do saber analítico, como diz Celan em seu belo poema, restam a alegria...e o dever de cavar, cavar, cavar, não sem tomar a medida (seria preciso dizer “ser a medida”) de que nenhuma escavação não seja idêntica a outra: o inesperado, a surpresa, o equívoco sempre presentes, modificam o si no encontro do Outro enquanto Outro sempre Outro.

Sempre há o de-si quando é ultrapassado o passo de “sua” análise, da “análise-de-si” [*l’analyse-à-soi*], à psicanálise.

A análise-de-si se termina com este “o que se sabe, consigo” que não é um “Eu o sei”, há saber sem sujeito (o escândalo da análise), a passagem à psicanálise como experiência inaugural não vai sem um de-si. Será preciso aqui lembrar o sujeito barrado? Embora a dimensão de uma singularidade seja aí encontrada com as reviravoltas que ela gera, é a partir do abandono do “quanto a si”, por isso eu digo « de-si », que começa a se elaborar a relação ao que é a psicanálise, o que é o inconsciente, uma relação nova que não é mais aquela da entrada em análise, mas aquela que fez da psicanálise uma causa, a causa que desde então orienta, determina a vida de um analista (que pode então se esforçar para transmitir).

Apoiar-se no que a análise atualizou para si e ir, através do de-si, em direção ao Outro, S(A), cria a possibilidade – e apenas a possibilidade – de, por contingência, reinventar a psicanálise em cada tratamento, eco do “recomeçar sem cessar o passe” de Lacan.

⁶ N.T.: No original, *con-naître*. O autor introduz um equívoco homofônico e também condensa alguns sentidos com a grafia: *connaître* (conhecer), *naître* (nascer), *con* (termo chulo para genital feminino, também pessoa desqualificada, “babaca”), *con-naître* (conhecer, con-nascer).

Re-inventar quer dizer a cada vez encontrar um novo caminho, um novo caso, um novo fim da experiência... e uma nova relação ao inconsciente cuja diz-mensão real foi tocada.

Eu tive oportunidade, no cartel permanente, de levantar a questão da diferença notada entre o testemunho dos passadores que fazem o esforço de transmitir da maneira mais justa o que o passante lhes diz e o saber estabelecido a partir do ensino de Lacan: a experiência do passe é utilizada para mostrar uma adequação da história subjetiva aos desenvolvimentos de Lacan? Uma adequação aos avanços epistêmicos da Escola? Seria verificação da validade deste ensino?

Os desenvolvimentos lacanianos sobre a linguagem, a língua, lalíngua não fizeram passar ao segundo plano o desdobramento lógico de uma análise, enquanto que os efeitos de lalíngua (o materialismo) se julgam ao nível do sintoma?

A performance do passe

A análise é experiência de fala, repetimos à vontade. Mas ainda é preciso distinguir diversos estados do “falar”, sobretudo o “falar a” e o “falar de” na continuidade da neurose, do “falar por falar”, ou para dizer, da associação livre. Livre, ela abre a porta ao fim da experiência e à emergência do saber sem sujeito.

O trabalho de Barbara Cassin sobre o ato-de-fala [*speech act*] de Austin trouxe à luz esta diz-mensão da fala; ela abre o acesso à palavra-coisa e se ela não o diz, a análise põe em destaque isso: a análise, em seu fim, toca exatamente esse ponto: se, de pronto, a palavra mata a coisa, na análise uma palavra ressoa no corpo, palavra que determinou um saber insabido do sujeito que ressoa pelo intermédio do corpo. Doravante ouve-se diferentemente: o falasser pode, então, re-nomear essa palavra-coisa que se encarna. A “nova” palavra se conecta ao gozo, ela evoca o traço que apagou o sujeito no tempo 1 para fazer reaparecer a operação que indexa o inconsciente real.

Esta passagem pelo corpo é essencial: encarnação (é preciso se lembrar que Lacan avançou a castração encarnada e não apenas formalizada no *Seminário* sobre o Ato). A encarnação da palavra-coisa, palavra-gozo separa definitivamente o sujeito do Outro. Esse falar, esse dizer é um fazer no sentido que Lacan lhe dá: o nó é preciso fazê-lo. Esta é a performance que a análise realiza. O deslocamento do pai-formado [*père-formé*] à performance que constitui uma análise assim como a experiência do passe, faz então signo de uma transmissão, transmissão da psicanálise.

Podemos pensar, com efeito, que o passe é a operação engajada por um falasser animado por um desejo de transmitir, com o cuidado de fazer “passar” esta transformação que o separou da embrulhada parental (o Outro) para abrir o acesso ao Sem-Outro, mas não-sem o gozo que marcou o corpo: passagem ao equívoco [*bévue*] possível.

Em 1977-78, Lacan apontou a inclinação inevitável ao parentesco nos ditos dos analisantes, embora se trate, para terminar uma análise, de atingir a solução inventada para desfazer o nó da neurose...e da neurose de transferência. Pois, em última instância, se é ter feito um passo de poder atualizar as coordenadas familiares que produziram a neurose, e mesmo se for possível se separar dela, resta ainda encontrar a solução da transferência: separação do analista e virada à psicanálise.

Não se pode esperar de um passe que ele mostre como pode, ali, se descobrir a singularidade que o cartel deve poder escutar (ele supõe o trabalho rigoroso de elaboração do analisante sobre sua análise). Singularidade de um passe em nada parecido com um outro, solução separada de-si.

Esta é a condição expressa que permite interrogar o que é esse saber que chamamos inconsciente, e que não é de modo nenhum histórico, cuja característica de ser furado relega, desloca o si em direção à interrogação: Que é isso? [Qu'Est-ce?]

Esse “ké” [“kes”] de ressonância pode fazer da experiência do passe uma experiência única, e o vetor de uma “di-reção” [“dire-ction”⁷] a preservar para que o acontecimento do dizer seja conotado do “sem rebarbas” que Lacan introduz em os Não-tolos erram [les Non-dupes errent]. Imparável! E meio de evitar as indeterminações de construções mais ou menos alambicadas que apontam, de preferência, a oportunidade, ou mesmo a necessidade de prosseguir a análise.

Ao nível da Escola, a questão de Lacan sobre os “dispersos díspares” [épars désassortis] poderia ser elaborada e tratada a partir dessa passagem do si ao de-si [dé-soi] que pode então se escrever, se enodar: do de-si [dé-soi] ao “dos si” [des soi]. Se sabe, consigo, que há saber sem sujeito, esse saber que responde ao impossível, ao “não há relação sexual” e não haverá jamais relação sexual (é preciso insistir sobre o “jamais” na medida em que a neurose é capaz de inventar os desvios que fazem escapar à estrutura).

Sobre esse ponto, pudemos ouvir o testemunho de que há uma dificuldade recorrente e, no entanto, Lacan insistiu fortemente nisso: a relação sexual jamais se escreverá (sejam quais forem as tentativas mais modernas de objetá-la). Sem dúvida a análise mostra ao analisante como ele respondeu pelo sintoma e a fantasia. Sem dúvida esta descoberta teve um efeito positivo sobre o gozo que eles encobrem mas, apesar de tudo, o que é feito da própria diferença que o real instaura, assim, em toda relação? O 2 do casal não vale mais que o 2 parental, e não há nenhum acesso a esse 2 sem passar em primeiro lugar pelo 3 do real. É o 3 de uma diferença absoluta, diz Lacan.

Na análise, não há o risco de continuar a “alimentar” o casal, de passar do casal parental ao casal analisante-analista, ainda que se trate de desfazer o nó dos casais que multiplica a atividade fantasmática, dando lugar ao 3 da não relação?

Quais os efeitos sobre a relação de casal? É isso que um cartel poderia almejar ouvir, que seja questão de amor e de sexo nos testemunhos. O 2 do casal é, na realidade, um negócio triplô (passagem do amor ao amuro). Essa passagem pelo 3 do real permitiria atestar a eficácia de uma análise, o analisante produzindo um dizer suportado pelo que a análise escreveu (ou pela escrita que ela aprimorou) e que implicou a modificação subjetiva cuja redução do gozo à letra do sinthoma testemunha? Deve ser possível extrair a prova de um dizer que faça acontecimento como assinatura de um fim de análise.

Acolher as singularidades implica uma escolha. A escolha pode se fazer sobre o modo da identificação (ao custo de aplanar as diferenças e, assim, rebaixar a psicanálise à ordem do “politicamente correto” [bien-pensance], da ortodoxia do pensamento) ou, então, sobre o modo intersinthomático, maneira de preservar o lugar do real colocando, como Lacan fez em 78, que há um sinthoma “ele” e um sinthoma “ela”, que diferem. A operação se escreve, então, (1+1+entre): no primeiro caso (identificação), a hierarquia se impõe, no segundo, (o entre), o gradus governa.

Fica sensível que a questão da transmissão, que aliás recorta a da seleção dos analistas pelo passe, que Lacan dizia ser o primeiro passo rumo a um novo modo de recrutamento, depende da elaboração da passagem, do encontro do singular em sua relação à

⁷ N.T.: Jogo homofônico no original entre *direction* (direção) et *dire-rection*: *dire* (dizer), *rection*, (do latim *rectio*, “ação de gerenciar, administração, governo”; “reger”; em gramática, designa a regência verbal).

comunidade: como fazer viver o que é díspar? Seria assim que poderíamos entender o “d’Escolar” de Lacan? Des-colar para fazer Escola.

Tradução: Jairo Gerbase

ZOOM NO PASSE, PLURILINGUISMO E INTRADUZÍVEL

Dominique Marin
Narbonne, França

Em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan define o inconsciente como uma “causa perdida¹” porque sua essência é a de ser evanescente. O dispositivo do passe é sua resposta para fazer oposição a esse efeito. Basta ler a *Nota italiana* para se convencer. Desaconselha àquele que se vê tentado a se autorizar a ser analista a ir por esse caminho “porque nunca terá tempo de contribuir para o saber, sem o que não há chance de que a análise continue a dar dividendos no mercado²”. O passe é a resposta de Lacan à causa perdida do inconsciente na medida em que, como diz em sua alocução sobre a transmissão, responde à necessidade de que “que cada analista reinvente a maneira pela qual a psicanálise pode perdurar³”. Esses são os dois objetivos do passe: contribuir com o saber, reinventar a psicanálise para que continue sendo o melhor no mercado.

Suas expectativas são muito claras em tal alocução: “Devo dizer que nada no passe demonstra que o sujeito sabe curar uma neurose. Sempre espero que alguém me esclareça esse assunto⁴”. Contribuir com o saber e reinventar a psicanálise passa pelo saber adquirido na própria análise sobre como curar uma neurose. Parece que esse destaque se perde, às vezes, nos motivos que levam ao passe. Com muita frequência, o passante se apresenta ao dispositivo do passe para validar seu percurso analítico e sua conclusão, e não tanto para tentar testemunhar sobre o saber adquirido a respeito de como se cura uma neurose, o que é fundamental se se quer que a psicanálise continue existindo.

Minha nova experiência no CIG me levou a sopesar em que medida o dispositivo do passe corresponde a uma urgência. A urgência é constante frente ao esquecimento. As circunstâncias sanitárias que conhecemos neste momento não fizeram senão reforçar essa dimensão. Foi o que o Simpósio sobre o passe, ocorrido em 5 de novembro de 2020, abordou, tendo como título: “O funcionamento do passe nas condições atuais”, ou seja, sem a presença dos corpos.

Duas posições extremas e muito fundamentadas se opunham. Por um lado, a ideia de que a ausência dos corpos é um obstáculo; nesse caso, a ausência dos corpos dos passadores e dos corpos dos membros do cartel. Por outro, a ideia de que há que se lançar custe o que custar. Uma das razões do “há que se lançar” repousa sobre a constatação de que as análises por telefone puderam funcionar durante o confinamento e, também, penso, porque parece

¹J. Lacan, *O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1988, p. 123.

²J. Lacan, “Nota italiana” (1973), *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 314.

³J. Lacan, “IX Congresso da Escola Freudiana de Paris sobre *A transmissão*”

⁴*Ibid.*

impossível fazê-lo de outro modo. Estamos no “mais vivo”⁵ de nossa época. Pode ser que a pandemia cesse de repente, o que permitiria retomar os deslocamentos, mas isso sem contar com as mudanças decorrentes das crises financeiras e ecológicas. Minha opinião é a de que que nossos deslocamentos de um continente a outro, inclusive de um país a outro, terão que ser menos frequentes. O debate do Simpósio levou nosso CIG, após a discussão, a concluir efetivamente que é preciso continuar. Então, escolhemos escutar os passadores, a maioria há meses à espera de testemunhar. Gostaria de explicar essa escolha, com a qual concordo por razões precisas.

A fórmula “o inconsciente, isso fala”, que se encontra ao longo de todo o ensino de Lacan, parece reduzir o alcance do que se pode captar somente pela via da palavra e, portanto, eliminar a importância que se quer dar à presença dos corpos. Pois bem, a noção de falasser, que vem redobrar a de sujeito, põe o corpo em questão.

É uma oportunidade para lembrar o que Lacan pôde formular sobre o dualismo cartesiano, corpo e pensamento, revolucionando seus próprios conceitos a partir do Seminário *Mais, ainda*. Efetivamente, afirma ali que “o significante se situa no nível da substância gozante⁶”, pois é a “causa do gozo⁷”. Segue por esse caminho no seminário *Os não tolos erram*, ao considerar que o corpo “goza de si” porque é “substância gozante⁸”. Sem refutar a ideia de que o corpo e o sujeito (sujeito que, por definição, é somente suposto) pertencem a dois registros diferentes, introduz um nó pelo gozo vinculado à palavra. Não deixamos de destacá-lo, os nós são questão de escrita. O que se escreve em uma análise, ao seu término, é a escrita que não se faz da ausência de proporção sexual. A saber, o dizer que há do um.

A propósito da interpretação segundo Freud, Lacan disse em uma entrevista em 1973: “A nova forma que ele substitui pela interpretação é, diria, da ordem da tradução, e a tradução cada um sabe o que é, (...), é sempre uma redução e há sempre uma perda na tradução; e, do que se trata efetivamente, é do que se perde; se palpa – não é assim? – que essa perda é o real próprio do inconsciente, o real mesmo, apenas. O real para o ser falante é que ele se perde em alguma parte. Onde? É ali, onde Freud destacou, perde-se na relação sexual⁹”.

O real do inconsciente é aquilo que dos pensamentos inconscientes não se pode traduzir. Toda tradução produz uma perda. É nessa perda que consiste o inconsciente real que tem a ver, em última instância, com a relação sexual impossível de escrever, como não deixou de repetir a partir do Seminário *Mais, ainda*. É esse real que serve de bússola na orientação da análise lacaniana de nosso campo.

Finalizo com um exemplo concreto baseando-me na intervenção de Elisabete Thamer na jornada organizada pela EPFCL-França em 12 de setembro de 2020 (mais uma vez, via Zoom) sobre “Os efeitos do passe na Escola, visto pelo AE”. Ela justificou a função do plurilinguismo nos cartéis do passe explicando que o esforço de tradução que isso requer dos membros do cartel que não falam a língua do passador ajuda a se descolar dos ditos do passador e da narração do testemunho do passante que, com frequência, podem comportar efeitos de fascinação

Essa explicação clareou uma experiência que vivi em um cartel do passe que concluiu com a nomeação de um AE. Eu não sabia explicar por quais razões minha impressão de que

⁵J. Lacan, “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953), *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 286.

⁶J. Lacan, *O seminário, livro 20, mais, ainda* (1972-1973), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985, p. 36.

⁷*Ibid.*

⁸J. Lacan *O seminário, Os não-tolos erram* (1974-1975) inédito, lição de 12/03/1974.

⁹J. Laca, “Entrevista para *France Culture*, em julho de 1974”, em razão do 28º Congresso Internacional de Psicanálise, publicado em *Le coq-héron*, 1974, n.46/47.

havia algo, “uma coisa”, desde o final do testemunho do primeiro passador, tinha sido tão clara e inquietante. É um fato que me pareceu ainda mais enigmático considerando que, de todos os membros do cartel, eu era o menos familiarizado com a língua do passador. Minha incompetência linguística levou os outros membros do cartel a fazerem um esforço de tradução para me ajudar a continuar quando perdia o fio da meada. Às vezes, a tradução de um era completada ou contradita pela versão de outro e isso dava lugar a um mini debate. Ampliando a tese de Elisabete Thamer, diria, *a posteriori*, que o esforço de entender, por parte daquele que não domina a língua do passador, permite uma brecha em relação àquilo que se trata de escutar e tem a ver com o intraduzível do inconsciente. Entender não é escutar. Sem dúvida, é a razão pela qual Lacan colocou o passador entre o passante e o cartel do passe. Como uma tela! A configuração do relato do passante pelo passador comporta já uma dimensão virtual. A necessidade de traduzir, a fim de fazer com que um membro do cartel, com dificuldade linguística, escute o que não entende, permite efetivamente se desprender do efeito fascinante dos ditos do passador, sobretudo quando esse tentou dar-lhe uma forma estruturada, convincente, para não dizer, doutrinal. Mas, o que testemunha a aproximação do real toca o gozo fora de sentido. Disso, não são nem a história nem as palavras efetivamente ditas que são testemunhas, e sim o dizer, o que escapa e que está exatamente aí e que responde ao intraduzível do inconsciente. Pois bem, essa dimensão central, o intraduzível do inconsciente, ou seja, aquilo que escapa à compreensão não tem nada a ver com a presença dos corpos. Lacan o repetiu bastante, do início ao fim de seu ensino, o corpo sempre exerce fascinação. Um corpo não é menos suscetível de fascinar do que um relato, seja o de uma vida, o de uma cura ou o de uma vocação, pouco importa, assim como a maneira de contar esse relato pode enfeitiçar aqueles que o escutam. Por si só, um corpo já conta toda uma história. Que o corpo do passante não esteja presente trabalha contra esses efeitos de fascinação que inevitavelmente engendram efeitos de compreensão. É a presença do passador que serve de tela à fascinação, ao qual podemos acrescentar o caráter plurilinguístico dos cartéis do passe. Nesse âmbito, a presença de uma tela de computador já não é um verdadeiro obstáculo.

Levando esse raciocínio ao extremo, poderíamos nos perguntar então se a presença do passador não seria outro obstáculo a ser eliminado. Evoquei o fato de que um passador pode se ver tentado a fazer do testemunho recolhido um relato construído e, portanto, mais sedutor. Nessa lógica, poder-se-ia dizer que seria melhor eliminar o encontro, ou o que fosse, com os passadores, e não lidar mais do que com um dossiê escrito. Um testemunho escrito pede para ser lido. Porém, não é a vocação do cartel do passe ler, ao contrário. Em efeito, o caminho do trabalho do cartel do passe vai daquilo que é entendido, isto é, reconhecido, até o que resta intraduzível, ou seja, mais a ler. Aí, certamente, é necessário um corpo para experimentá-lo, o corpo de um cartel.

Finalizo com outra experiência, dois encontros do cartel do passe que ocorreram via Zoom. Nesses casos, faltou a presença dos corpos dos membros do cartel, sem impedir que o cartel funcionasse. A situação me pareceu menos confortável, já que novamente me confrontava com o mesmo problema relacionado à língua (vale assinalar certa hegemonia da língua espanhola no CIG!). Contudo, o corpo do cartel não se perdeu totalmente, pois as secretárias do CIG sugeriram, para este encontro excepcional pelo Zoom, que os cartéis do passe fossem constituídos pelos cartéis permanentes do CIG, ou seja, em função há quase dois anos. Essa proposta, que contou com a adesão unânime dos membros do CIG, permitiu escutar seis dos oito passes em espera. Uma ideia muito valiosa, já que compensava a ausência *dos* corpos dos membros do cartel e deixava espaço para a presença *do* corpo do cartel.

Tradução do espanhol: Maria Claudia Formigoni

QUAL ENODAMENTO, QUAL DIZER?

Vicky Estevez
Paris, França

Assim como a análise e o passe, uma Escola se escreve com o real.

Isso nos escapa porque não sabemos do que é feita esta escrita, “esta escrita dita no real... que não decalca o significante¹”. É um saber efeito de linguagem, feito de pedaços de... de todas as coisas, do silêncio acima de tudo, de ritmos, de restos de frases, de palavras, de fragmentos de palavras, mesmo de palavras feitas de palavras aglutinadas e/ou cortadas de forma incongruente, tudo isso tomado no corpo e na língua dos sujeitos que participam desta Escola. Tudo isso circula. O real das análises e o que elas ensinam. O que cada analisante, o que cada analista, um a um, nela inscrevem.

Cartéis, seminários, escritos... e algo de um dizer se tece no insabido de cada um, e tem efeitos. Uma ressonância. Às vezes, efeitos de transmissão. Às vezes.

Fazer Escola.

Arriscar-se.

Em seu nome próprio²

E então, há também o real do fazer com os outros, com outros tão diferentes, tão distantes, tão desconcertantes.

A aposta de um desejo, a aposta de uma confiança³.

O que se escreve como real em uma Escola de psicanálise é um *appensamento*⁴, este dizer da psicanálise que avança, um dizer no presente, sempre no presente, “já que isso equivale a marchar no mesmo passo com que a própria questão se produz”⁵. É um dizer que só se prende a um saber em ato. Não se pode antecipá-lo, *o apensamento*, porque, em si mesmo, ele não segue a nada. É um espaço-tempo completamente improvável. E, no entanto... Um fio de cada um, consigo, orienta. Como se diz, “o que se sabe, consigo”⁶.

A psicanálise, nós a fazemos, nós a fizemos.

Isso sabe.

Está embaixo.

¹ J. Lacan, “Lituraterra”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 21.

² Assim como para o cartel: “O cartel, com sua estrutura particular, foi elaborado por Jacques Lacan como uma ferramenta de trabalho que enoda produção individual e trabalho coletivo, e que aposta no desejo, um desejo de trabalho que engaja a responsabilidade de cada um na elaboração coletiva de um saber, mesmo se este permanece singular.” Site de l’EPFCL-France: < <https://www.champlacanienfrance.net/>>.

³ *Ibid.*

⁴ J. Lacan, *O Seminário, livro 23, O sintoma*, Rio de Janeiro, Zahar, 2007, p. 140.

⁵ J. Lacan, *O Seminário, livro 18, De um discurso que não fosse semblante*, Rio de Janeiro, Zahar, 2009, p. 111.

⁶ J. Lacan, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*”, *Outros escritos, op.cit.*, p.567

Em uma Escola, ousou esperar que se faça confiança no que *isso sabe* como furo e não no saber como semblante.

E, em uma Escola, através do esburacamento do objeto que o dispositivo do passe produz no seu centro, ainda mais.

Quando isso sabe, isso se escuta, está lá, é isso, sabe isso⁷...

Um saber separado, sem Outro.

É neste lugar que pode haver encontro.

Raros.

Um impossível desde a entrada? Certamente. Está escrito, o impossível. A relação que não cessa de não se escrever.

E o possível? Sim, por contingência, às vezes algo do possível cessa de não se escrever.

Quais condições para sustentar as condições dessa contingência do às vezes possível?

Uma Escola, uma aposta.

Sustentar com alguns outros, com pedacinhos do possível que se inventam, com o tropeço, com o erro, na borda, tão frágil ...

Porque é aí que algo novo, vivente, aparece.

Fiar-se no inconsciente, no inconsciente real, no corte, no *esp* de um *laps*⁸, no vivente.

É isso que nossas análises, orientadas por Lacan, nos ensinam, não é?

...*Rasura de traço algum que seja anterior*⁹.

Pode-se pensar que se deixa o rastro de uma palavra anterior... de Lacan, por exemplo. Mas, a cada vez que se comenta / diz / escreve algo de Lacan, não é Lacan; por força, podemos até *de-screver* [*dé-écrire*] Lacan, ou mesmo *postapagar* [*posteffacer*¹⁰]. Sem escolha: o traço deve continuar a ser escrito, não sem Freud, não sem Lacan, mas a cada vez, ele tampouco jamais será, exatamente, o mesmo. A cada vez, é ÚNico.

... *Rasura de traço algum que seja anterior*, do apagamento do traço do qual só se pode distinguir a rasura.

Ora, a rasura não é o rastro do traço apagado, mas o rastro do sujeito. Quando Lacan diz, *o significante representa o sujeito para outro significante*, o sujeito já desapareceu antes de aparecer. O rastro, o movimento, a letra. *É o literal*¹¹ ...

⁷ N.T.: No original, jogo homofônico que se perde na tradução ao português: *c'est ça, sait ça*.

⁸ Ibidem

⁹ J. Lacan, *O Seminário, livro 18, de um discurso que não fosse semblante*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 2009, p.113

¹⁰ J. Lacan, "Postfácio ao *Seminário 11*", *Outros escritos, op. cit.*, p. 503. N.T.: A autora joga com dois equívocos homofônicos e com a escrita: *dé-écrire*, (des-escrever e descrever); *posteffacer*, com a alusão à palavra *postface*, *posfácio* em português e a *effacer*, *apagar*. Lacan faz esse equívoco que serve de referência à autora.

¹¹ *Ibid.*

“Produzir essa rasura é reproduzir a metade com que o sujeito subsiste [...] Produzir a rasura, sozinha, definitiva...”¹²”

É esse fôlego radical, esse vivente que vai estar, ali, no traço.

Quanto mais o dizer escava do lado do objeto, quanto mais o sujeito vai se apagando, o “apagamento” [“*effaçon*”¹³], diz Lacan, mais esse dizer advém em sua singularidade. Não é a isso que leva uma análise?

Este rastro / signo do ÚNico. “Nada é mais distinto do vazio escavado pela escrita do que o semblante¹⁴.”

É isso que o dizer traça.

E, por este movimento, constitui um nó.

E por que não o sinthoma?

E, é só a partir daí, de cada um como sinthoma, pela operação *intersintomática*, que uma Escola é possível¹⁵. Aí, um “fazer Escola” pode se situar.

Permanecer aberto.

Fazer confiança na rasura¹⁶.

Tradução: Graça Pamplona e Vicky Estevez

¹² *Ibid.*

¹³ J. Lacan, “Radiofonia”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 434.

¹⁴ J. Lacan, “Lituraterra”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 24. N.T.: Na tradução para o português desta edição, foi feita opção pelo termo “escritura” (*écriture*) neste trecho. Optamos por “escrita” que nos pareceu corresponder melhor à ideia da autora.

¹⁵ J. Lacan, “9º Congrès de l’École freudienne de Paris sur *La transmission*”, *Lettres de l’École*, nº25, vol. II, 1979, p. 219-220. Le sinthome: É tudo o que resta daquilo que se chama a relação sexual. A relação sexual é uma relação *intersintomática*. É por isso que o significante, que é também da ordem do *sinthome*, é bem por isso que o significante opera. É bem por isso que nós temos a suspeita da maneira pela qual ele pode operar: é pelo intermédio do *sinthome* ».

¹⁶ Texto produzido no cartel permanente do CIG (2018-2020): *O que dizer de “nossa” experiência do passe?* Outros membros do cartel: Rosa Escapa (Espanha), Elisabete Thamer (França), Albert Nguyễn (França), Dominique Marin (França) e Ana Laura Prates (Brasil).

COM AS JANELAS ABERTAS PARA O PASSE

Ana Laura Prates
São Paulo, Brasil

1. A doxa e a colonização do saber na Escola

Exponho neste trabalho algumas questões que tenho pensado a partir da minha experiência em alguns cartéis do passe, e que tenho procurado elaborar no cartel permanente do qual participei, com Albert Nguyen, Dominique Marin, Elisabete Thamer, Rosa Escapa e Vicky Estevez como mais um. Nosso cartel teve como tema de trabalho: “O que podemos dizer sobre “nossa” experiência do passe?” “o que se pode elaborar a partir da experiência em si”. Estávamos muito sensíveis aos efeitos da doxa no passe. Como não nos deixarmos dominar por esse fenômeno, suficientemente advertidos de que a “anti-doxa” tampouco seja uma solução. Esse problema motivou a proposta do CIG para que o Encontro de Escola de 2020 – infelizmente adiado em razão da Pandemia – tivesse como tema: “Ortodoxia e heresia. Os saberes na psicanálise”.

Quanto aos efeitos da doxa, eles podem ser escutados em alguns testemunhos, mesmo através de algo que, surpreendentemente, poderíamos chamar de certo “cálculo inconsciente” que aparece em sonhos e outras formações do inconsciente, mais além de uma estratégia deliberada de transmissão. Essa questão me levou a interrogar a relação original entre saber e verdade sustentada pela Psicanálise e formalizada por Lacan a partir dos anos 70 com os 4 discursos. A articulação significante – ou, em outras palavras, o saber inconsciente – implica a repetição que produz um mais de gozar, o qual tenta em vão alcançar a verdade, encontrando uma barreira, uma impossibilidade estrutural. Assim, saber e verdade não são complementares, não compõem um todo. Eis uma versão do “não há relação sexual” que, entretanto, cada discurso tentará escrever a seu modo.

Ora, historicamente podemos sustentar que o Discurso do Amo opera uma distinção entre doxa, a opinião, e ortodoxia, a opinião verdadeira. O Discurso do Amo moderno, ou Discurso Universitário, por sua vez, produz um agenciamento inédito do campo do saber tendo como consequência igualmente uma mudança das relações de poder. Lembremos: se o Discurso do Amo antigo segrega, o do Amo moderno concentra e objetifica: somos todos objetos do saber através do qual se supõe produzir um sujeito. Daí seu parentesco com imperativo moderno da educação e com os imperialismos que substituem o Império. Seria então o caso de nos perguntarmos se, em uma Escola de Psicanálise, estaríamos isentos da colonização infantilizante pelo saber própria do Discurso Universitário. Ora, uma Escola não é transcendental e não está fora do mundo, por mais que nosso objetivo seja o de sustentar o Discurso do Analista na cidade dos discursos – o único que possibilita a sustentação de um saber no lugar da verdade a partir da invenção de um significante novo.

2. A heresia e o saber no lugar da verdade

A partir desse ineditismo do Discurso do Analista, cuja produção singular o passe escuta a cada vez, nos perguntamos como sustentar uma Escola não colonizada pelo agenciamento do saber e sem um empuxo à burocracia própria ao Discurso Universitário. A Escola propõe-se a subverter exatamente a relação entre o saber e a verdade, de modo coerente com a subversão do sujeito do inconsciente, noção que – embora historicamente relacionada às religiões monoteístas e, sobretudo, ao discurso da ciência – é radicalmente

original na cultura, desnaturalizando as concepções triviais de linguagem e corpo e a proporção entre homem e mulher.

A transferência tenta escrever a relação entre saber e verdade na demanda de amor que se dirige ao saber. Eis o equívoco do Sujeito Suposto Saber que o analista deve, a um só tempo, sustentar e subverter. Para irmos rápido, vou diretamente à questão sobre qual mudança a análise produz em relação ao saber, e o que o passe recolhe dessa passagem. No Seminário *Ou pior* (1971-72)¹ Lacan dirá: “Da análise, ao contrário, há uma coisa que deve prevalecer: é que há um saber que se extrai do próprio sujeito. [...] Esse saber, este não é suposto: ele é saber, saber caduco, migalha de saber, *submigalha* de saber².” Curiosamente, na “Nota italiana” (1970), contemporânea a esse *Seminário*, Lacan fala de um saber no real, o qual a humanidade não deseja. Só há analista, entretanto, se o desejo advier do saber.

Essa é, portanto, a marca que o analista porta: “ter circunscrito a causa de seu horror [...] de seu horror de saber³”. Saber que não há relação sexual que possa se escrita, ou seja, que o saber não alcança a verdade. Daí se extrai o lugar da verdade nos discursos e o fato de que, o discurso do analista aloja esse saber da não relação. A análise, entretanto, dá acesso a um saber. Esse saber, contudo, não é da ordem da *philos sophia*. Ou, como diz Lacan: “Nem por isso o que há de *philia* no *filo* com que começa a palavra *filosofia* deixa de ter um peso. [...] A escrita, permito-me afirmar, muda o sentido, o modo do que está em jogo, a saber, a *philia* da sabedoria⁴”. Aqui, estamos mais próximos do *L'insu que sait*⁵, ou do insucesso, que, entretanto, nada tem a ver com os que “fracassam ao triunfar” descritos por Freud. O passe clínico verifica, portanto, o insucesso da relação entre o saber e a verdade.

3. Uma escuta que lê as ressonâncias do impronunciável

O analista, portanto, traz essa marca e cabe aos seus congêneres verificá-la. Eis o que nos concerne enquanto cartel do passe: reconhecer o desejo de saber que adveio após o sujeito cernir o horror de saber. Série de paradoxos lógicos. É evidente que se trata de outra ordem de saber: um saber corporal e não intelectual.

Estou trabalhando a escuta dos passes a partir do que chamei de “a ética do bem escutar”, parafraseando a “ética do bem dizer”. Parti de um paradoxo apresentado por Primo Levi em *É isso um homem?*⁶ “Porque o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente em nossos sonhos, em cenas sempre repetidas da narração que os outros não escutam?” Esse paradoxo é importante para os psicanalistas, pois aponta para o fato de que se há um impossível de dizer há, por outro lado, um obstáculo à escuta sustentado pela paixão da ignorância. Esse obstáculo é desafiado pela regra fundamental: fale tudo o que lhe vier à cabeça que programa a histerização do discurso.

Ora, no final da análise dos analistas, com o fim da narração im(possível), um testemunho se faz necessário, e algo, contingencialmente, poderá ser transmitido. Eis a aposta do passe.

¹ J. Lacan, *O seminário, livro 19, ...ou pior* (1971-72), publicação não comercial.

² J. Lacan, *O seminário, livro 19, ...ou pior*, Rio de Janeiro, Zahar, 2012, p. 77.

³ J. Lacan, “Nota italiana”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2003, p. 313.

⁴ J. Lacan, *O seminário, livro 23, O sinthoma*, Rio de Janeiro, Zahar, 2007, p. 141.

⁵ Referência ao *Seminário 24* de Lacan, *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, publicação não comercial.

⁶ P. Levi, *É isso um homem?* (1947). Editora Rocco.

Mas, como escutá-lo? Com que ouvidos? Trago um poema de Alberto Caeiro – um dos pseudônimos de Fernando Pessoa – para meu auxílio:

Não basta abrir a janela⁷

*Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave.
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela*

Talvez para escutar o inaudito que suporta o desejo do analista, não baste não ser surdo, ou não estar dormindo, mas seja preciso também não escutar com um saber prévio, com a doxa (opinião que inclui os preconceitos de quem escuta), muito menos supor uma ortodoxia. É preciso escutar o furo verdadeiro através das ressonâncias de RSI (*heresie*). É preciso não amar o saber, não ter *philos sophia* alguma para abrir as janelas e os ouvidos para o passe.

REDOBRAMENTO DE SABER

Rosa Escapa
Barcelona, Espanha

Já na primeira formulação do dispositivo do passe, na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, a ideia de Lacan a respeito da nomeação de AEs é a de que eles possam “dar testemunho dos problemas cruciais, nos pontos nodais em que se acham eles no tocante à análise, especialmente na medida em que eles próprios estão investidos nessa tarefa ou, pelo menos, sempre em vias de resolvê-los¹”, tarefa que não somente eles podem realizar, mas que deles se espera enquanto a Escola garante sua formação.

Várias perguntas podem ser inferidas a partir dessa formulação: quais são os problemas cruciais para a análise, qual é o tempo para testemunhar sobre isso, qual é o tempo para resolvê-los, e o que seria uma resolução. Simultaneamente, se o AE, como todo sujeito, não pode falar mais do que a partir de sua própria experiência, neste caso dos pontos vivos de sua análise, fazer disso um ato de transmissão à comunidade da Escola responde à demanda desta de fazer avançar a psicanálise e, portanto, de extrair do particular alguns elementos que lancem certa luz sobre o passo de analisante a analista, sobre esse real que provoca seu próprio desconhecimento.

⁷ F. Pessoa, “Poemas Inconjuntos”, *Poemas de Alberto Caeiro*, nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor, Lisboa, Ática, 1946 (10ª ed. 1993)..

¹ J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 249.

No resumo do seminário “Problemas cruciais para a psicanálise” (1966), Lacan assinala que o obstáculo para conceber um ser do psicanalista é o ser de sujeito do inconsciente, que é sutura de uma falta, ou seja, sintoma. No trabalho analítico, o analisante vai realizar o irreduzível da hiância entre as duas bordas de seu ser de sujeito, a divergência entre o ser-de-saber e o ser-de-verdade. Se o deciframento do inconsciente proporciona um saber sobre o sintoma, este saber não consegue capturar a verdade. O saber não substitui o sintoma e não tem outra opção além de não ser mais do que um complemento do sintoma, e “eis o que o horroriza e aquilo que, ao elidi-lo, ele faz funcionar no sentido de um adiamento indefinido do estatuto da psicanálise como científica, entenda-se².”

Ou seja, o que produz uma análise em particular, da miragem da verdade ao horror de saber, repercute no estatuto da psicanálise nas sociedades e enfrenta, ou se subtrai, de sua relação com a ciência a serviço hoje do discurso capitalista. Por um lado, quanto mais o sujeito é foracluído pela ciência, maiores possibilidades teria a psicanálise de subsistir, mas não sem o risco de que se a coloque no amálgama crescente de alternativas ao que a ciência oferece, de que caía no que Freud chamava de “o mar de lodo negro do ocultismo”. A questão, então, é não somente oferecer, com o discurso analítico, um lugar que aloje as subjetividades foracluídas, mas também fazer valer o que a análise produz em uma sociedade que exige, para o tratamento dos males inerentes a ela, métodos avalizados pela ciência, o que cada vez mais significa submetidos a análises estatísticas como prova empírica da verdade.

Romper com a doutrina de uma qualificação universitária do analista para colocar todo o peso no autorizar-se de si mesmo que preconizou Lacan é desnudar a brecha sempre atual desse real no coração da formação do analista. É aí que a Escola assume seu papel, ao colocar em circulação o dispositivo do passe como ocasião para uma demonstração não científica, porém não sem lógica, da operação analítica. Se é por elidir a causa do horror de saber que o estatuto científico da psicanálise se vê postergado, isso nos dá a pista do ponto crucial em que se articularia o particular de uma experiência com um saber que é possível transmitir e que contribui à atualização do discurso analítico. Ou seja, no dispositivo do passe, não se trata tanto de uma verificação do que há “do analista”, de que tenha havido passagem de analisante a analista. Mas, verificação necessária para quem, poderíamos nos perguntar, senão de certa transmissão de como isso se produziu, dentro de suas possibilidades e de seus limites.

A propósito do artigo de O. Mannoni sobre a análise de Freud na origem do discurso analítico, Lacan aponta a necessidade lógica de uma escansão na repetição do ato analítico. Se podemos entender o ato analítico, pelo qual um sujeito em posição analisante passa à posição de semblante de objeto *a*, como uma repetição do ato que a ele lhe permitiu essa passagem, é necessário no *après-coup* um tempo para compreender sobre o que deu lugar a essa repetição. O ato, por definição, não se pode comprovar mais do que por seus efeitos, então o ato que se verificaria no passe é o que levou a cabo o analista do passante ao produzir um novo analista; nada se pode saber dos analisantes do passante mais além do que ele eventualmente diga. Então, no dispositivo do passe, se espera do passante – que nada teria podido dizer do instante do ato, quando esse se produziu – que se tenha empenhado em obter algum esclarecimento sobre o que ali aconteceu, e que esse saber, ele o queira transmitir.

O entusiasmo como afeto de fim de análise não diz por si só do que dá conta; é preciso que se possa ler a articulação desse afeto com a experiência de horror de saber. Por isso, é

² J. Lacan, “Problemas cruciais para a psicanálise” (Resumo do seminário de 1964-65), *Outros escritos, op. cit.*, p.209.

necessário o tempo “depois de”, tempo para compreender que permita reduzir a “dimensão de miragem em que se assenta a posição do psicanalista”³, que possibilite extrair um saber sobre a lógica em seu particular que o levou da crença no Outro à solidão do *hádoun*⁴, do amor de transferência ao desser do analista. Mas cabe perguntar-se até que ponto esse tipo de saber não tem algo de inarticulável. Do testemunho dos passadores, ocasionalmente, pode-se recolher o convencimento do passante em relação aquilo que haveria passado de sua elaboração de saber e dos efeitos/afetos de sua análise aos passadores e, no entanto, o cartel do passe não chegar a ser tocado. Observa-se que há uma obscuridade inerente à passagem a analista quando trata de ser dita, que não se esclarece com as palavras; na verdade, o sujeito se atrapalha com elas, mas isso não impede que às vezes se possa reconhecer um dizer da análise mais além, ou apesar delas.

Na aula de 15 de fevereiro de 77 do Seminário *L'insu que sait...*, Lacan não menciona o dizer, e sim o nó borromeo como o que o cartel do passe poderia reconhecer entre sombras. “Como reconheceríamos na obscuridade o que é um nó borromeo? É disso que se trata no Passe. ‘Eu sei que ele sabe’. O que é que isso pode querer dizer senão objetivar o inconsciente? Salvo que a objetivação do inconsciente precisa de um redobramento, a saber ‘eu sei que ele sabe que eu sei que ele sabe’”. E acrescenta: “É com esta única condição que a análise mantém seu estatuto⁵.”

O redobramento do saber não é saber o verdadeiro do verdadeiro, nem tampouco é uma repetição, mas o redobramento vem ao se colocar um fim à deriva dos sentidos. Em seu percurso analítico, o sujeito obtém certa objetivação do inconsciente e, portanto, um saber sobre como isso opera, mas isso não comporta necessariamente sair do campo da crença no poder do Outro como saber que sempre teria suas razões. O “eu sei que ele sabe”, diz Lacan, é a base do ocultismo. Por isso, faz-se necessária uma segunda volta, voltar sobre o rastro desse saber objetivado para obter uma nova escrita. Não é suficiente que, individualmente, as análises sejam um êxito, não é suficiente a satisfação ao final de uma análise para que a psicanálise mantenha seu estatuto. É necessário que alguns se animem a dar essa segunda volta, que não se conformem com o benefício pessoal e com saber tocar as teclas nas análises que conduzem, mas que, além disso, alguns se animem a dar conta disso. Mesmo que não seja em todos os casos que esse dar conta chegue a ressoar no cartel do passe – isso, na verdade, acontece em bem poucos –, eles não contribuem menos para reatualizar o discurso analítico.

Que se animem... não é precisamente esse animar-se que marca uma diferença?

Animar-se a se voltar sobre isso, uma vez caídos os semblantes e se haver feito na separação do Outro... não é isso índice da marca de um desejo que se poderia reconhecer na obscuridade do cartel, como uma sombra entre outras sombras, como um saber entre saberes⁶?

O cartel não recebe o passante, mas seu testemunho da boca dos passadores, porque de sua aparência, de seu parecer, do que ele se propõe passar, importa que se borrem as

³ Como diz Lacan na “Proposição” a propósito de “Análise original” de Octave Mannoni. “Proposição de 9 de outubro de 1967”, *Outros escritos, op. cit.*, p.258.

⁴ N.T.: No original, em espanhol, *haydeluno*.

⁵ J. Lacan, *O seminário, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, inédito, aula de 15/02/1977. (Tradução livre e direta do texto da autora, em espanhol. Segue o original em francês (Staferla): “Comment reconnaître-nous, dans le noir, que c'est un *noeud borroméen*? C'est de cela qu'il s'agit dans *la Passe*. “*Je sais qu'il sait*”, qu'est ce que ça peut vouloir dire, sinon d'objectiver l'inconscient, à ceci près que l'objectivation de l'inconscient nécessite un *redoublement*, à savoir que “*je sais qu'il sait que je sais qu'il sait*”. C'est à cette condition seule que l'analyse tient son statut.”

⁶ Na aula referida do seminário *L'insu...*, Lacan faz um jogo de palavras com “soir” (sombras) e “s(av)oir” (saber).

arestas, os envoltórios fantasmáticos que se revelaram como tal em sua análise, e se transmite o essencial da operação. Que passe de uns a outros sua elaboração de saber adicional sobre como sua análise produziu isso a que chegou, os problemas cruciais de sua análise, sua articulação com a mola da transferência, e que passe a si mesmo isso que o animou a essa segunda volta e que não pode ser uma consequência da primeira, pois não se dá em todos os casos. Sua *anima* [ánima] no princípio, e como princípio, a *anima* [ánima] como o vazio do objeto *a* que aloja a causa do desejo, vazio que dá consistência ao discurso analítico, que por um lado se presta a suportar o sujeito suposto saber e, por outro, ao mesmo tempo, se presta ao trabalho sobre a disciplina na transferência a uma Escola que não deixa de colocar a formação do psicanalista na berlinda.

O redobramento do saber dá conta de um ir do encontro do real da estrutura, momento de separação do Outro, aos limites do discurso mesmo. Pelo caminho, o analisante-analista de sua própria experiência poderá extrair a lógica de seu percurso, a resposta que seu inconsciente fabricou frente à falta de proporção sexual e o que fez dela, mas não pode saber mais do que, mediante o significante, se pode articular. E, no entanto, está, esse saber, no real que se faz sentir, saber enodado a língua e colado na pele – como disse Lacan na “Conferência de Yale”, de 1975 – que tem efeitos imprevisíveis, dos quais o sujeito não pode se subtrair.

Pergunto-me até que ponto o desejo de psicanálise não se veria instigado pelo enigmático desse saber impossível de saber na borda da estrutura.

Este texto não teria sido possível sem as contribuições de Vicky Estevez, Dominique Marin, Albert Nguyễn, Ana Laura Prates, Elisabete Thamer, companheiros de cartel com os quais compartilhei um trabalho de elaboração intenso e fundamentado. Tampouco teria sido o mesmo sem a escuta dos passes que nos incitaram ao debate coletivo e à reflexão individual. Meu agradecimento a todos eles.

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

PASSE, TESTEMUNHO, TRADUÇÃO

Elisabete Thamer
Paris, França

Dos termos que atravessam as elaborações de Lacan sobre o passe, “testemunho” e “testemunhar” estão entre os mais constantes. Utilizados a partir da “Proposição de 9 de outubro de 1967”, encontramos ainda o termo “testemunhar” no “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”, ou seja, até o final de seu ensino.

Nós os utilizamos naturalmente, como se fosse óbvio que *o falar* que está em questão no passe seja qualificado de *testemunhar*. O que é *testemunhar*? *Testemunhar* não é um falar qualquer. Não é um diálogo, não é uma apresentação ou um relatório. É um falar que atesta (< lat. *testimonium, testis*), que tem a ver com a prova, que se manifesta, que dá a conhecer, que demonstra. Testemunhamos o que *nós mesmos* vimos, ouvimos ou conhecemos.

É interessante notar que Lacan utiliza os termos testemunhar/testemunho/testemunha em todas as etapas do dispositivo do passe, inclusive com relação a seu produto, o analista da Escola (AE). O passante é aquele que se arrisca “a testemunhar da melhor maneira

possível sobre a verdade mentirosa¹; o passador colhe este *testemunho* e testemunha, por sua vez, ao cartel do passe²; os próprios membros do cartel são “testemunhas³”; espera-se, por fim, que o analista da Escola, o AE, possa “*dar testemunho* dos problemas cruciais, nos pontos nodais em que se acham eles no tocante à análise⁴, para citar apenas alguns exemplos.

Qual é, então, a especificidade desse falar que está em jogo no dispositivo do passe?

Uma estranha retórica

O dispositivo do passe proposto por Lacan é um dispositivo de fala complexo, notadamente por ser ao mesmo tempo um dispositivo antirretórico e performativo (não exatamente no sentido de austiniano). Ou seja, é quase um oxímoro. Explico-me. Temos, por um lado, um dispositivo linguageiro no qual aquele que testemunha, o passante, visa convencer – neste caso, o cartel do passe – de que houve uma análise e que dela resultou um analista. Isso descreve exatamente a ação classicamente definida como retórica, ou seja, um falar que tem como objetivo convencer um público/júri.

Por outro lado, a introdução de dois passadores entre aquele que quer convencer e aqueles que precisam ser convencidos, os membros do cartel, enfraquece ou aumenta (é incalculável!) o poder retórico do primeiro relato. Alguém que conta algo para alguém que conta para um outro, isso tem tudo para não funcionar. Em todo caso, tudo está reunido para embaralhar a comunicação, provocando a emergência de outra performance⁵. Poderíamos dizer que essa duplicação do relato pelos passadores é uma espécie de para-persuasão dos ditos formais do testemunho (sem contar a subtração da sedução eventual ligada à imagem do corpo da testemunha/passante).

Temos, assim, no dispositivo do passe dois “obstáculos” maiores à transmissão/demonstração que dele se espera. Por um lado, existe o obstáculo formal, próprio ao dispositivo e que acabo de descrever, aquele que interpõe dois passadores ao testemunho que deve obter a convicção do cartel. E, por outro lado, a impossibilidade estrutural de transmitir, pela fala articulada, o que é central na experiência analítica: “aporia

¹ J. Lacan, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 569.

² Cf. J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 261.

³ *Ibid.*

⁴ *Ibid.* p. 249.

⁵ Em francês, o termo *performance* recobre um campo semântico bastante extenso. Conforme Émile Benveniste, esse termo só faz “trazer de volta para o francês uma família lexical que os ingleses tomaram do francês antigo: *perform* vem do antigo *performer* francês [*parfaire*]”, (Cf. É. Benveniste, “La philosophie analytique et le langage”, *Problèmes de linguistique générale*, 1, Paris, Gallimard, “Tel”, 1966, p. 270-271, n. 4). Em sua utilização atual, *performance* pode significar “resultado, êxito, acontecimento”; o termo é igualmente utilizado no domínio artístico, esportivo e, mais tecnicamente, nos campos da linguística (p. ex. Noam Chomsky que diferencia *performance* e *competência*) e a filosofia da linguagem (p. ex. a teoria de “ato de fala”, *speech act* elaborada por John Langshaw Austin). Eu escolhi esse termo para preservar, precisamente, esse vasto campo semântico, incluindo sua ambiguidade. Eu compreendo *performance* na linha que vai dos sofistas a Austin, passando pela leitura que deles faz Bárbara Cassin. Segundo ela, *performance* seria a boa tradução para a palavra grega *epideixis* (demonstração, o que se mostra aí). Esse termo implica, assim, a noção de “acontecimento” e de “êxito” que, nestes exemplos, estão ligados essencialmente à fala que produz acontecimento. Cf. B. Cassin, *Quand dire, c’est vraiment faire*. Homère, Gorgias et le peuple arc-en-ciel, Paris, Fayard, “Ouvertures”, 2018, p. 10 sq.

de sua demonstração”, dizia Lacan⁶. Quer se trate do desejo (incompatível com a fala⁷, incluindo, portanto, o do analista), do objeto, do ato (onde o sujeito é subvertido), do gozo opaco do sintoma, ou do dizer (que ex-siste aos ditos)... Em outras palavras, tudo o que está no cerne da análise permanece fundamentalmente intransmissível e fora do alcance do próprio sujeito.

Uma performance outra

Em sua intervenção em Barcelona, intitulada “O que não se garante”, Colette Soler falou sobre a *performance*, inclusive da performance no passe⁸. É certo – dado o que ele comporta de antirretórico – que um passe que resulta em uma nomeação é uma performance de transmissão. A questão que se coloca a partir daí é a de saber o que é que convence nos testemunhos de passe, o que é que *performa* nessa performance? É uma performance dos ditos do relato? É o modo como se diz? Ou é outra coisa?

Em minha curta experiência nos cartéis do passe (mas também em minha experiência como passadora), dois tipos de testemunho parecem se esboçar. Há testemunhos que enfocam principalmente a história de vida do passante e os efeitos terapêuticos da análise (sempre valiosos!); e há aqueles que tentam transmitir o saber adquirido sobre *como* sua análise operou para alcançar a transformação sobre a qual estão testemunhando. Para o passe, o testemunho sobre as transformações que indicam abrandamentos sintomáticos não é suficiente para nomear alguém como analista da Escola, mesmo que isto seja um signo da eficácia do discurso analítico.

O que se espera do passe é, parece-me, um testemunho de *trans-formação*, isto é, de uma mudança que terá sido também formadora para o analisado. O testemunho dessa *trans-formação* operada pela análise não se limita aos chamados efeitos terapêuticos, mas atesta uma operação de reviravolta radical da demanda que sustentava o processo analítico, ou seja, a queda do saber suposto e esperado da análise. Isso pressupõe, necessariamente, uma mudança face ao que a análise não foi capaz de dar ao sujeito, um vislumbre do que permanece incurável e impossível de saber. É essa transformação que pode, eventualmente, *de-monstrar* (< gr. *epi-deixis*) que uma faceta do real foi vislumbrada em uma análise. Isso pode eventualmente testemunhar, fazer aparecer (< gr. *apo-phanesthai*) a existência de Um-dizer novo, o *da análise* e que não é mais o da demanda (ver “O aturdito”⁹).

Traduzir

Além dos desafios de transmissão descritos acima, “nossa” experiência do passe tem uma característica particular: sua tradução. Desde sua criação, os cartéis do passe em nossa Escola são internacionais. Isso é uma vantagem ou uma desvantagem para o passe?

Ao contrário dos que pensam que nossa pequena Babel é uma desvantagem para o passe e para sua transmissão, ou seja, o fato de que é impossível que *todos* os membros do cartel falem a mesma língua do passante e dos passadores, eu tendo a pensar que isso é muito mais uma virtude. Apesar de algumas dificuldades de ordem prática, pois é preciso que

⁶ J. Lacan, “Discurso na Escola Freudiana de Paris”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 268.

⁷ Cf. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 647

⁸ C. Soler, “O que não se garante”, *Wunsch*, n. 19, fevereiro 2019, p. 41-43.

⁹ “O dizer da análise, na medida em que é eficaz, realiza o apofântico, que, por sua simples ex-sistência, distingue-se da proposição.” J. Lacan, “O aturdito”, *Outros escritos, op. cit.*, p. 491.

pelo menos alguns membros não sejam estritamente monolíngues, duas virtudes me parecem emergir dessa prática internacional do passe.

Em primeiro lugar, este modo de constituição dos cartéis retira a dimensão *entre si*, ou seja, ela diminui o risco, sempre presente, de que sejamos influenciados por julgamentos *a priori*, caso “conheçamos” os desempenhos locais de um colega que se tornou passante. É claro que os cartéis são sempre constituídos de forma a evitar as chamadas “incompatibilidades”, mas é um fato que os cartéis internacionais contribuem para uma avaliação mais neutra, menos permeável a julgamentos outros que o do testemunho coletado.

Em segundo lugar, é certo que ditos podem deslumbrar quem os ouve. Eles podem deslumbrar tanto pelo que é dito, quanto pela maneira como são ditos, e isso depende muito de habilidades singulares de manejo de uma língua dada e que podem, eventualmente, seduzir e convencer. Tudo isso já foi desenvolvido por pensadores gregos, que cedo compreenderam que um discurso bem feito pode convencer sem se deixar estorvar pela verdade.

A impressão causada por ditos em uma língua que compartilhamos, talvez pudesse levar os membros do cartel a concluir precipitadamente sobre o alcance de um testemunho, quando sabemos que há, justamente, aporia da demonstração quanto ao essencial da experiência analítica. Por outro lado, o fato de ter que passar os testemunhos por pelo menos duas outras línguas que a sua, isso teria, a meu ver, efeitos interessantes para o passe. Por quê? Porque ao passar o testemunho pelo crivo da tradução, se quebra (de novo!), necessariamente, o poder da retórica formal dos ditos, o que poderia contribuir para que se possa seguir os trilhos de uma outra performance, a de Um-dizer ex-sistente aos ditos de uma performance discursiva.

Evidentemente, não está excluído que se possa captar isso em uma mesma língua, mas parece-me que o molinete de tradução é, antes, um trunfo nem sempre fácil para quem tem que lidar com ele, mas um trunfo para o passe. Mesmo com relação aos ditos que revelam a posição fantasmática do sujeito, mais facilmente enunciáveis, ganhamos mais do que perdemos passando pelo crivo da tradução, pois isso permite ao cartel apreender melhor a lógica que rege a escrita dos ditos, ao invés de sua significação.

Tudo isso sem evocar o fato que a língua, da qual é feito o inconsciente, é sempre singular e neológica. Isso significa que testemunhar já é traduzir, é fazer passar – transmitir [*transmettre*] – o que é estritamente *a si* a uma comunidade. Neste ponto, as palavras oferecidas pela doxa em vigor, muitas vezes atuam como intérpretes do impossível de dizer. Cabe aos cartéis do passe nelas discernir o signo de uma *trans-formação* analítica.

EM-CASO DE URGÊNCIA¹

Nicole Bousseyroux
Toulouse, France

O fim de uma psicanálise traz a marca da satisfação. Que ela *satis-faça* é a urgência que a análise preside, Lacan nos diz em seu “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*”, sendo a questão de saber “como pode alguém se dedicar a satisfazer esses casos de urgência²”. É um dever para aquele que, tendo experimentado essa satisfação do fim, passou a psicanalista. Ele deve colocar essa satisfação obtida no fim, *no início de sua prática*. Em um de seus manuscritos³, Lacan escreve: “Aprendi nesta profissão a urgência de servir não *aos* mas os outros”. Não se trata de servir *ao* gozo do outro do discurso analítico, outro que é sujeito que nele fala. Trata-se de servir este outro, *servir sua causa*. Lacan diz que aprendeu a urgência de servir (~~a~~) uma causa que nada tem a ver com atendimento ao consumidor ou o serviço da missa. Aprendeu a dedicar-se ao serviço dos casos de urgência, “para ficar a par destes casos, fazer com eles par⁴.” Isso é paradoxal, na medida em que o psicanalista não é médico SOS ou SOS Amizade. A urgência em questão não é uma urgência médica nem psiquiátrica, que requerem intervenção imediata. O risco não é da mesma ordem, ele é pulsional. Ele porta sobre o que de *Thanatos* se satisfaz na linguagem e torna o falar do analisando um caso de urgência.

Fazer par com estes casos: é a mesma urgência a do analista e a do analisando? Não. Podemos dizer que existem dois tipos de urgência no discurso psicanalítico, dependendo de seu lugar nesse discurso. Há a urgência que se encontra do lado direito do quadrípode desse discurso, onde se inscreve o S barrado do sujeito analisando. Aí, é a urgência subjetiva do caso que fala na análise, diante da qual a escuta do analista tem que chegar junto [*être au pair*]. E depois há a urgência que diz respeito ao lado esquerdo deste discurso. É a urgência própria do psicanalista na medida em que ocupa o lugar do objeto *a*, de seu semblante que o analista encarna por meio de seu silêncio. A urgência, para o analista, é a urgência do ato psicanalítico e a pressa que isso implica para que seu “eu consigo” [*j’y arrive*], se verifique nele. O cartel do passe tem de chegar junto dessa urgência do ato que se produz do dizer que *ex-siste* aos ditos que os passadores aí depositam. Ele tem que se dedicar a satisfazer a urgência própria ao testemunho do passante que espera um retorno do cartel, ele tem que satisfazer isso na sua forma de responder a ele, de se pronunciar sobre a recepção desse testemunho, com todo o tato que sua resposta exige quando ela é negativa.

Uma urgência deve ser satisfeita em cada sessão de análise. Ela advém antes de mais nada da exigência na qual se encontra o analista de ter que pôr um termo à sessão que, pelo fato de fazer uma parada ao discurso analisando, satisfaz a miragem da verdade. Ela requer também, mas isso é mais difícil de operar, um corte que produza um efeito de real, um efeito de falta de sentido para o analisando. Esse corte vem do objeto *a* do qual o analista se faz agente. É assim que o analista pode se dedicar a satisfazer os casos de urgência subjetiva de cada analisando, aí onde o falar incita o falante a dizer mais e mais.

¹ N.T.: Jogo de palavras em francês entre *en cas*, que significa “em caso de”, e *en-cas*, escrito com hífen, que quer dizer “pequeno lanche, petisco”.

² J. Lacan, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 569.

³ J. Lacan, *Œuvres graphiques et manuscrites*, Catalogue de la vente Artcurial n.01021, manuscrit 83, 2006, p. 48.

⁴ J. Lacan, “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*”, *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 569.

Os casos de urgência subjetiva procedem da inibição, do sintoma e da angústia, dos quais o analista deve servir com urgência a causa. O analisando vem para análise por causa de sua inibição, por causa de seu sintoma, por causa de sua angústia que, em um dado momento, se tornam insuportáveis, constrangedores, opressores. O analista deve aprender a urgência de servir a essa causa, de dar uma ajuda, uma ajuda contra o que ali se goza. Mas como servir à angústia, como se dedicar ao seu real? Lacan, no início do seminário *A angústia*, fala sobre o fato de os analistas não parecem sufocados pela angústia, pelo menos quando não são iniciantes⁵. É uma pena, até uma crítica de sua parte, porque considera esse fato, a falta de angústia dos analistas, uma espécie de vacinação contra o real do qual a angústia é o sinal.

Acima de tudo, o analista tem que tratar a angústia, seu real. Ele não tem que fazer surgir a angústia, mesmo que possa acontecer que a sessão faça surgir o desejo do Outro que, como tal, angustia, também não tem que sufocar a angústia, para colocar uma mordaca no seu real. Ao final dessa primeira aula de *A angústia*, Lacan diz que essa angústia deve ser “tomada pelo braço⁶”, ou seja, faça-a de sua companhia, como diria Samuel Beckett. O analista, também diz Lacan, tem que se manter no cortante da angústia, como sinal do desejo. Esse cortante diz respeito ao que acontece em cada sessão de análise, pois o que nela é dito é motivado por uma demanda inconsciente, cujos meandros o analisando ignora. Mas é isso que o analista deve satisfazer, sem pressa em responder. Pois o analista, como se sabe, não responde à demanda. Ele não se dedica a satisfazer demandas indiscriminadas.

Quem se dedica a trabalhar para satisfazer minha demanda? É meu padeiro quando lhe peço uma baguete de pão bem crocante. Ele me serve amavelmente, toma lá- da cá: à condição de que eu lhe pague. Pagamos ao analista também, mas não é toma lá- dá cá. Não lhe damos o devido pelo objeto que, falando, lhe pedimos e do qual nada sabemos, pois é o objeto que não tem preço e que é todo o custo de uma psicanálise. O objeto da psicanálise é sem valor et caríssimo:

Volto ao meu padeiro aonde vou, *rue des Filatiers*⁷, a rua comercial daqueles que tecem o fio de linho da Demanda. Ele é um padeiro espirituoso, tão espirituoso quanto a bela açougueira cara a Freud. Quando lhe peço, não uma baguete, mas quando passo, no final da tarde, lhe pedir um chocolate bem quente ou um croissant de sua última fornada, ele me diz, como o diz cada vez com travessura para seus clientes, a quem ele supõe que a esta hora estão com fome: “É para já!” Entregando-me um guardanapo, ele me diz se porventura eu quisesse comer meu pequeno lanche [*mon petit en-cas*], no caminho. Meu padeiro sabe antecipar o desejo do pequeno *en-cas* do outro e, além disso, ele sabe me dar o que preciso para não me manchar. Ele é espirituoso, meu padeiro. Ele é lacaniano, sabe se dedicar a satisfazer os casos [*les en-cas*], de urgência.

Sabemos que Lacan enodou de maneira borromeana de três a demanda à recusa e à oferta⁸. Este é o nó correto para mostrar isto, *peço-te que me recuses o que te ofereço, porque não é isso*. Esta fórmula “peço-te que me recuses o que te ofereço, porque não é isso” é o pedido fundamental em que se baseia o discurso do analisando⁹. Eu, o “eu” que fala na análise e cujo discurso é condicionado pelo que ele enuncia e pelo que não diz¹⁰, peço ao analista que me recuse o que lhe ofereço porque não é isso. Esse “não é isso” é o que se

⁵ J. Lacan, *O seminário, livro 10, A angústia*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005, p. 13

⁶ *Ibid.*, p. 13

⁷ N.T.: Nome de uma rua de Toulouse.

⁸ J. Lacan, *O seminário, livro 19, ...ou pior*, Rio de Janeiro, Zahar, 2012, p. 87-88.

⁹ *Ibid.*, p. 90.

¹⁰ J. Lacan, “Impromptu sur le discours analytique”, *Scilicet n.6/7*, Paris, Seuil, 1976, p. 63.

aperta/comprime no nó do falar analisante. Trata-se do objeto *a* reduzido a uma pura interseção entre a demanda, a oferta e a recusa e com o qual o psicanalista se dedica a satisfazer o caso, que é de primeira necessidade porque é uma urgência pulsional que não pode esperar.

Em nossa Escola, em seus cartéis do passe, necessitamos de padeiros modelados pelo real desse nó, de padeiros passadores de casos da causa psicanalítica. Meu padeiro sabe algo sobre isso, embora não seja analista. Que possamos ter não-analistas suficientemente padeiros, suficientemente modelados pelo real para satisfazer o caso [*l'en-cas*] além da demanda. Lacan nos diz que o final da análise é marcado por uma satisfação. Essa satisfação se relaciona com o *sinthoma*, que é o que resta no final do sintoma com o qual entramos em análise. No final das contas, trata-se de se satisfazer com o *sinthoma*, é “tudo, mas isso não”¹¹. O fim da análise é quando o que cinge o nó do falar se torna uma singularidade que faz objeção aos universais, e que seu “*mas isso não*” satisfaz.

Tradução: *Ângela Mucida*

O ARGUEIRO OU A TRAVE?

Bernard Nominé
Pau, França

No momento em que meu mandato no CIG se termina, meu pensamento vai prioritariamente para os passantes que nos ofereceram generosamente seus testemunhos, sem que pudéssemos, em troca, outorgar-lhes o título que talvez almejassem. Gostaria de agradecê-los por nos darem um ponto de vista insubstituível sobre o que é a prática da psicanálise hoje em nossa Escola.

As análises são longas, ou mesmo muito longas, mas permitiram, a cada vez, a resolução dos sintomas que tinham motivado a entrada em análise. O que é surpreendente, é que o passante não capta necessariamente a lógica por trás da resolução de seus sintomas. Mas, o cartel deve esperar por essa demonstração? Não tenho certeza disso. O importante é que o tratamento tenha tido efeitos terapêuticos e o cartel não tem motivos para duvidar desse efeito resolutivo.

Esses efeitos são imputáveis à transferência e o que se passa nas análises hoje não contradiz a clássica dinâmica freudiana em que a o tratamento induz a neurose a produzir a transferência e cessar de produzir sintomas. Resta saber como se pode concluir o tratamento nesta perspectiva em que o analista assumiu a função de sintoma. É aí que o tempo desempenha seu papel neste longo processo de separação. O desgaste é talvez um fator mais determinante do que a pressa; é uma pena, mas é assim.

A separação do analista-sintoma supõe que o analisante tenha inventado outra solução para acomodar a economia de seu gozo. Se a análise terminou, podemos supor que o passante

¹¹ J. Lacan, *O seminário, livro 23, O sinthoma*, Rio de Janeiro, Zahar, 2007, p. 15.

encontrou essa solução. Mas devemos esperar que ele demonstre isso? Certamente não! Tal demonstração só poderia ser um *trompe-l'œil*. É principalmente por meio do que o passante terá testemunhado sobre sua vida, sua prática, que o cartel poderá ter uma ideia dessa solução. Porque se há uma coisa que a experiência da análise e de minha participação nos cartéis do passe me ensinaram – é um pouco leve, vocês me dirão – *é que cada um permanece estruturalmente tolo [dupe] de seu gozo*. Isso pode até ser uma definição desse famoso conceito que tanto valorizamos em nosso meio; o gozo seria o ângulo de onde nunca nos vemos, ainda que nele marquemos o passo permanentemente. É certo que é facilmente percebido no outro, é o famoso argueiro que se vê no olho alheio, mas, no seu próprio, é a trave que lhe deixa cego.

É por isso que o passe permanece no impasse se esperamos que o passante possa nele denunciar seu gozo. Caberia então ao cartel saber cingir o que ninguém consegue cingir por si mesmo? Porque não? Mas isso iria no sentido de reforçar o cartel na sua função de júri, o que, pessoalmente, acho difícil de assumir. Quem somos nós, de fato, para julgar?

Sempre me impressionou o fato de Freud não ter mencionado que julgar é uma tarefa tão impossível quanto governar, educar ou psicanalisar. O juiz, se exclui ele da condição humana para poder julgar seus semelhantes? Aquele que não se ilude [*qui ne ferait pas la dupe*] nesta posição estaria na impossibilidade de assumir sua tarefa.

No que nos diz respeito como júri no passe, nós nos excetuamos da estrutura que faz com que o gozo resista ao saber? Certamente não, mas ainda assim, deve-se admitir que assumir o papel de perito em argueiros oftálmicos não é nada de impossível ou de excepcional.

Dito isso, o que fazemos nos cartéis do passe? Com o material que nos foi transmitido, tentamos identificar o que permitiu, àquele que se apresenta no dispositivo, separar-se da melhor maneira de seu analista-sintoma, isto é, sem evitar o momento de encontro com o essencial que é esse ponto do impossível de saber, impossível de dizer, impossível mesmo de pensar, que a transferência cobre. Quando acreditamos ter encontrado a lógica que pôde conduzir a essa separação, nomeamos e esse nome é uma aposta no fato de que a pessoa poderá transmitir, à nossa comunidade, algo sobre o desejo do analista, como ela soube transmiti-lo aos seus passadores e como estes souberam fazer passar a nós.

Se agradei aos passantes, também gostaria de agradecer aos passadores. A maioria cumpriu sua função com entusiasmo e se mostraram à altura da tarefa. Embora a expressão seja consagrada, ela não convém realmente ao passador, a quem não é pedido de se erguer alguns degraus para funcionar. Sua qualidade primeira não é uma questão de altura, mas sim de temporalidade. Trata-se de que o passador esteja “na hora” deste encontro, que ele tenha sido designado por seu analista, que terá reconhecido que ele está justamente nessa hora. Deve-se acrescentar que este ano, devido à pandemia, os passadores tiveram que esperar um bom tempo antes de poderem encontrar o cartel. Nós temíamos que isso fosse um obstáculo. Não foi o caso. Esse tempo de latência importante não os impediu de estar “na hora” desse encontro.

Finalmente, uma olhada no balanço. Nosso CIG escutou vinte passes e só conseguiu nomear dois Analistas da Escola. Não é muito. Pelo que eu sei, essa é uma proporção habitual. É um pouco decepcionante. No entanto, isso aparentemente não desanima os candidatos que se apresentam no dispositivo, nem os colegas que se candidatam ao CIG.

Prova curiosa este passe que continuamos a fazer funcionar, posto que ele gera muitas decepções: decepção de quem não ganhou o título, decepção do cartel que gostaria de poder nomear, mas que não pôde, decepção daqueles que foram nomeados e para quem a Escola não está muito atenta, sem falar na decepção da comunidade de Escola que, passado

o maravilhamento das primeiras intervenções, não mostra muita expectativa para com o trabalho de seus AE.

E ainda assim, apesar dessas expectativas frustradas, o dispositivo funciona. Acredito que isso possa ser explicado pelo fato de que todos que já frequentaram este dispositivo, qualquer que seja a função, ficam satisfeitos de ter dele participado. O fato de que o alvo não seja quase nunca atingido, não desanima. Isto parece indicar que, embora o passe ofereça poucas garantias a quem pretende obter um título, embora vise um ponto que nenhum Outro pode garantir, continua a ser uma referência na nossa comunidade de Escola. Em outras palavras, o que importa não é o ponto que visamos, mas o caminho que percorremos. O passe oferece, a quem o deseja, medir a distância percorrida em sua análise.

Se me atrevesse, para concluir este texto tão sério e terminar este ano sem graça, gostaria de lhes oferecer um bom preceito que ressoa com o título destas linhas. Segundo Alphonse Allais, este é o cúmulo da economia: “Dormir no argueiro que vemos no olho do vizinho e nos aquecermos com a trave que temos no nosso [*Coucher sur la paille que l'on voit dans l'œil de son voisin et se chauffer avec la poutre que l'on a dans le sien*]”.

Tradução: Elisabete Thamer

DOSSIÊ ESPECIAL: “PRELÚDIOS”

ORTODOXIA E HERESIA OS SABERES EM PSICANÁLISE

A HERESIA LACANIANA

Ana Laura Prates
São Paulo, Brasil

Heresia, etimologicamente, remete a escolha. Em alguns textos antigos, incluindo a Bíblia, *hairesis* poderia também significar opinião (*doxa*), dando margem a diversas interpretações. Seu uso, entretanto, se estabilizou e passou a se referir a posições contrárias às doutrinas e aos dogmas da Igreja, uma escolha dissidente daquela que seria a opinião verdadeira (*orthos doxa*). Mas, porque trazer para a psicanálise uma palavra do campo da religião? No Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, Lacan, que acabara de romper o vínculo institucional com a IPA – representante da ortodoxia e do dogmatismo vigente no campo psicanalítico –, comparou sua posição à excomunhão do judaísmo sofrida por Espinosa, cuja obra *Tratado teológico-político* também foi banida, posteriormente, por teólogos cristãos. Em diversos momentos Lacan equiparou a IPA à Igreja no que tange à estrutura dos laços sociais, tal como Freud descreve no texto *Psicologia das massas e análise do eu*: um tipo de relação entre os pares sustentada pela identificação ao líder, nesse caso, a partir da relação com o saber.

Em 1964, Lacan propõe um novo modo de formação para os psicanalistas, resgatando, para batizá-lo, o sentido grego de Escola: lugar de conferências, debates e de pensamento livre. A Escola subverte exatamente a relação entre o saber e a verdade, de modo coerente com aquela trazida pela subversão do sujeito do inconsciente, noção que, embora historicamente relacionada às religiões monoteístas e, sobretudo, ao discurso da ciência é, ao mesmo tempo, radicalmente original na cultura, desnaturalizando as concepções triviais de linguagem e corpo e a proporção entre homem e mulher. Nos anos 70, Lacan radicaliza essa desnaturalização utilizando um objeto topológico, o enlace borromeo, o qual, por suas particularíssimas peculiaridades permite operar uma homologia com o espaço do ser falante, ao destacar a equivalência dos registros Real, Simbólico e Imaginário: RSI, três letras que em francês soam como *HERESIE*. Dois sentidos, mas um mesmo saber.

Voltamos à Heresia, portanto, não mais apenas pela via da etimologia, mas pela via da homofonia, mais coerente com a predominância da função poética da linguagem enquanto matéria prima com a qual o psicanalista opera sob transferência. A *Heresia lacaniana* retoma, portanto, a trindade, mas não mais para, a partir de três, fazer Um como o faz a verdadeira religião; antes, para apontar a impossibilidade de o Um alcançar o Dois da relação, produzindo o Três borromeano. RSI: O *parlêtre* é cardinal: ex-siste no corpo vivo que goza, insiste na palavra que mata a coisa e propuz o *corps* (cadáver), e consiste na imagem refletida no espelho.

Desde Freud, e ainda no século XXI, entretanto, continua sendo pelo Sintoma, qualquer que seja seu nome contemporâneo, que podemos manipular qualquer coisa do Real através da prática da tagarelice. Eis a *heresia* que implica um saber no lugar da verdade, tributário de uma singularidade impronunciável de cujas consequências, entretanto, o Passe poderá recolher o testemunho. Essa é a nossa escolha.

A HERESIA DO IMPOSSÍVEL

Camila Vidal
Vigo, Espanha

Vou começar por uma verdade de Perogrullo¹... *está perdido, mas está aí*, e sabemos isto porque tem efeitos.

Portanto, isso não é exatamente uma falta.

Não existe zero, mas uma presença invisível, inquietante, no entanto presente.

Afinal, esse é o caminho de uma análise: a passagem da ideia de que algo está faltando e de que existe um outro que poderia remediá-lo (porque, em suma, foi ele quem me tirou) e a experiência do impossível, que nos permite parar de demandar incondicionalmente ao Outro o que nos falta, como se fosse um bem, e de transformar esse impossível em motor de desejo.

O desejo, sustentado assim por esse impossível, é sempre um pouco herético, sobretudo se o compararmos com o desejo insatisfeito – como o da bela açougueira que só pode desejar salmão, algo bastante ortodoxo, ou qualquer outra coisa que possa faltar a alguém ou que possa lhe ser retirada – ou com o desejo impossível do obsessivo, que segue a mesma lógica. Na psicose, o que falta retorna no real, o que foi deixado de fora retorna, com uma presença extrema e perplexa. Prova clara de que não é algo que falta. Esse impossível que retorna supõe também o aparecimento da heresia.

E alguém poderia perguntar: O que a heresia tem de bom, comparada à ortodoxia? A heresia é menos segregativa, e é por isso que muitas vezes as possibilidades de invenção aparecem mais “facilmente” em estruturas psicóticas do que em neuroses, onde a ortodoxia fálica, sem dúvida, as dificulta.

Assim, eu retomo o “abrigo do impossível” a ser sustentado para a Escola, como Lacan afirma sem rodeios: *Proteger o impossível – proteger-se do impossível* na Escola – nesta ou em qualquer outra, e talvez um não possa ir sem o outro, o que é um novo impossível para enfrentarmos e do qual certamente não poderemos nos desvencilhar, mas que nos obriga a um trabalho permanente para fazer algo com isso.

Os psicanalistas tampouco podem enfrentar permanentemente esse impossível, às vezes nem mesmo de vez em quando, e também precisamos nos proteger, mantermo-nos ao abrigo. Tentar manter essa tensão entre as duas questões é essencial. A heresia permanente é impossível, salvo talvez para Joyce e certamente alguns outros, sem o que ela mesma acaba se convertendo em ortodoxia; perguntemo-lo a Lutero, não é?

¹ N.T.: No original: “*una verdad de Perogrullo*”. Segundo o dicionário da Real Academia Espanhola, uma “perogrullada (De Perogrullo)” designa uma “verdade ou certeza que, por ser notoriamente conhecida, é tolice ou simplicidade dizê-lo”. Real Academia Española, *Diccionario de la lengua española*, tomo II, 22 ed., Madrid, Editorial Espasa Calpe, 2001.

É para esse pequeno espaço que devemos dirigir nosso olhar para, simultaneamente, nos expor e nos resguardar do impossível de uma Escola.

Tradução: Elisabete Thamer

AS TENTAÇÕES DO ANALISTA

Julieta De Battista
Buenos Aires, Argentina

Em nosso último encontro internacional de Escola, tentei avançar sobre a interrogação acerca do desconhecimento próprio da prática analítica: a negação sistemática do real que ali está em jogo. Se o desconhecimento o tom característico da análise – desconhecimento dos sintomas, do real, do ato – então parece impor-se a pergunta sobre as operações defensivas que esse material radioativo da análise pode provocar nos analistas.

Uma análise começa pelo “não querer saber” do inconsciente e pode levar, em algumas ocasiões, ao horror do ato. O tom persiste. Portanto, não há cura desse real. Disso decanta que não é algo “para olhar de frente”, como o sol ou a morte. No entanto, esse caráter indomavelmente repulsivo parece adotar roupagens politicamente corretas, às vezes, na transmissão, com seus conseguintes efeitos de sedução, fascinação e sedação. A opinião correta – a ortodoxia – é talvez uma melodia que se pode identificar em alguns momentos das Escolas de psicanálise. É uma melodia contagiosa, que gruda, dessas que não se consegue deixar de repetir: um hit tentador e pegajoso. É possível reconhecê-la pelo caráter adormecedor de seu tilintar e pelo peso de sua obediência automática e repetitiva. Não desperta, acalma. Não incomoda, assegura.

Assim, paradoxalmente, a ortodoxia poderia se converter em outra modalidade do não querer saber, em uma defesa ante a angústia que o encontro com a heteridade produz. Então, todos hereges? Essa poderia ser outra forma do politicamente correto: exaltar a heresia como via correta. A heresia de ontem pode ser a doxa de hoje. Provavelmente, a doxa psicanalítica que hoje reconhecemos como tal provenha da elaboração, do decantado das heresias freudianas, suficientemente despojadas de seus elementos incômodos. Talvez possamos ler em certa ortodoxia uma função defensiva, quiçá traga proteção, refúgio, e isso seja necessário em alguns momentos. Poderia então haver transmissões em que essa cota defensiva prevaleça mais do que em outras. Pergunto-me, então: que tipo de refúgio nos é nossa Escola? Que impacto isso teria no dispositivo do passe? Não seria a presença do conflito, a controvérsia, a discussão, o inesperado aquilo que esburacaria qualquer confirmação do supostamente correto e esperado de um analista?

Por esse veio, penso que o debate sobre a possível convergência ou identificação entre final de análise e passe supervaloriza a questão do final e pode nos fazer perder o foco das condições que desembocaram na virada de analisante a analista. Poderia ter havido passe antes do final ou depois. Pode haver final de análise e não haver passe. Portanto, essa relação que geralmente se pensa tão estreita tende a desconhecer a brecha entre final de análise e passe. Proponho demonstrá-lo com uma distinção que encontramos em Lacan e que gostaria de ressaltar acerca do saber fazer e o saber ser rebotalho.

Em 1976¹, Lacan define o final de análise por esse saber fazer aí com o sintoma: “saber desembaraçá-lo, saber manipulá-lo”. Mas esse saber fazer concerne ao final de análise, e não ao advento do desejo do analista. Além disso, esse saber fazer não é exclusivo da análise. De fato, no *Seminário 23*, o saber fazer aparece definido como “a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável²”. Lacan diz a respeito de Joyce que é um homem de *savoir faire*, ou seja, um artista³, e sustenta durante todo esse seminário a pergunta acerca de como Joyce conseguiu, com sua obra, alcançar a notoriedade, manter ocupada tanta gente. Mas Joyce não chegou a isso pela via da análise. Portanto, esse saber fazer com o sintoma não é algo que permita reconhecer o analista, já que o encontramos também no artista. Poderá haver finais de análise que cheguem ao saber fazer aí com o sintoma, ou inclusive aqueles que chegam aí sem análise. Esse saber fazer não conduz necessariamente ao ato analítico, pode levar a um ato artístico. Por sua vez, há a questão do “valor notável” desse saber fazer, que abre a pergunta de se essa notoriedade convém à prática analítica, inclusive em termos do reconhecimento que o analista pode esperar de seu trabalho.

Avanço, então, na distinção proposta, já que, nesse mesmo seminário em que Lacan deixa do lado do artista a questão do saber fazer e da notoriedade, reserva para o analista aquele saber que já caracterizou em 73 como “saber ser um rebotalho⁴”, condição de possibilidade necessária – ainda que não suficiente – à emergência do desejo do analista. Recordo os termos em que o apresenta: trata-se para Lacan de saber ser um rebotalho a partir de haver cernido a própria causa do horror de saber, mas também a isso se acrescenta a marca do entusiasmo. Faz disso a “marca”, a condição que será preciso reconhecer no analista que corre o risco de se apresentar ao passe, e não unicamente para aquele analista funcionário que se autoriza de si mesmo. Digo condição de possibilidade porque que não é por si só que o saber ser um rebotalho se colore de entusiasmo. Lacan evoca a possibilidade da depressão, e de fato haveria que diferenciar entre saber ser um rebotalho e identificar-se ao rebotalho melancolicamente.

Esse *sicut palea* é renomeado em 75 como “*ordure décidée*”, posição que convém ao analista. Do lado do analista se acentua, então, o saber ser rebotalho com decisão e entusiasmo, a partir de ter conseguido cernir algo da própria causa do horror de saber. É indubitável que ninguém embarca em uma formação tão longa e custosa para se converter nisso! Essa proposta se separa, então, do dever ser ou do querer ser, não transita por essas vias. Nos inícios de uma análise, certamente se desmontam aqueles aspectos vinculados aos ideais e ao dever ser. Entendo que em um final de análise esteja também em jogo um luto por aquilo em que se acreditou que se queria ser e que se conseguiria ao final.

Com isso, quero enfatizar que o desejo do analista se desloca do querer ser; essa emergência é disruptiva, desviada, inclusive aberrante, segundo o termo de Lacan em *O saber do psicanalista*⁶. É uma emergência que mais parece produzir-se como um encontro ignorado, uma surpresa que desperta. Horror e despertar. Cada analisante conta com sua própria doxa, a ortodoxia de seu fantasma que lhe fornece proteção e segurança. É em relação a esse princípio de autoridade fantasmático que um desvio herético pode começar a se produzir insidiosamente. Propus a concepção de *clinamen* para esse esforço de apreensão que constitui o dispositivo do passe. *Clinamen*, desvio infinitesimal que muda o curso das coisas inadvertida e irremediavelmente. Permite o dispositivo captar esses desvios imperceptíveis que produzem emergências inesperadas, essas pequenas heresias? É

¹ J. Lacan, *O seminário, L'insu que sait de l'une-bevue s'aile à mourre* (1976-1977), inédito, aula de 16/11/1976.

² J. Lacan, *O seminário, livro 23, O sintoma* (1975-1976), Rio de Janeiro, Zahar Ed., 2007, p. 59.

³ *Ibid.*

⁴ J. Lacan, “Nota italiana” (1973), *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 313.

⁵ J. Lacan, *O seminário, livro 23, O sintoma* (1975-1976), *op. cit.*, p. 120. N. T.: Em português: “lixo decidido”.

⁶ J. Lacan, *O saber do psicanalista, Conferências em Sainte-Anne* (1971-1972), inédito, aula de 01/06/72.

possível detectar os desvios que conduziram à aberração do desejo do analista? Por quais caminhos a propensão da análise pôde levar alguém à propulsão do ato analítico?

Parece-me que, de alguma maneira, a análise produz uma espécie de acumulação de experiências acerca do rebotalho, desde o começo, e não somente ao final. Começa pelo sintoma e as formações do inconsciente – que são, em si, rebotalhos hereges da consciência –, avança na desmontagem da doxa fantasmática, na queda da suposição de saber, desfaz as crenças religiosas nos pais, despoja do amor à verdade e do gozo do sentido. É uma travessia de restos, de despojos. Em cada meandro da análise, aparece algo dessa experiência do rebotalho. Poderá essa experiência decantar em um saber? Conduzirá à depressão, ao entusiasmo? Onde se encontrará, agora, refúgio?

Tomar a pergunta pelo desejo do analista por essa via do saber ser rebotalho parece-me conduzir a outro assunto de extrema importância para o funcionamento cotidiano da Escola: o das compensações ou reconhecimentos que o analista pode esperar, enquanto isso não é algo que a prática analítica em si lhe vá prover. Não há reconhecimento pelo ato analítico, há desconhecimento. Mas os analistas somos também seres humanos, sedentos de escabelo. Como suportar a castração do escabelo que a posição do analista exige? Por quais caminhos se buscam certas compensações? Qual política é propícia para uma Escola que pretende não ficar presa à pregnância narcísica, na armadilha da competição, nas transmissões escabelizantes? Como seria uma política que aponte a reencaminhar à elaboração, e não às tentações dos analistas?

Esperamos vocês em Buenos Aires, no desejo de uma Escola que não ceda em sua efervescência.

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

Revisão: Maria Claudia Formigoni

ACERCA DA ORTHO-DOXA

Rithée Cevalco
Barcelona, Espanha

A questão do saber está estreitamente ligada à questão do que pode ou não ser ensinado ou transmitido. O diálogo de Platão *Ménon, sobre a virtude* nos incita a uma reflexão acerca de uma verdade que não pode ser ensinada¹. A *lêxis* Ortho-Doxa (opinião verdadeira [OD]) não se confunde, então, com uma doxa qualquer. Esse diálogo foi, em várias ocasiões, objeto de comentários de Lacan². Detenho-me aqui em “O aturdido”³, no qual Lacan anuncia um “progresso”, pois esta OD “já não tem, para nós, senão um ab-senso de significação”⁴, *esvaziamento* de toda significação que aponta para o ab-senso do ab-sexo.

¹ Para Sócrates, não há *epistême* da virtude. Ela não pode ser ensinada pois escapa à coerência esperada de todo saber.

² Ver em particular: J. Lacan, *O seminário, livro 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, no qual Lacan já evocava o esquecimento ligado, neste momento de seu ensino, à função criadora da verdade.

³ J. Lacan, “O aturdido”, *Outros escritos*, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 448-497.

⁴ *Ibid.*, p. 483.

A preocupação de Lacan concerne ao que do real poderia ser ensinado e ele aposta (ainda) no matema do que não pode ser ensinado – paradoxo, talvez –, com relação à “*impossibilidade de dizer verdade do real [que] se motiva por um matema [...] pelo qual se situa a relação do dizer ao dito*”⁵. Entretanto, mais do que o matema, o dizer esquecido por trás dos ditos encontra, finalmente, um suporte topológico a partir de uma superfície onde se pode traçar o percurso do muro dos impossíveis – do sexo, do sentido e da significação.

A OD está localizada, então, na superfície esférica do *cross-cap* como ponto de *fixação* qualquer, porém necessário, cuja queda é produzida por um corte entre o dizer e os ditos. Que este ponto de *fixação* da OD seja nomeado por um equívoco, aponta para o ato da interpretação como corte. Mas há corte e corte⁶. Somente o corte de volta dupla, corte do dizer, opera uma modificação da estrutura topológica que provoca a queda do “a” (rodela esférica do *cross-cap*), enquanto causa do desejo e a verificação do sujeito em sua divisão (banda de Moebius a-esférica). “*O ponto, portanto, é a opinião que se pode chamar de verdadeira, pelo fato de o dizer que a contorna verificá-la efetivamente, mas apenas porque o dizer é aquilo que a modifica, ao introduzir a δόξα como real*”. Transformação, então, pela passagem dos ditos (corte de uma só volta) ao dizer (corte de dupla volta) e passe da *fixação* simbólico/imaginária a algo da ordem do real.

Poderíamos situar esses pontos de *fixação* na história e na doutrina psicanalíticas? Dar, por exemplo, a volta adequada em nossos mitos como pontos de OD? Os mitos freudianos, sem dúvida: Édipo e seu inverso, *Totem e tabu* (aos quais ainda são apegados muitos psicanalistas bem-pensantes da significação e da ideologia da família). Mas, também, os lacanianos: o da lamela, o de *Evida* como lugar da origem de *lalíngua*. Não se trata de questioná-los no âmbito do verdadeiro/falso, mas de rodeá-los com esse trajeto de dupla volta permitindo esvaziá-los de toda significação, para eventualmente – porque não? – nos servirmos deles.

Parece-me que a abordagem desses pontos de OD poderia, talvez, induzir-nos a ter mais prudência na hora de nosso fervente clamor contra toda ortodoxia.

Pouco depois de “O aturdito”, Lacan inicia sua abordagem do “método nodal”. Persiste a questão de como “tocar” um real a partir de uma prática de fala. A orientação do tratamento aponta, então, para o *sinthoma* que permite alcançar, mesmo que seja apenas um fiozinho, o real do nó singular de cada *falasser*. Nó que é amiúde “*pépère*” (conforme e confortável) e ortodoxo... e, algumas vezes, bem herético⁸.

Isso não se produz sem a operação de desconstrução/travessia da fantasia, trajeto em torno da OD, condição prévia à satisfação de fim por identificação com o *sinthoma* e a consequente desvalorização do gozo sintomático e sua repetição.

Será que, por fim, poderíamos localizar esses pontos de *fixação* de OD que se trnçam também nas elaborações nodais?

Por que não invocar momentos de “passe” na própria elaboração da OD da doutrina analítica, de “seu” saber? Valeria, como exemplo, o percurso do inconsciente freudiano ao “nosso” – tal como se expressa Lacan – sempre e quando nos inscrevamos no

⁵ *Ibid.*, p. 482.

⁶ Distinção entre corte de uma só volta e corte de volta dupla. Sobre este desenvolvimento, enviamos a J. Chapuis, em colaboração com R. Cevasco, *Guía Topológica para 'L'Étourdit', un abuso imaginario y su más allá*, Ediciones S&P, Barcelona, 2012; *Guide topologique de 'L'Étourdit'. Un abus imaginaire et son au-delà*, Paris, Ed. Nouvelles du Champ lacanien, 2019.

⁷ J. Lacan, “O aturdito”, *op. cit.*, p. 484.

⁸ Basta-nos invocar Joyce, o herético. Ver C. Soler, *Lacan, leitor de Joyce*, São Paulo, Aller Editora, 2018.

prolongamento de seu sintoma (o de Lacan) que o conduz a essa posição extrema de abordar um real fora de todo sentido, mas separado de toda concepção de um “real em si”, ao qual nos conduz (*nous mène*) o númeno kantiano⁹.

Tradução: Elisabete Thamer

Releitura: Graça Pamplona

A NÃO-TODA E A HERESIA

Carmen Lafuente
Barcelona, Espanha

Sabemos que Freud imputa às mulheres uma carência de supereu e, em consequência, uma escassa contribuição à tarefa da civilização. A afirmação de Freud permite a Lacan construir a noção de um supereu diferente, de outra natureza que a proibição ligada à moral clássica e que não é senão o empuxe ao gozo, concepção que constituirá a ideia definitiva de Lacan do supereu. De acordo com isso, em “O aturdido”, Lacan diz que a não-toda não se “supereu-iza” [*surmoite*] como a consciência universal – quer dizer, o todo fálico, o supereu da proibição – senão que há, além disso, uma parte, a que chama “super-mentade” [*surmoité*], ligada ao não todo fálico, que é uma voz feminina que empuxa ao gozo.

Essa realidade das mulheres, derivada da dupla vertente de seu gozo, o fálico e o não-todo, situa-lhes em uma vizinhança do Real, do furo que lhes confere características interessantes, a se considerar.

Assim, o furo com o qual elas convivem é um empuxe à sublimação, a invenção, a heresia. A ortodoxia fálica segrega, dificulta, enquanto que a heresia introduz o singular, o diferente. O Real, que faz furo na verdade articulada, seria um empuxe à invenção sublimatória, do que dão provas as místicas que presentificam o gozo outro no discurso¹.

Lacan, depois de Freud, faz da feminilidade não o significante de uma norma, senão um lugar fora da norma, que pode às vezes ter um vínculo com a pulsão de morte, especialmente se o que se pretende é eliminá-lo, ignorando a diferença. Será necessário pensar a feminilidade como o que resiste à ordem, à ortodoxia, e está por isso próxima à heresia. As mulheres, em certos aspectos, sempre estão fora da norma, o que é uma forma de loucura, de heterodoxia que lhes é própria.

Além disso, as mulheres, ao serem não todas incautas do falo, sabem dos semblantes, e por isso, podem resistir ao *um* homogeneizador, o qual tem um papel benéfico para a civilização. Esta é a associalidade feminina que rompe os laços que enodam o social, pela sua preferência pelo particular. Em sua resistência ao *um* que gera o semelhante, a heresia do não-todo fálico é um estímulo contra a negação da diferença, da singularidade.

É isso o que Freud não entendeu do papel benéfico das mulheres na cultura, porque o laço com o singular que enoda o Eros feminino evita a ortodoxia fanática do *um*, cujos efeitos mortíferos se fazem presentes ao longo da história.

⁹ Em francês, *nous mène* (nos conduz) é homófono ao *noumeno* kantiano.

¹ C. Soler, *Des hommes, des femmes*, curso 2017-2018, Éditions du Champ lacanien, Coll. Études, p. 173

Dar lugar à essa singularidade, à essa heteridade social das mulheres, é imprescindível, já que as diferenças que não passam ao laço social se revertem automaticamente em diferentes práticas discriminatórias.

Não é somente no laço social que se deve acolher a alteridade. Suportar a singularidade, a diferença dos analisantes, de cada um, independentemente de sua posição sexual, respeitando o gozo singular, sem levá-los à ortodoxia, é tarefa do analista e também da Escola.

Tradução: Leonardo Lopes

HERÉTICOS HORS CLASSE¹

Colette Soler
Paris, França

Algo curioso está acontecendo na doxa analítica. Nós nos vangloriamos de sermos heréticos, enquanto que lá, onde se desenvolveram as verdadeiras heresias, vangloriavam-se de não o ser, ou antes, protestavam contra a imputação de heresia. Era o tempo em que as heresias eram possíveis porque os dogmas resistiam, graças às várias ordens dos semblantes, Igreja e poderes do Estado em primeiro lugar, a não ser que, por acidente da história, uma instituição, por exemplo, como a IPA, se transformasse em guardião. Neste caso, seguiam as consequências vitais. Mas elas não são mais válidas, e por uma boa razão: no regime da universalização do sujeito pela ciência, só existem heréticos. Portanto, para redourar o brasão do analista herético, resta apenas a distinção entre o particular das classes globalizantes do bom senso (particular e classe no sentido lógico) e a singularidade inclassificável de “*umaridades*” percebidas nas psicanálises.

O que dizer, então, da heresia que Lacan atribui a Joyce e a si mesmo? Pois não se trata da mesma que a dos grandes heréticos das religiões, mas também não é aquela, difundida, das singularidades únicas. Ela não é desvio com relação ao texto de verdades estabelecidas, seja por dogma ou por doxa comum, mas diz respeito apenas à escolha da via pela qual se toma a verdade.

A de Joyce, que não é meu assunto aqui, tenta tomá-la por vias ingratas, embora diversas, do fora de sentido.

A via, Lacan a evocou muito cedo com o mestre Zen, e muitos se perguntaram o que este tinha a ver com a psicanálise. Ele estava lá, justamente, para indicar uma via distinta daquela que alcança o sentido pela associação livre. Verificamos aqui, como, mesmo em Lacan, a intuição precede a construção. Na entrada de sua própria via há a placa “*eu, a verdade, falô*”, que nada diz sobre o texto da verdade, mas que já diz que a via não irá além de onde a palavra leva. Pouco a pouco, se avançamos pela via da fala com estrutura de linguagem e, em seguida, pelos efeitos da fala e da linguagem, poderíamos anunciar “via sem saída” por causa do meio-dizer, se o real não “surgisse na linguagem” por meio da lógica, combinada com a *materalidade* gozada de *lalíngua*. É, portanto, herética essa via lacaniana que vai da

¹ N.T.: Literalmente, “fora de classe”. A expressão “hors classe” é utilizada na administração francesa para designar o grau mais elevado de uma classe (de professores, de funcionários públicos, p.ex.).

verdade ao real, para pensar os caminhos de uma análise que deveria seguir a mesma via. Não é necessário atravessar nenhum dogma, nem mesmo que seja o da doxa de Escola, mas sim o “não quero saber de nada disso” que, ele, é muito mais tenaz que todos os dogmas, esse “não quero saber de nada disso” de que não há resposta de saber. Aí está o *hic*. Assim, a prudência nos indicaria não nos vangloriarmos com a heresia, porque tudo indica que ela não está ao alcance de todos e também devemos esperar que o dispositivo do passe tome cuidado para não emitir certificados de heresia.

Há ainda um outro fator divertido na psicanálise: é o herético indetectável. Não digo mascarado, digo indetectável. De fato, o desejo inédito que é necessário para a análise e o ato que não faz escabelo, não são eles heresias com relação às singularidades ordinárias que só tem como lei sua unaridade de gozo? Sem dúvida, mas como dizia Lacan, quem é... onde está... o analista, esse herético? Sua heresia, por ser operatória, é, no entanto, tão discreta quanto não identificável por um nome próprio. Não se pode outorgá-la, tanto quanto o título de analista. Nenhum anel para os iniciados. Consequentemente, podemos supô-la tanto sob os traços dos analistas apegados ao escabelo que se multiplicam hoje em dia, como em todas as posturas que eles estão dispostos a apresentar ao mundo.

Tradução: Elisabete Thamer

Revisão: Graça Pamplona

UMA INDIZÍVEL TRANSMISSÃO

Sophie Rolland-Manas

Narbonne, França

“[...] *o que se reduz unicamente a si mesmo está destinado a perecer* [...]”¹

O encontro do real, quando a análise conduz a isso, é a prova mesma da cura, o instante onde o analisante colide com a verdadeira castração. Esse lugar é aquele do encontro com o irreduzível, aquele da hiância no próprio seio de nosso ser de desejante. Nenhuma práxis mais do que a análise, disse Lacan, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real². Se toda prática consiste em abordar os dados do “real”, a psicanálise tem essa especificidade de se orientar, de se dirigir até o furo do real. Para isso, há todo o trabalho da análise, o da escavação das palavras, o da exaustão do sentido, até a depuração. Ao final do percurso, a passagem pelo real fora do sentido pode levar o sujeito a alguns traços de sua *lalíngua*.

Paradoxo de um trajeto longo e complicado, salpicado de tumultos e de momentos cruciais, que ao final se traduz por uma redução ínfima. Apenas um vislumbre de um pedaço de real, de um resto incurável de gozo. Surgimento do *duende*³, diria o poeta

¹ R. Juarroz, *Fragments verticaux* [Fragmentos verticais], traduzido do espanhol por S. Baron Supervielle, José Corti, 1994, p. 97.

² J. Lacan, *O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998, p.55.

³ O *duende*: palavra intraduzível que tem raízes na cultura do flamenco e do “*cante jondo*”, canto profundo, do fundo do ser. Cf. F. G. Lorca, *Jeu e théorie du duende* [Teoria e prática do duende], L’arche, 2007.

Federico Garcia Lorca, nome do intraduzível alojado no fundo do ser. Um traço encontrado, reencontrado por um ponto de coincidência com *lalíngua*. Um furo do real como ponto de impossível a representar, ponto de ausência. Alcançar isso, firma a marca do sujeito com sua “diferença absoluta”. É a partir dessa diferença, e somente dela, que algo de uma transmissão é possível. De um singular da experiência a um endereçamento a uma comunidade de experiência, a uma Escola... e em outro lugar. É nessa perspectiva que se pode entender a questão da transmissão. É com o que se encontrou como resto intraduzível no encontro com o real, a partir da experiência psicanalítica “tomada em intensão”, que se podem produzir os movimentos, a invenção, o novo no campo da psicanálise “colocado em ‘extensão’”.

Isso faz eco com o que disse Roberto Juarroz em um poema a respeito da poesia, “[...] O que se reduz unicamente a si mesmo está destinado a perecer [...]”⁴. Apostemos que, por haver adquirido um saber sobre o impossível, se desprendem algumas ressonâncias de pedaços de saber mais além da experiência. Cada um com seu saber fazer [*savoir y faire*], com sua maneira de sustentar a borda, de sustentar-se nisso, entre o singular e o coletivo. De manter aí a distância, um “ao lado”, resultante da experiência. Basicamente, deixar um lugar à heresia e uma possível abertura aos instantes heréticos, não é isso o resultado da operação analítica?

Pode ser que um pedaço de poema possa dar pista de uma ressonância. “[...] A poesia crê perceber esses instantes heréticos. É aí que reside talvez seu destino maior: reconhecer essas ilhotas de presente que caem como uma lucidez plúmbea no centro do ser”⁵.

Para continuar pensando a psicanálise e contribuir para “ampliá-la”, o essencial não reside em se manter sobre a borda entre Escola e estilo de cada um?

Cuidemos do todo herético, todos heréticos! Que deslizaria, re-deslizaria em direção à ortodoxia.

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

SER HERÉTICO DA BOA MANEIRA

Adriana Grosman
São Paulo, Brasil

“É preciso escolher a via por onde tomar a verdade¹.” Heresia Lacaniana?

É preciso, não como necessário, senão indicando o preciso caminhar de um lugar para se chegar a outro, outro a que se chega sem saber, pois trata-se do impossível, saber impossível. Neste sentido há uma escolha, um corpo colocado em jogo para este alcance. A escolha é precisa, só se sabe depois de ter avançado e esvaziado os significados, antes grudados a este corpo ex-sistente.

Este caminho não é ortodoxo, rigoroso, nem exato, mas sim herético.

⁴ R. Juarroz, *op. cit.*

⁵ *Ibid.*, p. 111.

¹ J. Lacan, *O seminário, livro 23: o sinthoma*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007, p. 16.

O termo heresia foi utilizado primeiramente pelos cristãos, para designar ideias contrárias a outras aceitas, sendo aquelas consideradas como “falsas doutrinas”. Foi utilizado tanto pela Igreja Católica como pelas Igrejas Protestantes, ambas argumentando que heresia é uma doutrina contrária à Verdade que teria sido revelada por Jesus Cristo, ou seja, que é uma “deturpação, distorção ou má-interpretação” da Bíblia, dos profetas e de Jesus Cristo.

Desalojar a verdade do seu lugar instituído e acreditado como tal não é um caminho fácil, nem ensinado, mas experimentado e quiçá transmitido.

Alguns escolhem experimentá-lo numa análise e decidem ir até um fim, fim este preciso, no sentido da via por onde se toma a verdade. Uma vez feita a escolha, diz Lacan, “não impede ninguém de submetê-la à confirmação, ou seja, de ser herético de uma boa maneira. A boa maneira é aquela que, por ter reconhecido a natureza do sintoma, não se priva de usar isso logicamente, isto é, de usar isso até atingir seu real, até se fartar²”.

Não é fácil acompanhar os dizeres de Lacan, muitas vezes soam como provocação, o que viria a ser o herético de uma boa maneira? Talvez por isso Lacan frise tanto quem o escuta e como o escuta.

Assim, submetê-la a confirmação, a escolha, parece falar do testemunho que um se presta a dar para falar desta, não qualquer uma, mas do caminho escolhido por onde se toma a verdade. Uma deturpação, óbvia da qualidade de ortodoxo, dos sistemas instituídos. Porque o que tem valor é o ‘conte do seu achado único’.

A indicação seria, brincar com a língua, provocar a escuta, isso é preciso para avançar neste caminho nada linear e necessário da ortodoxia à heresia.

Para nós, clínicos, uma falsa doutrina conhecida chama-se fantasia, ou seja, a montagem fantasmática que leva os sujeitos a seguirem à risca, estritamente, normas e regras sem nem mesmo questionar, caminho *Todo* ilusório onde é fácil tropeçar nessas verdades e não equivocar. Faz parte.

Por outro lado, o analista tem apenas “o equívoco como arma contra o sintoma³.”

É no trabalho preciso, exercício da transferência, que este (o analista) relança o sujeito perdido em meio de suas repetições, voltas e mais voltas para que algo do ato se apresente e solte alguém de alguém, o um do dois, até mesmo a voz, que poderá estar livre para ser outra coisa que substância, como aponta Lacan.

Dito isso, não é o bastante, o analista ainda tropeça no deixar aí este objeto insensato chamado “*a*”. Se vale uma dica, Lacan a faz, em “A terceira”: “É isso, o que se pega no cerramento do simbólico, do imaginário e do real como nó. É ao pegá-lo bem que vocês podem responder ao que é sua função: oferecê-lo ao analisante como causa do desejo dele. É isso que se trata de obter. Mas se vocês ficam com a pata presa aí também não é muito bom. O importante é que isso se passe às custas de vocês⁴.”

O trabalho do analista não é simples, apontar para o lugar do vazio não é para qualquer um. Talvez seja esta a boa maneira.

Há um ponto preciso, do instante, da clínica, do encontro com o impossível de dizer, só dito pela serie(dade) de analistas numa Escola não ortodoxa, onde a cada vez se é perguntada sobre os ouvidos abertos para escutar e corpos sensíveis a esvaziar, até que possa deixar a voz se soltar. A cada vez uma escolha precisa.

² *Ibid.*, p. 16.

³ *Ibid.*, p. 18.

⁴ J. Lacan, “A terceira” [1974], *Cadernos Lacan*, v.2, Porto Alegre, APPOA, 2002, p. 10.

PRÓXIMOS EVENTOS

2ª CONVENÇÃO EUROPEIA
DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO

Jornada da Escola - 9 de julho
Língua(s) e passe

Jornadas da IF - 10 / 11 de julho

**O QUE PASSA ENTRE
AS GERAÇÕES**

ROMA 9-10-11 DE JULHO 2021
www.praxislacanianiana.it/convegnoroma/

Roma Eventi / Piazza di Spagna - Via Alibert, 5A - Roma 00186
Para informações: +39 0632111537 / +39 3663733318
www.praxislacanianiana.it - euro2021roma@gmail.com

IECL
EPCL

a

TEMA DA JORNADA EUROPEIA DE ESCOLA

LÍNGUA(S) E PASSE

<https://www.praxislacanianiana.it/convegnoroma/>



IV JORNADA INTERAMERICANA DA ESCOLA DE
PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO

A ESCOLA FRENTE À URGÊNCIA
RESPOSTAS, RESISTÊNCIAS?

Sexta - feira, 19 de Novembro 2021 Comissão Organizadora:
14 às 18 hs. Argentina/Brasil Sandra Berta - CIG Brasil
13 às 17 hs. Porto Rico Julieta De Battista - CIG ALS
12 às 16 hs. Colombia María de los Angeles Gómez-CIG ALN
11 às 15 hs. Colorado Fernando Martínez - CIG ALS
Beatriz Oliveira - CIG Brasil

 MODALIDADE VIRTUAL
TRADUÇÃO SIMULTÂNEA
Espanhol - Ingles - Portugues

jornadaepfclamericas@gmail.com

A **Jornada de Escola** se realizará em 19 de novembro e estará sob responsabilidade dos membros do CIG da AL (2020-2022): Maria de los Ángeles Gomez (ALN), Sandra Berta y Beatriz Oliveira (EPFCL-Brasil), Fernando Martinez e Julietta de Batista (ALS).



SIMPÓSIO ON LINE
INTERAMERICANO 2021
INTERNACIONAL DOS FÓRUNS
SCOLA DE PSICOANÁLISE
DO CAMPO LACANIANO

**TRANSFORMAÇÕES
DA ANÁLISE E DA
CLÍNICA EM 2021**

TECNOLOGIA
TEMPO
TOPOLOGIA

20 NOVEMBRO 2021

TRADUÇÃO SIMULTÂNEA
ESPAÑHOL INGLÉS PORTUGUÊS



simposioifepfclamericas@gmail.com

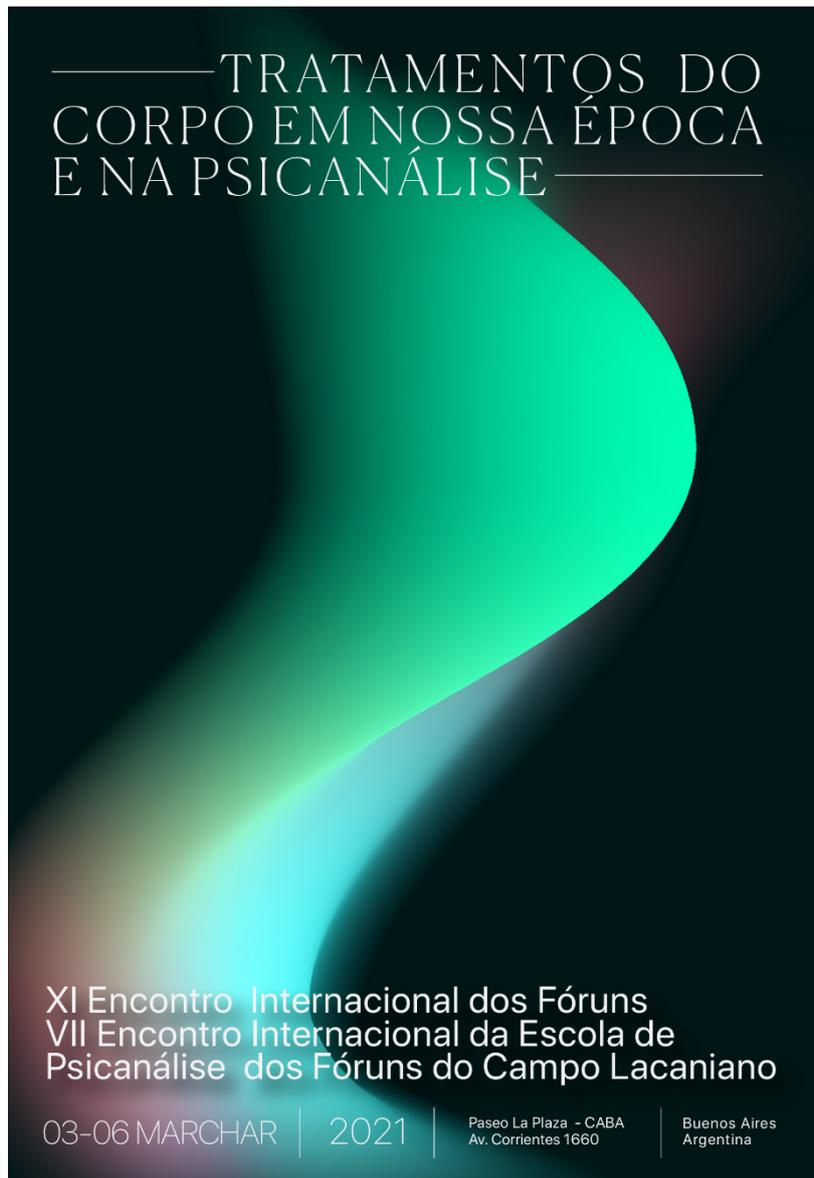
O **Quarto Simpósio Interamericano da IF-EPFCL** irá se realizar on-line no dia 20 de novembro de 2021. Terá como tema: **Transformações da análise e da clínica em 2021**

**Tecnologia
Tempo
Topologia**

Comissão Organizadora: Ana Laura Prates (EPFCL-Brasil), Matias Buttini (América Latina Sul), Ricardo Rojas (América Latina Norte).

Comissão Científica: Mantém-se a mesma Comissão Científica que estaria encarregada pelo Simpósio em Puerto Rico: Maria de los Ángeles Gomez, Dyhalma Ávila, Mailen Souchet (ALN- Puerto Rico), Mario Brito, Gloria Patricia Pelaez, Beatriz Maya (ALN), Antonio Quinet, Sonia Alberti, Sandra Berta (EPFCL- Brasil) e Gabriel Lombardi, Alejandro Rostagnotto, Gabriela Zorzutti (ALS).

O **Quinto Simpósio Interamericano** será realizado em Puerto Rico nos dias 6, 7 e 8 de julho de 2023. Dessa maneira, Puerto Rico se mantém como sede do próximo Simpósio presencial. O tema se mantém também “Segregação e singularidade”. O tema da Jornada de Escola se decidirá e estará sob responsabilidade dos membros do CIG da AL (2022-2024)



TRATAMENTOS DO
CORPO EM NOSSA ÉPOCA
E NA PSICANÁLISE

XI Encontro Internacional dos Fóruns
VII Encontro Internacional da Escola de
Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

03-06 MARCHAR | 2021 | Paseo La Plaza - CABA
Av. Corrientes 1660 | Buenos Aires
Argentina

NOVAS DATAS:

DE 29 DE JUNHO A 3 DE JULHO DE 2022

Wunsch 21 foi editado pelo CAOÉ 2018-2020, composto por: Beatriz MAYA, Ana Laura PRATES, Elisabete THAMER e Camila VIDAL, com a colaboração de Ana CANEDO, Maria Claudia DOMINGUEZ e Daniella FERRI.

AGRADECIMENTOS

O CIG 2018-2020 agradece afetuosamente a todos os colegas que, nos cinco idiomas, contribuíram com o trabalho de tradução. Sem esse importante esforço coletivo, seria impossível publicar periodicamente nossos debates de Escola e, assim, vivificar sua dimensão internacional.

TRADUTORES EM LÍNGUA FRANCESA

RITHÉE CEVASCO, ISABELLE CHOLLOUX, VICKY ESTEVEZ, ROSA GUITART-PONT, ANDRÉA HORTÉLIO FERNANDES, CLAIRE PARADA, ELISABETE THAMER

TRADUTORES EM LÍNGUA ESPANHOLA

RITHÉE CEVASCO, MARIE-JOSÉ CRESPO, ROSA ESCAPA, VICKY ESTEVEZ, MARÍA LAURA FRUCELLA, BEATRIZ MAYA, LEONARDO RODRIGUEZ, MARIA LUISA RODRIGUEZ, RICARDO ROJAS, CAMILA VIDAL, BEATRIZ ZULUAGA

TRADUTORES EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA LAURA CURY SILVESTRE, IDA FREITAS, MARIA CLAUDIA FORMIGONI, SÉRGIO GARRIDO PINHEIRO, JAIRO GERBASE, ANDRÉA HORTÉLIO FERNANDES, LEONARDO LOPES, ÂNGELA MUCIDA, GRAÇA PAMPLONA, ELISABETE THAMER

TRADUTORES EM LÍNGUA ITALIANA

MARIA CRISTINA BARTICEVIC, MARIA LUISA CARFORA, ANGELA COPPOLA, MARIA EUGENIA COSSUTTA, MARIA CLAUDIA DOMINGUEZ, FRANCESCA CREMATO, PATRIZIA GILLI, ISABELLA GRANDE, ANTONIA IMPARATO, MÉLANIE JORBA, MARIA TERESA MAIOCCHI, PAOLA MALQUORI, CARMINE MARAZZO, DIEGO MAUTINO, EVA ORLANDO, MARIA ROSARIA OSPITE, AMBRA PROIETTI, CECILIA RANDICH, LUCRECIA RICCONI, GRAZIANO SENZOLO, MARINA SEVERINI, MICHELA SIVIERI, IVAN VIGANÒ, LEILA ZANNIER

TRADUTORES EM LÍNGUA INGLESA

SUSANNA ASCARELLI, VICKY ESTEVEZ, ESTHER FAYE, DEBORAH MCINTYRE, ALBERT NGUYÊN, SARA RODOWICZ-ŚLUSARCZYK, LEONARDO RODRIGUEZ, SUSAN SCHWARTZ, DEVRA SIMIU, NICOL THOMAS, JAN TKACZOW, ELODIE VALETTE, ANNA WOJAKOWSKA-SKIBA, GABRIELA ZORZUTTI

SUMÁRIO

O SABER, SE INVENTA? ENCONTRO COM AEs

Abertura, <i>Elisabete Thamer</i> (França)	03
Andréa Franco Milagres (Brasil), <i>O saber, se inventa?</i>	04
Alejandro Rostagnotto (Argentina), <i>O saber, se inventa?</i>	10
Adriana Grosman (Brasil), <i>O saber, a gente inventa pra “se distrair”</i>	16
Julieta De Battista (Argentina), <i>Os saberes da análise no devir analista</i>	20

CONTRIBUIÇÕES DOS CARTÉIS DO CIG

Beatriz Maya (Colômbia), <i>O passe entre linhas</i>	28
Andréa Hortélio Fernandes (Brasil), <i>A aposta do plurilinguístico no passe</i>	31
Camila Vidal (Espanha), <i>O não-todo do cartel</i>	34
François Terral (França), <i>O dispositivo do passe e a crise sanitária</i>	36
Albert Nguyên (França), <i>Que transmissão? Do pai-formado à performance</i>	41
Dominique Marin (França), <i>Zoom no passe, plurilinguismo e intraduzível</i>	45
Vicky Estevez (França), <i>Qual enodamento, qual dizer?</i>	48
Ana Laura Prates (Brasil), <i>Com as janelas abertas para o passe</i>	51
Rosa Escapa (Espanha), <i>Redobramento de saber</i>	53
Elisabete Thamer (França), <i>Passe, testemunho, tradução</i>	56
Nicole Bousseyyroux (França), <i>Em-caso de urgência</i>	60
Bernard Nominé (França), <i>O argueiro ou a trave?</i>	62

DOSSIÊ ESPECIAL: “PRELÚDIOS”

ORTODOXIA E HERESIA. OS SABERES NA PSICANÁLISE

Ana Laura Prates (Brasil), <i>A heresia lacaniana</i>	65
Camila Vidal (Espanha), <i>A heresia do impossível</i>	66
Julieta De Battista (Argentina), <i>As tentações do analista</i>	67
Rithée Cevasco (Espanha), <i>Acerca da ortho-doxa</i>	69
Carmen Lafuente (Espanha), <i>A não-toda e a heresia</i>	71
Colette Soler (França), <i>Heréticos fora de série</i>	72
Sophie Rolland-Manas (França), <i>Uma transmissão indizível</i>	73
Adriana Grosman (Brasil), <i>Ser herético da boa maneira</i>	74

PRÓXIMOS EVENTOS	76
-------------------------	-----------

